UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MÁRCIO MONTENERI

As Domus Ostienses:
Poder e Resistência na Antiguidade Tardia (séculos IV-V d. C.)

Versão Corrigida

São Paulo
2019

MÁRCIO MONTENERI

As Domus Ostienses:
Poder e Resistência na Antiguidade Tardia (séculos IV-V d. C.)

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira

São Paulo

2019

Nome: MONTENERI, Márcio.

Título: As *Domus* Ostienses: Poder e Resistência na Antiguidade Tardia (séculos IV-V d.C.)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Marcelo Cândido da Silva

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento:

Prof. Dr.: Carlos Augusto Ribeiro Machado

Instituição: University of St Andrews

Julgamento:

Profa. Dra.: Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento:

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Márcio Monteneri

Data da defesa: 18/06/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Julio Cesar Magalhães de Oliveira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 24/08/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

À Tereza

Agradecimentos

Sou grato ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo apoio financeiro e institucional tornou possível a realização desta pesquisa. Agradeço ao professor Julio Cesar Magalhães de Oliveira pelos ensinamentos, pela paciência e credibilidade dada ao meu trabalho. Sinto-me privilegiado em tê-lo como orientador.

Agradeço à professora Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos e aos professores Carlos Augusto Ribeiro Machado e Marcelo Cândido da Silva por terem aceitado participar de minha banca. Não tenho dúvidas de que meu trabalho em muito ganhará com a leitura, as críticas e sugestões realizadas por essa comissão julgadora.

Agradeço a todos os membros do grupo de pesquisa sobre os grupos subalternos e as práticas populares na Antiguidade Greco-Romana (GSPPA) pelas discussões enriquecedoras que temos travado desde sua criação. Sou grato especialmente ao Pedro Benedetti pelas traduções e por ter me dado verdadeiras aulas de latim ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Também ao Giovan do Nascimento por, desde o início, me ouvir e discutir pontos importantes deste trabalho e ao Rafael Monpean por suas constantes indicações de referências bibliográficas.

Agradeço a Jan Theo Bakker, Eric Taylor, Martin Langner, Mary Jane Cuyler e Francis Brenders por facilitarem meu acesso aos grafites, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

Agradeço a minha companheira Bruna De Ré por ter suportado conviver comigo durante o processo de escrita desta pesquisa, por ter lido e revisado meu texto inúmeras vezes, por ter me ensinado a melhorar minha escrita e a manter a calma.

Por fim, agradeço a minha família, pois sem ela dificilmente eu teria chegado até aqui.

Resumo

MONTENERI, Márcio. **As *Domus* Ostienses:** Poder e Resistência na Antiguidade Tardia (séculos IV-V d.C.). 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Os estudiosos das casas de elite (*domus*) datadas da Antiguidade Tardia, em geral, têm como foco os usos das mansões pelos proprietários. Nessa perspectiva, considera-se que as mansões eram planejadas de maneira a possibilitar e maximizar o poder dos aristocratas em inúmeras ocasiões. Os demais usuários das casas, no entanto, são tidos como meros receptáculos passivos da hegemonia aristocrática. Essa dissertação, a partir de um estudo de caso da cidade de Óstia (séculos IV e V d.C.), leva em conta os usos das mansões enquanto formas de afirmação do poder dos proprietários, mas também suas apropriações pelos grupos subalternos. Analiso evidências arqueológicas, epigráficas e textuais com o intuito de ter uma visão mais aprofundada sobre o tema.

Palavras-chave: *Domus*. Óstia. Aristocracia. Poder. Grupos Subalternos. Resistência. Antiguidade Tardia.

Abstract

MONTENERI, Márcio. **The Ostian Domus: Power and Resistance in Late Antiquity** (IV-V AD centuries). 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The scholars of the elite houses (*domus*) dating from Late Antiquity, in general, focus on the uses of the mansions by the owners. From this perspective, the mansions are considered to be designed to enable and maximize the power of aristocrats on numerous occasions. The other users of the houses, however, are regarded as mere passive receptacles of aristocratic hegemony. This dissertation, based on a case study of the city of Ostia (4th and 5th centuries AD), takes into account the uses of the mansions as forms of affirmation of the power of the owners, but also their appropriations by the subaltern groups. I analyze archaeological, epigraphic and textual evidence with the intention of having a more in-depth view on the subject.

Keywords: *Domus*. Ostia. Aristocracy. Power. Subaltern Groups. Resistance. Late Antiquity.

Lista de Imagens

- Imagem 1. Plano idealizado da casa romana, segundo August Mau. p. 10
- Imagem 2. Modelo interpretativo sobre as casas de Pompeia, proposto por Wallace-Hadrill. P. 10
- Imagem 3. Distribuição topográfica das *domus* datadas da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.) em Óstia. p. 26
- Imagem 4. *Domus della Fortuna Annonaria* vs. *Domus del Protiro*. p. 27
- Imagem 5. *Domus delle Colonne* vs. *Domus dei Pesci*. p. 30
- Imagem 6 – Estrutura preexistente da *Domus delle Colonne* e *Domus dei Pesci*, por volta de 190 d.C. p. 31
- Imagem 7 – Planta baixa da *Domus delle Colonne* e *Domus dei Pesci* no século III d.C. p. 31
- Imagem 8 – *Domus dei Dioscuri* vs. *Domus del Ninfeo*. p. 34
- Imagem 9 – Distribuição das casas de elite em relação ao fórum, em Óstia, na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.). p. 37
- Imagem 10 – Fórum da cidade de Óstia. p. 38
- Imagem 11 – Inscrição datada da Antiguidade Tardia recordando a transferência de uma estátua para o fórum. p. 40
- Imagem 12 – Base inscrita datada da Antiguidade Tardia encontrada no fórum de Óstia. p. 41
- Imagem 13 – Grafite G0509 encontrado no fórum de Óstia. p. 41
- Imagem 14 – Distribuição das casas de elite em relação às termas, em Óstia, na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.). p. 45
- Imagem 15 – Distribuição das casas de elite em relação às vias e aos portões de Óstia, durante a Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.). p. 48
- Imagem 16 – *Ninfeo degli Eroti*. p. 54
- Imagem 17 – Fachada da *Domus del Protiro*. p. 62
- Imagem 18 – Entrada da *Domus della Fortuna Annonaria*. p. 63
- Imagem 19 – Planta baixa da *Domus dei Pesci*. p. 65
- Imagem 20 – Planta baixa da *Domus delle Gorgoni*. P. 67
- Imagem 21 – Pinturas parietais no vestibulo da *Domus del Ninfeo*. p. 68
- Imagem 22 – *Ninfeo da Domus di Amore e Psiche*. p. 70
- Imagem 23 – Planta baixa da *Domus del Tempio Rotondo*. p. 71

Imagem 24 – Planta baixa da Domus del Ninfeo. p. 72

Imagem 25 – Planta baixa da Domus dei Dioscuri. p. 72

Imagem 26 – Pátio A visto da sala B da Domus del Ninfeo. p. 73

Imagem 27 – Planta baixa da Domus delle Colonne. p. 74

Imagem 28 – Nicho situado no pátio da Domus delle Colonne. p. 74

Imagem 29 – Planta baixa da Domus del Protiro. p. 76

Imagem 30 – Reconstrução em 3D do subsolo da Domus del Protiro. p. 77

Imagem 31 – Mosaico na sala H da Domus dei Dioscuri. p. 79

Imagem 32 – Planta baixa da Domus della Fortuna Annonaria. p. 81

Imagem 33 – Sala 15 da Domus della Fortuna Annonaria vista do pátio. p. 81

Imagem 34 – Estátua situada no corredor da Domus della Fortuna Annonaria. p. 82

Imagem 35 – Desenho do mosaico na sala I da Domus dei Dioscuri. p. 84

Imagem 36 – Planta baixa da Domus delle Gorgoni. p. 86

Imagem 37 – Mosaico na sala 17 da Domus delle Gorgoni. p. 87

Imagem 38 – Mosaico visto da entrada do cômodo 17 na Domus delle Gorgoni. p. 88

Imagem 39 – Latrina na Domus della Fortuna Annonaria. p. 90

Imagem 40 – Distribuição dos grafites na Domus delle Muse. p. 135

Imagem 41 – Grafite G0247 situado na fachada da Domus delle Muse. p. 135

Imagem 42 – Grafite G0248 situado na fachada da Domus delle Muse. p. 136

Imagem 43 – Grafite com a palavra "Conticuere" no portão das Case a Giardino. p. 136

Imagem 44 – Desenho do grafite com a caricatura do dono da Vila dos Mistérios. p. 137

Imagem 45 – Grafite G0232 na sala 3 da Domus delle Muse. p. 139

Imagem 46 – Desenho do grafite G0389 no vestíbulo da Domus delle Muse. p. 140

Imagem 47 – Grafites (G0228) do farol do Portus e da Coluna de Trajano. p. 141

Imagem 48 – Distribuição dos grafites na Domus del Tempio Rotondo. p. 142

Imagem 49 – Grafite G0058 no pátio da Domus del Tempio Rotondo. p. 143

Imagem 50 – Grafite G0057 no pátio da Domus del Tempio Rotondo. p. 143

Imagem 51 – Grafite representando a veação no pátio da Domus del Tempio Rotondo. p. 144

Imagem 52 – Grafite G0056 no pátio da Domus del Tempio Rotondo. p. 145

Imagem 53 – Grafite de um tabuleiro no pórtico da Schola del Traiano. p. 146

Imagem 54 – Desenho de um grafite de um tabuleiro em um mercado da cidade de Filipos. p. 147

Imagem 55 – Grafite G0059 no pátio da Domus del Tempio Rotondo. p. 147

Imagem 56 – Desenho de um grafite com um busto frontal e dois tabuleiros no teatro de Afrodísias. p. 148

Imagem 57 – Planta baixa da Domus su via degli Augustali. p. 150

Imagem 58 – Grafite G0386 na sala B da Domus su via degli Augustali. p. 151

Imagem 59 – Grafite G0348 no último degrau da escada que levava ao subsolo da Domus del Protiro. p. 152

Imagem 60 – Escada que dava acesso ao subsolo da Domus del Protiro. p. 152

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Condições de implantação das *domus* datadas da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.), em Óstia. p. 21

Lista de Abreviaturas

<i>AJA</i>	<i>American Journal of Archaeology.</i>
<i>AnTard</i>	Antiquité Tardive.
<i>ARC</i>	Archaeological Review from Cambridge.
<i>BABesch</i>	Bulletin antieke beschaving: Annual Papers on Classical Archaeology.
<i>BdA</i>	Bollettino d'arte.
<i>BullCom</i>	Bollettino della Commissione archeologica Comunale di Roma.
<i>CIL</i>	Corpus Inscriptionum Latinarum. Consilio et Auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae Editum (1863–1974) Berlin: Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities.
<i>CNPq</i>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
<i>Hist Arch</i>	International Journal of Historical Archaeology.
<i>IJCT</i>	International Journal of the Classical Tradition.
<i>JLARC</i>	Journal for Late Antique Religion and Culture.
<i>JRA</i>	Journal of Roman Archaeology.
<i>JRS</i>	Journal of Roman Studies.
<i>MAAR</i>	Memoirs of the American Academy in Rome.
<i>MEFRA</i>	<i>Les Mélanges de l'École française de Rome – Antiquité.</i>
<i>MemNap</i>	Memorie dell'Accademia di archeologia, lettere e belle arti di Napoli.
<i>Mnemosyne</i>	Mnemosyne: Bibliotheca classica batava.
<i>PastPres</i>	<i>Past and Present.</i>
<i>RM</i>	Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Römische Abteilung.
<i>SEBarc</i>	Sylloge Epigraphica Barcinonensis.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: OS USOS ESTRATÉGICOS DO ESPAÇO URBANO PELA ARISTOCRACIA	18
CONDIÇÕES DE IMPLANTAÇÃO DAS DOMUS OSTIENSES NA ANTIGUIDADE TARDIA	20
OS PROPRIETÁRIOS VIZINHOS.....	25
AS CASAS E O FÓRUM.....	36
AS CASAS E AS TERMAS.....	44
AS CASAS E AS VIAS.....	47
AS CASAS E AS PROCISSÕES.....	52
CAPÍTULO 2: ORGANIZAÇÃO INTERNA E USOS DAS <i>DOMUS</i> OSTIENSES COMO FORMA DE AFIRMAÇÃO DO PODER ARISTOCRÁTICO NA ANTIGUIDADE TARDIA	59
CONFIGURAÇÃO INTERNA E DECORAÇÃO DAS <i>DOMUS</i> OSTIENSES NA ANTIGUIDADE TARDIA.....	59
FACHADAS.....	61
VESTÍBULOS.....	66
PÁTIOS	69
SALAS DE CULTO.....	75
GABINETE DO DONO	78
SALA PRINCIPAL.....	80
CUBÍCULO	85
LATRINAS	89
TERMAS.....	91
OS USOS DAS DOMUS A PARTIR DAS EVIDÊNCIAS TEXTUAIS.....	92
<i>As Domus em Amiano Marcelino</i>	<i>93</i>
<i>As Domus em Quinto Aurélio Símaco</i>	<i>99</i>
<i>As Domus em Caio Sólito Modesto Sidônio Apolinário.....</i>	<i>107</i>
CAPÍTULO 3: AS MANSÕES AOS OLHOS DOS GRUPOS SUBALTERNOS: DOS USOS COTIDIANOS AOS ATAQUES.....	119
LIMITES E POSSIBILIDADES DAS FONTES	119
<i>Evidências Arqueológicas: a Planta Baixa das Casas</i>	<i>120</i>
<i>Os Dados Epigráficos</i>	<i>121</i>

<i>As Fontes Textuais</i>	122
AS MANSÕES E OS GRUPOS SUBALTERNOS EM AMIANO MARCELINO.....	123
A ARQUITETURA E OS GRAFITES DAS <i>DOMUS</i> OSTIENSES	133
DO COTIDIANO À REVOLTA: AS MANSÕES COMO ALVO	153
CONCLUSÃO	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
FONTES PRIMÁRIAS	165
BIBLIOGRAFIA MODERNA	165

INTRODUÇÃO

As casas aristocráticas (*domus*) foram elementos determinantes na dinâmica das interações sociais, da política e da economia urbana na Antiguidade Tardia e um dos principais meios encontrados pelas elites para exercer seu poder e influência nas cidades. As *domus* mediavam, cotidianamente, transações comerciais, articulações políticas e outras atividades, como banquetes (MACHADO, 2012a, p. 111). Atraíam, dessa maneira, pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais (ÖZGENEL, 2005, p. 238). Todas as manhãs, por exemplo, as mansões eram visitadas pelos clientes, que as procuravam por motivos diversos e saudavam seus patronos em sinal de respeito, no ritual conhecido como *salutatio*. A clientela de um proprietário (*dominus*) ou de um indivíduo no controle (*possessor*) de uma *domus* não se originava unicamente nos grupos mais baixos da sociedade, incluía senadores, burocratas, camponeses ricos e pobres, entre outros (BOWES, 2010, p. 63). Essa ligação entre proprietários e clientes baseava-se em uma troca de bens e serviços procurados pelas partes envolvidas e garantia acesso a privilégios que uma delas não possuía: alguns quantificáveis – um empréstimo, o uso de um servo habilidoso, um dote para o casamento da filha – outros nem tanto – influência no tribunal e apontamento para um cargo, por exemplo (GARDNER e WIEDEMANN, 1991, p. 166). As *domus*, portanto, eram verdadeiros espaços de sociabilidade e, aos olhos das elites, importantes ferramentas para a autopromoção na rivalidade política, econômica e social. Sendo assim, as casas aristocráticas se apresentam como fontes potencialmente valiosas para o estudo e a compreensão das relações humanas que dizem respeito à Antiguidade Tardia.

De modo geral, os estudos das casas de elite do mundo romano são permeados pela noção de que as mansões partilhavam de um esquema tipológico e arquitetônico rigoroso. No final do século XIX, a partir de um estudo de caso das *domus* de Pompeia, o arqueólogo August Mau¹ elaborou um modelo idealizado da “casa romana” (imagem 1). Segundo esse modelo, as residências aristocráticas seriam definidas, acima de tudo, pela presença de um átrio (*atrium*), destinado à recepção de visitantes, e um jardim colunado a céu aberto (*peristylum*), principal fonte de ar e luz. Em torno desses dois

¹ Sobre o ideal da casa romana e uma crítica a esse modelo, ver: GRAHAME, 2003.

ambientes, estariam dispostos de forma precisa e coerente todos os outros cômodos da casa, cada qual com uma função específica.

Imagem 1 – Plano idealizado da casa romana, segundo August Mau.

Fonte: GRAHAME, 2003, p. 163.

Outra característica inerente à casa romana ideal, postulada pela historiografia moderna, trata-se da distinção de seus ambientes internos em públicos ou privados. Segundo Andrew Wallace-Hadrill, estudioso das casas pompeianas, essa diferenciação dos cômodos teria sido criada com o intuito de atender às necessidades dos aristocratas em sua relação com os diferentes grupos que circulavam pela casa (WALLACE-HADRILL, 1994, p. 11-12). Wallace-Hadrill propõe que as residências estariam divididas em dois eixos – público/privado, grandioso/humilde (imagem 2), acessados pelos visitantes a depender de sua proximidade com o proprietário e de sua posição na hierarquia social².

Imagem 2 – Modelo interpretativo sobre as casas de Pompeia, proposto por Wallace-Hadrill.

Fonte: WALLACE-HADRILL, 1994, p. 38.

² Para Wallace-Hadrill (1994, p. 11), uma área poderia ser pública e grandiosa (o átrio dos magistrados), privada e grandiosa (o *triclinium* ou o *cubiculum*), privada e humilde (o quarto dos escravos) ou, ainda, pública e humilde (uma loja, um lavatório público ou um corredor de serviço).

Pesquisas mais recentes, realizadas por estudiosos como Penelope M. Allison (2002) e Mark Grahame (2003), no entanto, problematizam o modelo idealizado e uniforme das casas da sociedade romana, uma vez que seus defensores colocam em primeiro plano a documentação textual e utilizam os dados arqueológicos somente para fins ilustrativos. Em parte, isso está associado à descrição da *domus* feita por Vitruvius durante o século I a.C. em sua obra *De Architectura*, na qual o autor sugere que as casas dos aristocratas seriam formadas por um conjunto de elementos previamente definidos e padronizados, articulados de modo coerente, harmônico e proporcional e deveriam ser divididas em áreas públicas e privadas. Essa visão, como observado por Allison, tem sido projetada sobre as evidências materiais (ALLISON, 2002, p. 3). Todavia, ao se analisar a cultura material em seus próprios termos, esse modelo torna-se insustentável. Quando abordadas em uma perspectiva arqueológica, percebe-se que as casas aristocráticas se destacavam pela diversidade de tamanhos e formas (GRAHAME, 2003, p. 169), assim como pela multifuncionalidade de seus cômodos e artefatos (ALLISON, 2002, p. 65).

A visão idealizada da casa romana e seu estudo em função dos conceitos público *versus* privado repercutiram nos trabalhos sobre as casas da Antiguidade Tardia e originaram um novo problema: a análise das *domus* a partir da dicotomia declínio *versus* continuidade. Para os estudiosos que destacam os efeitos negativos decorrentes da desestruturação do Império Romano, como Simon Ellis (1988, p. 565), durante a Antiguidade Tardia as casas com peristilo – as casas romanas ideais – foram abandonadas ou subdivididas em habitações mais humildes enquanto poucas mansões, arquitetônicas e tipologicamente diferentes, emergiram nas cidades. Nesse período, os cômodos passaram a ser nitidamente delimitados de acordo com seu caráter público ou privado e impunham uma rígida hierarquia social a seus frequentadores. Para Ellis, portanto, essas características das *domus* expressam uma ruptura no que diz respeito às casas da Antiguidade Clássica. Na via contrária, Kim Bowes (2010, p. 33), por exemplo, concebe a Antiguidade Tardia como uma época de transformações e continuidades em relação à Antiguidade Clássica e sublinha as semelhanças entre as residências aristocráticas de ambos os períodos, como a funcionalidade e a organização espacial. Além disso, opõe-se à noção de hierarquização social e discorda que a *domus* da Antiguidade Tardia tenha testemunhado mudanças drásticas no que se refere às áreas públicas e privadas.

Os estudos das mansões de elite da cidade de Óstia durante a Antiguidade Tardia também se fundamentam, implícita ou explicitamente, nos preceitos da casa romana ideal,

assim como nas oposições entre público/privado e declínio/continuidade³. Em 1967, por exemplo, James E. Packer divulgou *The Domus of Cupid and Psyche in Ancient Ostia*, um estudo detalhado da estrutura preexistente, forma física e técnicas de construção de uma única casa aristocrática – a *Domus di Amore e Psiche* – que visava acima de tudo a reconstrução de sua planta baixa. Também Eva Subias Pascual, em 1993, dedicou uma monografia inteira – a saber, *La Domus dels Dioscurs d'Ostia Antica* – à análise das condições de implantação, funções dos cômodos, padrões de circulação, métodos e procedimentos construtivos e arquitetônicos da *Domus dei Dioscuri*. Essas pesquisas foram cruciais para o estudo das casas, porém na medida em que os estudiosos se preocuparam em realizar um exame pormenorizado de sua arquitetura para estabelecer até que ponto a materialidade das *domus* se assemelhava àquela da Antiguidade Clássica, negligenciou-se o contexto urbano em que as casas foram construídas.

Outra perspectiva, adotada por Carlo Pavolini a partir da década de 1980, considera as casas no contexto histórico e urbano de Óstia durante a Antiguidade Tardia. Pavolini, no entanto, mantém-se atrelado à contraposição entre declínio e continuidade. Em seus artigos *L'edilizia commerciale e l'edilizia abitativa nel contesto di Ostia tardoantica* (1986) e *La trasformazione del ruolo di Ostia nel III secolo d.C.* (2002), o autor entende que o surgimento das grandes mansões se deu em virtude da astúcia dos poderosos que souberam aproveitar o declínio demográfico e a crise das funções comerciais, annonaria e produtiva, que ocorreram na cidade a partir da metade do século III d.C. Relaciona, também, a presença das *domus* à recuperação desse centro urbano no século IV d.C. Para Pavolini, os mais prováveis donos das *domus* desse período eram o chefe do suprimento de grãos (*praefectus annonae*) e seu exército de burocratas. Esses funcionários imperiais investiram recursos na cidade, destinados a embelezar e reconstruir edifícios públicos e de culto pagão, conforme atestado por um manancial de estátuas e inscrições honoríficas encontradas pelos arqueólogos. Apesar da reestruturação, Óstia e as elites apresentavam-se diferentes nessa época. Ainda que vários edifícios públicos estivessem sendo restaurados, a aristocracia parecia desejar se distinguir da massa de pessoas que os frequentavam (PAVOLINI, 2006, p. 168-169). Os

³ O trabalho pioneiro sobre as *domus* ostienses é o artigo de Giovanni Becatti, *Case Ostiensi del Tardo Impero*, publicado em 1948 (BECATTI, 1948, p. 102). Nesse texto, o autor apresenta pela primeira vez treze *domus* – escavadas entre 1938-1942 por Guido Calza – e suas principais características, assim como um conjunto de problemas colocados aos campos arquitetônico, artístico e histórico. Viu-se emergir, desde então, uma série de novas pesquisas voltadas ao estudo das casas de elite, a partir de diferentes abordagens.

aristocratas, então, afastavam-se cada vez mais da vida cívica para fechar-se no interior de suas mansões.

Há pouco tempo, em 2011, Carlo Pavolini em *Un gruppo di ricche case ostiense del tardo impero: trasformazioni architettoniche e cambiamenti sociali*⁴, dedicou-se a estabelecer, com base na arquitetura e decoração, funções para os cômodos, bem como os possíveis caminhos que diferentes pessoas – proprietários, servos e clientes – percorriam dentro das *domus*. Nessa análise, mais uma vez, transparecem os conceitos declínio/continuidade e público/privado. Segundo Pavolini, a materialidade das casas aristocráticas implantadas em Óstia até o século III d.C. apresentava continuidades em relação às formas de habitação da era Imperial. Nessa época, as residências possuíam uma única entrada e nenhum dispositivo era empregado para separar eventuais trajetos internos. O pátio central colunado (*peristylum*) mantinha intacta sua natureza de articulação e era indispensável para qualquer movimento dentro das mansões. A partir do século IV d. C., contudo, as poucas casas monumentais construídas nessa cidade passaram a apresentar uma organização de cômodos totalmente diferente em comparação àquela do passado. As residências, por vezes, possuíam mais de uma entrada e o pátio colunado foi substituído por um corredor alongado e por um jardim a céu aberto, o que designava às pessoas de cada grupo social diferentes percursos dentro das *domus*. Logo, enquanto o antigo peristilo atuava como um espaço distributivo que tornava todos os cômodos igualmente permeáveis, a implantação de corredores, muros e entradas separadas era utilizada para orquestrar os encontros sociais no interior das mansões.

Os trabalhos de Pavolini e da maioria dos autores que estudam as casas aristocráticas da Antiguidade Tardia dialogam com questões muito mais amplas, como a reorganização do Império Romano a partir de Diocleciano e Constantino, processo que afetou profundamente as cidades e as elites urbanas. A reconfiguração do poder imperial e seu impacto sobre as cidades tem gerado controvérsias entre historiadores e arqueólogos e tem influenciado diretamente o estudo sobre as *domus*.

⁴ Nesse artigo, Pavolini atualiza o texto de Becatti da década de 1940 ao apresentar edifícios antes desprezados ou considerados como tendo outras funções, mas que são vistos, hoje, como casas aristocráticas. A *Domus su Via del Tempio Rotondo* (IV, IV, 7), por exemplo, foi por um longo período negligenciada até ser retirada do esquecimento por Federico Guidobaldi (1986); o edifício V, VII, 2, até então considerado como a “*schola dos augustales*” passou a ser visto como uma *domus* pelo próprio Pavolini, após refutada a primeira hipótese pela estudiosa Margaret L. Laird (2000); por último, a “*basílica cristã*” deixou de ser concebida como igreja e sede episcopal e passou a ser interpretada por Patrizio Pensabene (1998-1999) e B. Brenk (2005) como sendo a *Domus dei Tigriniani* (III, I, 4).

Em linhas gerais, para conter a crise fiscal e política que se instalara durante o século III, o governo central, por meio da criação de novos cargos, passou a interferir diretamente na administração das províncias. Diocleciano (284-305) subdividiu as províncias em unidades menores, reagrupando-as em dioceses e prefeituras; ampliou, com isso o número de funcionários, ao mesmo tempo em que expandiu massivamente as forças armadas e o número de seus representantes nas cidades. Em seguida, Constantino (306-337) aumentou a quantidade de senadores e abriu novos caminhos que permitiam aos indivíduos obter o título senatorial de *vir clarissimus*. Para autores como Wolfgang Liebeschuetz (2001), interessado pela história das instituições políticas e pela análise da documentação legal da época, a reconfiguração do poder imperial está ligada à desintegração dos conselhos municipais (*curiae*, em latim, ou *boulai*, em grego) e ao concomitante declínio da infraestrutura cívica. As cidades tiveram sua autonomia política e econômica minadas à medida em que os *curiales* foram substituídos por indivíduos – denominados “notáveis” pela historiografia moderna – diretamente apontados pelos imperadores (LIEBESCHUETZ, 2001, p. 3-4). A inexistência, na época, de um termo jurídico para defini-los associa-se à ideia de que os conselhos municipais, cujos membros compartilhavam direitos e deveres hereditários, não foram substituídos por outra instituição, mas sim por um grupo informal sem obrigações cívicas bem definidas, que negligenciava o investimento em obras públicas e destinava recursos a construções privadas, especialmente à edificação e monumentalização de suas casas (LIEBESCHUETZ, 2001, p. 120). Para os estudiosos das casas adeptos dessa visão, a ascensão das mansões aristocráticas reflete a emergência de um grupo seletivo, que exercia total domínio sobre seus inferiores e cuja atuação política isolava-se da vida pública. Suas casas são entendidas como um instrumento de dominação, utilizado para gerir duras formas de patronato, impor distinções sociais mais nítidas entre os grupos dominantes e subalternos e hierarquizar as relações entre as próprias elites.

Na via contrária, autores como Mark Whittow (1990), que trabalha à luz de evidências arqueológicas, consideram que a reconfiguração do poder imperial não se associa ao declínio dos *curiales* e à ascensão de uma nova aristocracia, mas à coexistência de diferentes lideranças nas cidades. Os cargos ofertados pelo imperador eram, muitas vezes, ocupados pelos próprios *curiales* e não por uma elite de natureza distinta (WHITTOW, 1990, p. 10). Para os pesquisadores das casas que compartilham essa perspectiva, as *domus* revelam uma nova conformação da elite, valores culturalmente

diversos e diferentes prioridades e atitudes em relação ao planejamento e à organização do espaço urbano. Ainda assim, a aristocracia era muito presente, mantinha a cidade como base de suas relações sociais e atividades cívicas e suas casas como lugares destinados à troca e à competição social.

Esses estudos, de incontestável importância, permitem identificar problemas fundamentais sobretudo para a História Social. Os pesquisadores tendem a abordar as relações sociais engendradas pelas casas única e exclusivamente do ponto de vista das elites. Esse tipo de abordagem supõe, nas palavras de Edward Palmer Thompson, que as normas criadas pelos grupos dominantes escorriam dos estratos superiores aos inferiores e eram simplesmente acatadas pelos grupos subalternos (THOMPSON, 1998, p. 13). Como Thompson observava a respeito da historiografia sobre o século XVIII inglês, assim também as pesquisas sobre as *domus* na Antiguidade Tardia são imbuídas de uma “perspectiva ultra consensual” que estaria subjacente à sociedade romana, supostamente constituída por um “sistema de atitudes, valores e significados compartilhados” (THOMPSON, 1998, p. 17) e partem da premissa de que a estabilidade, antes que o conflito, caracteriza essa sociedade. No entanto, como Thompson observava, mesmo que os grupos dominantes definam os limites exteriores de uma estrutura de relações de dominação e subordinação, “dentro desse traçado arquitetônico era possível criar muitas cenas e representar diferentes dramas” (THOMPSON, 1998, p. 78).

A concepção normativa das sociedades, nas palavras de Pedro Paulo Funari (2003, p. 82), é “claramente conservadora e ahistórica”. Por um lado, segundo Funari, a visão de uma vida social estagnada e livre de contradições, remete a Aristóteles e sua definição de sociedade como *koinonia*, isto é, uma colaboração mútua entre seus membros (cf. Aristóteles, Política 1252^a7). Por outro, alude aos movimentos nacionalistas e capitalistas que buscavam classificar as nações como entidades cuja marca principal era a solidariedade – um só povo, uma única língua, uma cultura e aspirações em comum (FUNARI, 2003, p. 82). Ao contrário, se reconhecemos que a “heterogeneidade, fluidez e mudanças contínuas” caracterizam as sociedades mais que a “homogeneidade, ordem e limites” (FUNARI, 2003, p. 82-83), as *domus* deveriam ser submetidas a um exame não apenas de como os *domini* instrumentalizavam a arquitetura de suas casas para exercer poder sobre seus dependentes, mas também dos usos feitos pelos indivíduos que não detinham controle sobre elas. Aqui podemos tomar como base os conceitos de

“estratégia” e “tática” apresentados por Michel de Certeau. Certeau (2014, p. 45) chama de “estratégia”:

[...] o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito com um *próprio* e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.

Define, ao contrário, “tática” como:

[...] um cálculo que não pode contar com um próprio nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância.

Dessa maneira, ainda que os aristocratas construíssem suas casas para impelir suas vontades e seus interesses a outros grupos, isso não quer dizer que todas as pessoas que utilizavam as mansões eram dóceis e passivas, tampouco meras “consumidoras” daquilo que lhes era imposto.

O fio condutor deste estudo é a análise das casas de elite (*domus*) da cidade de Óstia, durante a Antiguidade Tardia, ou mais especificamente durante os séculos IV-V d.C., a partir das relações sociais estabelecidas entre proprietários e as pessoas que habitavam, visitavam ou passavam pelas *domus*. Busco entender como as mansões eram estrategicamente organizadas – desde sua disposição topográfica até sua organização interna – para expressar o poder e a influência dos aristocratas, bem como balizar os possíveis usos táticos das *domus* por parte dos indivíduos que não tinham nenhum controle sobre as residências, mas que estavam cotidianamente em contato com elas.

A partir da presente pesquisa, procuro romper com as dicotomias preestabelecidas – público/privado, declínio/continuidade –, ir além do foco elitista dado pela historiografia tradicional às residências aristocráticas e entendê-las em um contexto de relações de poder, no qual a dominação é concebida como uma via de mão dupla entre grupos dominantes e subalternos. Pretendo, ainda, levantar questões que possam ser úteis aos debates relacionados às transformações das elites no Império Tardio e colaborar com as discussões que integram o espaço na análise das relações sociais.

Para realizar o estudo que aqui proponho, utilizo evidências arqueológicas, textuais e epigráficas. O *corpus* material e epigráfico escolhido para análise compreende

as mansões de elite e grafites procedentes do sítio arqueológico de Óstia. Analiso a planta baixa, algumas das características físicas dessas residências e os grafites nelas encontrados, traçando paralelos e comparações entre esses edifícios, além de observar o ambiente urbano particular em que cada um estava inserido. Estudo esse material com o intuito de entender em que sentido as mansões asseguravam o exercício do poder de seus proprietários e o que permitiam aos grupos populares. O *corpus* textual consiste nos escritos de Amiano Marcelino, Quinto Aurélio Símaco e Sidônio Apolinário⁵. Investigo, a partir desses autores, as experiências, os usos, as significações e as expectativas tanto dos proprietários quanto de outras pessoas que habitavam ou frequentavam as *domus*. Além disso, realizo uma leitura às avessas desses textos para extrair de suas entrelinhas histórias subalternas referentes às casas, isto é, informações que seus autores, a princípio, não intencionavam registrar. Confronto essas fontes de naturezas distintas a fim de enriquecer e ampliar o quadro de possibilidades a respeito das relações sociais articuladas pelas casas aristocráticas.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes. No primeiro capítulo, a partir da análise das condições de implantação e do mapeamento das *domus* ostienses, investigo os usos estratégicos do espaço citadino pela aristocracia e como a localização das casas na paisagem urbana articulava o poder dos proprietários⁶. No segundo, analiso a organização interna das *domus* para compreender seus usos planejados pelos aristocratas. Por fim, no terceiro capítulo discuto a apropriação das casas tanto de um ponto de vista interno quanto externo pelos grupos subalternos.

⁵ As fontes textuais utilizadas nesta pesquisa foram, em parte, traduzidas do original em latim por Pedro Benedetti. Outras são de minha autoria, feitas a partir de traduções já existentes em outras línguas.

⁶ Grande parte dos mapas apresentados no primeiro capítulo foram por mim elaborados a partir de outros disponíveis no endereço eletrônico <<http://ostia-antica.org/>>.

CAPÍTULO I: OS USOS ESTRATÉGICOS DO ESPAÇO URBANO PELA ARISTOCRACIA

As elites romanas possuíam diferentes estratégias para exibir seu poder e influência sobre os espaços urbanos. Parte dessas manobras dizem respeito à maneira pela qual os aristocratas escolhiam inserir suas casas dentro das cidades. Em *Aristocratic Houses and the Making of Late Antique Rome*, Carlos Machado demonstra que em Roma, durante a Antiguidade Tardia, as habitações da classe governante tornaram-se parte integrante da vida cívica e ocuparam lugares proeminentes na malha urbana, afirmando o prestígio de seus proprietários (MACHADO, 2012b, p. 23). Apropriaram-se, por exemplo, de monumentos e vias públicas, assim como de prédios de apartamentos (*insulae*) onde pessoas mais humildes outrora viviam. Nesse sentido, as *domus* destacaram-se como elementos decisivos no processo de redefinição da forma física da cidade. A frequência com que essas práticas ocorreram na Antiguidade Tardia revela novos usos dos espaços citadinos e a sobreposição dos interesses privados dos aristocratas aos interesses públicos. Essas novas possibilidades oferecidas às elites urbanas, segundo Machado, são em parte explicadas pelo progressivo distanciamento físico e político da corte imperial em relação a Roma, especialmente durante o século IV d.C. Nessa época, os imperadores ocidentais passavam tempo considerável em Constantinopla e, assim, seu controle sobre as elites residentes em Roma era menos poderoso que nos séculos precedentes (MACHADO, 2012b, p. 1-2). Como consequência, o espaço urbano estava mais exposto aos interesses da elite senatorial. No entanto, a apropriação da cidade pelos aristocratas não foi um processo simples, tampouco levou a sua tomada completa, visto que uma série de leis foram criadas pelas autoridades imperiais visando regular as atividades construtivas privadas.

As amplas transformações políticas ocorridas na Antiguidade Tardia não atingiram somente Roma, mas se estenderam a muitas outras cidades sob o domínio do Império Romano e afetaram diretamente a relação das elites com os centros urbanos. Óstia, que possuía relação estreita com Roma, também passou por mudanças nesse período. Este capítulo é dedicado a compreender quais foram as novidades apresentadas na construção das *domus* ostienses ao longo dos séculos IV e V d.C. e o que revelavam sobre as estratégias de imposição do poder aristocrático no espaço urbano daquela época. A partir da análise do processo construtivo e do mapeamento das mansões de Óstia, exploro os espaços em que foram construídas, como estavam posicionadas em relação a

outras mansões, de quais edifícios e vias se aproximavam, seu grau de acesso e visibilidade na paisagem. Além disso, utilizo fontes textuais com o intuito de criar novas possibilidades de interpretação que possam ser verificadas por meio das evidências arqueológicas. Analiso as cartas de Símaco para melhor compreender os interesses e as ambições de um membro influente da aristocracia por trás da construção de uma *domus*. Considero, também, os escritos de Amiano Marcelino para obter um contraponto sobre a relação das elites com o espaço urbano na Antiguidade Tardia. Esse historiador, afinal, embora de origem aristocrática, tecia duras críticas à elite romana (MATTHEWS, 2007, p. 6).

De início, é preciso considerar algumas particularidades referentes à datação e ao processo de elaboração do material proveniente das ruínas de Óstia. As informações contidas nesse trabalho têm como base, em parte, a datação proposta por Theodora Leonore Heres. As cronologias atribuídas por Heres às diferentes fases das *domus* ostienses são baseadas em técnicas de construção e levam em conta, por exemplo, a espessura da argamassa e a quantidade de tijolos empregados. Esses materiais foram analisados quanto ao tamanho, cor, qualidade, resistência e composição. Heres avaliou rigorosamente uma vasta quantidade de vestígios da arquitetura pública e privada de Roma e Óstia, buscando tornar os dados obtidos comparáveis entre si e enquadrá-los em um esquema cronológico. No entanto, como a própria autora reconhece, esse tipo de estudo não é suficiente para se estabelecer uma cronologia absoluta. Em certos casos, os componentes e as técnicas de uma construção permaneciam inalterados por muito tempo e mesmo diferenças consideráveis nem sempre podem ser tidas como sinal de uma distinção cronológica. No caso de mansões que não foram datadas por Heres, optei pela periodização tradicional, baseada nas análises estilísticas de Becatti (1961) sobre os mosaicos e de Patrick Pensabene (1973) sobre os capitéis. Em geral, portanto, as *domus* ostienses da Antiguidade Tardia carecem de uma datação mais precisa, como aquela baseada em dados estratigráficos.

Durante as escavações iniciadas em 1924, a mando de Benito Mussolini, o sítio de Óstia foi objeto de um intenso trabalho arqueológico, cujo foco era recuperar a cidade do início do período imperial, especialmente a época de Adriano, para apresentá-la na malfadada exposição mundial de 1942. Isso acarretou o descarte de estratigrafias da Antiguidade Tardia e do início do período medieval e levou à falha em reconhecer e datar corretamente as fases mais tardias das construções, muitas vezes atribuídas a séculos

anteriores. Além disso, o sítio foi escavado parcialmente, com maior atenção dada ao centro da cidade. Mesmo os trabalhos mais recentes que tentaram recuperar informações perdidas e reavaliar aquelas que já se conhecia, como o projeto *Kent-Berlin Ostia Excavations* (2008-2011) – chefiado por Luke Lavan, da Universidade de Kent, e por Axel Gering, da Universidade Humboldt – tiveram como foco essa região central. Além dos problemas quanto à datação, portanto, deve-se considerar a possibilidade de que existam casas entre os edifícios já descobertos às quais têm sido atribuídas outras funções, bem como casas que não foram escavadas. Nessa lógica, os resultados apresentados nessa pesquisa devem ser vistos com cautela antes de serem tomados como tendências urbanísticas da época, dada a excepcionalidade do centro da cidade.

Condições de Implantação das Domus Ostienses na Antiguidade Tardia

Há ressalvas quanto à natureza dos vestígios arqueológicos procedentes do sítio de Óstia. Por ora, observo que é significativa a quantidade de residências aristocráticas na cidade entre os séculos IV e V d.C. (tabela 1). No início do século IV d.C., Óstia contava com a presença de ao menos dez mansões, sete delas construídas no século III d.C. e então reformadas⁷, e outras três próprias do período⁸. Outras quatro casas menores, edificadas no final do século III d.C., não apresentam sinais de reparos e, após essa data, portanto, não se sabe por quanto tempo ainda estiveram em funcionamento⁹. De todo modo, é importante ter em mente que o ritmo das construções de moradias aristocráticas parece ter diminuído de modo expressivo a partir de meados do século IV d.C., quando somente duas casas foram erguidas na cidade¹⁰. No início do século V d.C., finalmente, um último par foi construído¹¹. É difícil precisar a quantidade de *domus* na topografia de Óstia durante o século V d.C. pois, entre as casas mais antigas, poucas apresentam reformas datadas dessa época. Parece-me, no entanto, que nessa fase mais tardia a paisagem de Óstia era dominada por um número relativamente pequeno de casas muito grandes que estavam sob a posse de um grupo mais restrito de aristocratas que no passado.

⁷ *Domus del Protiro, Domus delle Colonne, Domus dei Pesci, Domus del Tempio Rotondo, Domus della Fortuna Annonaria, Domus delle Gorgoni e Domus V, VII, 1-2.*

⁸ *Domus presso il Serapeo, Domus sul Decumano e Domus su via del Tempio Rotondo.*

⁹ *Domus del Pozzo, Domus di via della Caupona, Domus di via degli Augustali e Insula dell'Aquila.*

¹⁰ Casas construídas entre 325-300 d.C.: *Domus di Amore e Psiche e Domus del Ninfeo.*

¹¹ Casas instaladas entre 400-425 d.C.: *Domus dei Dioscuri e Domus dei Tigriniani.*

Tabela 1 – Condições de implantação das *domus* datadas da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.), em Óstia.

Denominação e localização	Datação da construção e modificações	Técnica construtiva da mansão	Dimensão aproximada (m ²)	Edifício preexistente	Técnica construtiva da estrutura preexistente
<i>Domus del Tempio Rotondo</i> – I, XI, 2	290 – 300 300 – 325 (Heres)	<i>Opus mixtum e opus vittatum</i>	410	Insula com pátio central (?)	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus delle Gorgoni</i> – I, XIII, 6	250 300 – 325 (Heres)	<i>Opus listatum</i>	380	Insula com pátio central	<i>Opus reticulatum e opus latericium</i>
<i>Domus di Amore e Psiche</i> – I, XIV, 5	325 – 350 (Heres)	<i>Opus listatum</i>	300	Edifício comercial com taberna	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus sul Decumano</i> – III, II, 3	Século IV d.C. (trad.)	<i>Opus vittatum</i>	400	Edifício com taberna	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus del Ninfeo</i> – III, VI, 1	325 – 350 350 – 400 (Heres)	<i>Opus latericium e opus vittatum</i>	700	Edifício com taberna e apartamentos	<i>Opus mixtum</i>
<i>Domus dei Dioscuri</i> – III, IX, 1	400 – 425 (Heres)	<i>Opus latericium e opus vittatum</i>	1000	Insula (e alguns cômodos do edifício III, IX, 2)	<i>Opus mixtum</i>

<i>Domus presso il Serapeo – III, XVII, 3</i>	Século IV d.C. (trad.)	---	620	Complexo para reuniões de culto	<i>Opus mixtum</i>
<i>Domus delle Colonne – IV, III, 1</i>	230 – 250 300 – 350 (Heres)	<i>Opus listatum</i>	900	Edifício comercial (?) um pátio central	---
<i>Domus dei Pesci – IV, III, 3</i>	240 – 250 275 – 300 (Heres)	<i>Opus listatum</i>	520	Construída do zero	---
<i>Domus di via della Caupona – IV, III, 4</i>	270 – 275 (Heres)	<i>Opus vittatum</i>	200	Pórtico de uma insula (?)	---
<i>Domus dell’Aquila – IV, V, 8</i>	Meados do III d.C. (trad.)	---	170	Parte do pátio de Dionísio	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus del Protiro – V, II, 4-5</i>	200 – 235 375 – 425 (Heres)	---	800	Insula com pátio central (?)	---
<i>Domus della Fortuna Annonaria – V, II, 8</i>	300 – 325 350 – 400 (Heres)	<i>Opus vittatum</i>	620	Insula com pátio central	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus dei Tigriniani – III, I, 4</i>	400 – 425 (Heres)	<i>Opus vittatum e opus latericium</i>	---	Insula com pátio central, rua, lojas e parte das termas	<i>Opus latericium e opus mixtum</i>

<i>Domus su via del Tempio Rotondo – IV, IV, 7</i>	Início do IV d.C.	<i>Opus latericium e opus vittatum</i>	750	---	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus del Pozzo – V, III, 3</i>	Meados do III d.C.	---	---	Insula	<i>Opus mixtum</i>
<i>Domus – V, VII, 1-2</i>	270 – 275 290 – 300	<i>Opus vittatum</i>	---	---	<i>Opus latericium</i>
<i>Domus di via degli Augustali – V, X, 1</i>	275 – 300	<i>Opus vittatum</i>	---	Caseggiato com lojas	<i>Opus mixtum</i>

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: as informações contidas na tabela foram extraídas de PAVOLINI (1986b), p. 288-291.

Com exceção da *Domus dei Pesci*, em Óstia as casas de elite foram criadas a partir de estruturas preexistentes que, segundo arqueólogos como Giovanni Becatti (1948, p. 102), em sua maioria são datadas do século II d.C.¹² e pertenceram a edifícios antes destinados ao comércio (*tabernae*) e à moradia popular (*insulae*). Para Carlo Pavolini, o surgimento repentino de casas aristocráticas sobre esses locais já ocupados pode ser entendido como resultado da ausência de espaços vazios em Óstia durante a Antiguidade Tardia. Isso porque, de Trajano (98-117) a Gordiano III (238-244), a cidade experienciou um súbito aumento no número de estruturas públicas e privadas, em virtude de um acelerado desenvolvimento econômico. A partir de meados do século III d.C., entretanto, Óstia teria sido atingida por um declínio comercial e demográfico e, diante de tais circunstâncias, muitos edifícios foram abandonados. Sendo assim, os poderosos e abastados, segundo Pavolini, perceberam uma oportunidade para negociar imóveis a baixo custo e construir suas casas (1986a, p. 243). Contudo, outros edifícios implantados

¹² Em *Rileggendo le domus delle Colonne e dei Pesci*, Pavolini (2014, p. 11) reavalia sua afirmação feita em 1986, na qual diz que a casa foi construída a partir de uma *insula* com pátio colunado. Atualmente, o autor acredita, assim como Heres, que a casa foi erguida do zero. O edifício preexistente existiu, mas estava num nível inferior ao da casa e foi destruído no momento de sua construção.

nos séculos anteriores não foram restaurados na Antiguidade Tardia e grande parte deles também havia sido abandonada. Por que motivos somente aqueles tornaram-se alvo das elites?

Aparentemente, a maioria dos proprietários das *domus* edificadas no século III d.C. se interessaram por certos edifícios abandonados devido à usabilidade de sua forma física. Os aristocratas dessa época construíram suas casas sobre estruturas que já possuíam dimensões e organização interna compatíveis com suas necessidades. Exemplo disso são as *domus del Tempio Rotondo, delle Gorgoni, delle Collone, del Protiro e della Fortuna Annonaria*, que tiveram seus tamanhos condicionados pelas estruturas preexistentes, reutilizaram paredes e a própria planta dos edifícios. Essas casas foram todas construídas no lugar de antigos prédios de apartamentos (*insulae*) que compartilhavam características arquitetônicas semelhantes, como a presença de um pátio central que foi mantido nas *domus*. A meu ver, nesses casos um dos elementos que atraiu a atenção dos donos foi a funcionalidade oferecida pelas estruturas anteriores. Mesmo a *Domus presso il Serapeo*, implantada sobre um antigo complexo religioso, também apresentava um pátio central e em muito se assemelhava às outras casas. Entre o final do século III e o início do IV d.C., parte desse complexo religioso foi reestruturada como uma mansão de elite: ganhou uma nova fachada constituída por um pórtico e nichos destinados à exibição de estátuas, assim como compartimentos aquecidos. Esses novos cômodos adicionados invadiram a *via del Serapide* (PAVOLINI, 2006, p. 134). Nesse período, havia ainda outras três *domus*: a *sul Decumano*, que ocupou antigas lojas e as *su via del Tempio Rotondo* e V, VII, 1-2, implantadas sobre edifícios cuja função é desconhecida pelos arqueólogos.

Em meados do século IV d.C., ao que tudo indica, os aristocratas não mais se restringiram a ocupar estruturas facilmente adaptáveis. A *Domus del Ninfeo*, por exemplo, incorporou dois apartamentos e distorceu parcialmente a organização dessas construções. Nesse sentido, a maior inovação veio com o surgimento da *Domus di Amore e Psiche*, construída sobre o que antes eram lojas e cujo proprietário foi o primeiro a transformar de maneira radical sua infraestrutura.

No século V d.C., as condições de implantação das casas mudaram definitivamente. A *Domus dei Dioscuri*, conhecida por ser a única a possuir termas em seu interior, incorporou uma *insula* e alguns cômodos de um edifício comercial. Além de mudar de maneira profunda a estrutura preexistente, ocupou uma antiga via da cidade com a construção de uma abside monumental que tinha sua convexidade dirigida para a

parte externa. A *Domus dei Tigriniani*, por sua vez, foi erguida sobre uma antiga casa de elite, uma *insula* com lojas em sua fachada, cômodos de termas e uma rua, o que modificou um quarteirão inteiro em pleno centro da cidade. Essas duas casas, construídas em um período mais tardio da história de Óstia, além de responsáveis por uma transformação sem precedentes da malha urbana, eram as maiores da cidade.

Ao que parece, a maioria das *domus* construídas até o século III d.C. ocuparam lugares que tinham caído em desuso e que apresentavam uma forma física oportuna para sua implantação. Nesses casos, os limites das estruturas preexistentes foram mantidos pelos novos proprietários. A partir de meados do século IV d.C., Óstia testemunhou o surgimento de um pequeno número de casas cujo processo construtivo apresentava diferenças marcantes em relação aos séculos anteriores. Nesse período, as elites se impuseram na paisagem urbana independentemente dos obstáculos encontrados, reedificando plenamente estruturas obsoletas e até mesmo bloqueando ruas. Nessa época, portanto, a cidade parece ter atraído a atenção de um grupo seleto de aristocratas com poder o suficiente para transformar a cidade de acordo com seus interesses. Nem tudo, no entanto, pode ser explicado por meio da análise das condições de implantação das *domus*. A partir do mapeamento das casas em Óstia, é possível notar outras mudanças referentes à maneira como os aristocratas usavam o espaço urbano de Óstia para afirmarem seu poder.

Os Proprietários Vizinhos

Muitas das *domus* ostienses eram vizinhas umas das outras, o que pode ter sido motivado por diferentes fatores (imagem 3). Proponho que a coexistência de casas em um mesmo bloco pode ser vista como uma manobra de aristocratas competitivos que visavam afirmar seu poder e se destacar frente a seus vizinhos. Essa proximidade também pode sinalizar a presença de membros de uma mesma família que habitavam uma área em comum da cidade. Como lembra Thébert, pode, ainda, ter sido condicionada em função da distribuição de determinados recursos na cidade, dos quais o próprio funcionamento das mansões dependia, como a água (THÉBERT, 1990, p. 313-314).

Imagem 3 – Distribuição topográfica das *domus* datadas da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.) em Óstia.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: S: *Domus presso il Serapeo*; D: *Domus dei Dioscuri*; N: *Domus del Ninfeo*; SD: *Domus sul Decumano*; T: *Domus dei Tigriniani*; CP: *Domus di Amore e Psiche*; VTR: *Domus su via del Tempio Rotondo*; TR: *Domus del Tempio Rotondo*; P: *Domus dei Pesci*; C: *Domus delle Colonne*; G: *Domus delle Gorgoni*; PR: *Domus del Protiro*; FA: *Domus della Fortuna Annonaria*; SN: *Domus V, VII, 1-2*.

Na Antiguidade Tardia, de acordo com Kim Bowes (2010, p. 95), as casas aristocráticas normalmente concentravam-se em espaços de intensa rivalidade social, nos quais coexistiam elites de diversas categorias – burocratas, *curiales*, militares, por exemplo. Nessas arenas competitivas, os aristocratas investiam capital social e econômico em uma arquitetura que falava por eles, que era capaz de inventá-los, segundo Bowes. Isto é, no agrupamento de casas em uma cidade ou região particular existia um diálogo, um discurso competitivo entre os vizinhos proprietários. As *domus*, portanto, mais que apenas refletir a riqueza e status dos aristocratas ou apenas expressar uma experiência social compartilhada entre eles, asseguravam a distinção entre as elites romanas (BOWES, 2010, p. 95).

O uso estratégico das casas como “máquinas competitivas” entre as elites não foi uma particularidade do Império Tardio. Isso já ocorria no final da República entre representantes dos mais altos escalões da sociedade romana. Conforme proposto por Andrew Wallace-Hadrill (1994, p. 4), naquele período Marco Túlio Cícero (*de Legibus* 3, 30-31) condenou a falta de moderação de Lúcio Licínio Lúculo, que construiu sua casa rural (*villa*) de modo imponente em Túsculo. Lúculo, a respeito dessa crítica, replicou defendendo seu direito de viver à altura de seus dois vizinhos: um membro da ordem equestre (*eques*) e um liberto (*libertinusi*). Yvon Thébaut, por sua vez, lembra que nesse

mesmo período a introdução de colunas de mármore nas casas de um Crasso ou de um Escauro suscitou certo rebuliço nos meios conservadores de Roma. A partir desse episódio, Thébert explica como a introdução do luxo nas moradias dos poderosos foi alvo de amargas críticas por parte da maioria senatorial, que escondia seus receios políticos por trás de argumentos de ordem moral. Ao passo que a residência dos mais poderosos apresentava uma excepcional amplidão, outros aristocratas faziam questão de possuir uma casa que refletisse sua posição social e lhes permitisse desempenhar suas tarefas (THÉBERT, 1990, p. 313).

Alguns aristocratas que instalaram suas casas em Óstia na Antiguidade Tardia parecem ter se preocupado em equiparar suas residências às de seus vizinhos. É o que se observa no caso da *Domus del Protiro* e da *Domus della Fortuna Annonaria* (imagem 4), que ocupavam o mesmo bloco dentro da cidade e estavam separadas pelas *Terme del Filosofo* (V, II, 6-7). A *Domus del Protiro* foi construída no século III d.C. e reformada pela primeira vez no século IV d.C., quando ganhou uma nova entrada monumental com colunas que suportavam um pórtico triangular (*tympanum*). Tal fachada era muito semelhante à da *Domus della Fortuna Annonaria*, cuja construção é atribuída a um período próximo às reformas da *Domus del Protiro*, o que pode sugerir uma tentativa de emulação entre os vizinhos.

Imagem 4 – *Domus della Fortuna Annonaria* vs. *Domus del Protiro*.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: FA: *Domus della Fortuna Annonaria*; TF: *Terme del Filosofo*; PR: *Domus del Protiro*; I: apartamentos.

Apesar dos aparentes esforços de emparelhamento entre esses aristocratas, as duas residências possuíam grandes diferenças. A *Domus del Protiro* era maior (800 m²) e mais alta, tinha 3 andares na parte da frente e 2 nos fundos, além do térreo. Já a *Domus della Fortuna Annonaria* ocupava 620 m² e possuía somente 2 andares superiores (BOERSMA, 1996, p. 153). A localização da *Domus della Fortuna Annonaria*, na esquina da *Semitta dei Cippi* com a *Via della Fortuna Annonaria*, garantia maior claridade e ventilação ao edifício, uma vez que tinha vizinhos apenas em um dos lados. Nesse cruzamento, a exposição da residência era maior e o trânsito de pedestres e veículos era dobrado. A *Domus del Protiro*, por sua vez, por estar entre dois edifícios – à direita um banho público e à esquerda um prédio de apartamentos (V, II, 3) – era mais privada de ar e a luz, assim como menos exposta, já que era visível somente aos passantes da *Semita dei Cippi*.

A partir desse exemplo, parece-me razoável considerar que os aristocratas habitantes de determinado bloco dentro da cidade, ao surgirem outras *domus* nas imediações, deixavam de ser uma marca exclusiva na região, embora nem sempre perdessem sua notabilidade na paisagem urbana. Os recém-chegados tinham a possibilidade de aproveitar as conveniências oferecidas por certas localizações geográficas e de analisar as estratégias já utilizadas para construir suas casas de maneira oportuna. Os já estabelecidos, em contrapartida, aparentemente investiam recursos em reformas a fim de manter a singularidade de suas mansões.

Obviamente, nem todas as modificações construtivas decorriam de disputas entre proprietários. Os aristocratas também financiavam reparos pelo simples fato de que, com o passar do tempo, suas propriedades demandavam manutenções. Em uma das cartas de Símaco (*Ep.* 6, 70), enviada entre 394-402 d.C. à sua filha, cujo nome é desconhecido, e ao marido dela, Nicômaco Flaviano, temos uma ideia do constante envolvimento dos aristocratas em tarefas que diziam respeito à conservação de suas casas. Símaco abre essa epístola desculpando-se por ter passado muito tempo sem entrar em contato com seus familiares, pois havia prolongado seu repouso em uma de suas casas de campo que ficava em Tivoli, na região do Lácio. Em seguida, escreve aos destinatários sobre o desenrolar de algumas obras que estavam sendo realizadas em uma de suas propriedades:

[...] em casa, as rachaduras das paredes deterioradas estão sendo reparadas porque o primeiro construtor priorizou o prazer à solidez, preferiu a rapidez de seu uso à segurança de seus sucessores. Você levanta obras que são novas e hão de perdurar por muito tempo. Dizem

que tens executado trabalhos comparáveis aos de Lúculo¹³. Contudo, ainda assim não gastaremos mais que você, pois o custo para investir de uma só vez em algo sólido é semelhante a aquele gasto para restaurar frequentemente aquilo que não é novo. Passem bem¹⁴.

Nessa carta, inicialmente Símaco deixa claro que uma de suas casas apresentava sinais de deterioração por ter sido malcuidada ou reformada de maneira inapropriada pelo antigo proprietário. Depois disso, elogia Nicômaco por seu envolvimento em construções grandiosas, as quais Símaco compara com os trabalhos de Lúculo. Por fim, o autor comenta que as reformas que financiava em sua casa, mesmo se tratando de algo sólido e abrangente, demandariam a mesma quantia de dinheiro que reformas pontuais feitas para restaurar o que não era novo, tal como fez o antigo proprietário.

Nessa carta, como em tantas outras, Símaco claramente busca se autorrepresentar como um aristocrata capacitado para gerenciar as diversas propriedades da família. De todo modo, fica evidente que as grandes mansões, fossem elas rurais ou urbanas, demandavam manutenções construtivas periódicas. Para evitar futuras perdas, aristocratas como Símaco não hesitavam em custear os reparos necessários. Tal carta, enfim, é importante para nuançar a hipótese de que os aristocratas de uma mesma vizinhança poderiam aprimorar suas mansões por meio de reformas para se destacar um perante o outro.

A vizinhança entre as *domus* também podia estar associada à posse de determinados espaços da cidade por membros de uma mesma família ou por um único dono. A título de exemplo, observa-se que em Óstia a proximidade entre a *Domus delle Collone* e a *Domus dei Pesci* era tamanha que, à primeira vista, pareciam uma única casa (imagem 5).

¹³ Lúcio Licínio Lúculo, cônsul em 74 a.C., famoso por seus gostos refinados.

¹⁴ Simm. *Ep.* 6, 70 (trad. autor): [...] *Nam domi corruptorum parietum discidia sarcuntur, quia frequentationem soliditati conditor primus antetulit et antiquior ei uisa est celeritas utendi quam securitas succedentium. Vos noua et aeuum mansura molimini; siquidem sermo distulit quaedam uos Lucullanis operibus aequanda fecisse. Nec tamen uobis inpendii magnitudine cesserimus. Par enim sumptus est semel solida conlocare et saepe integrare recidentia. Valete.*

Imagem 5 – *Domus delle Colonne* vs. *Domus dei Pesci*.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: P: *Domus dei Pesci*; C: *Domus delle Collone*.

De acordo com Pavolini, as duas foram construídas sobre partes diferentes de uma mesma estrutura preexistente. Para Heres, a área ocupada por essas casas havia sido um edifício comercial, um depósito (*horreum*) ou um mercado (*macellum*). Em oposição, Pavolini argumenta que as plantas dos *horrea*, muito comuns em Óstia, tal qual as dos *macella*, eram decididamente diferentes daquela ocupada pelas duas mansões (imagem 6). Para Pavolini, por certo aquele era um ambiente associado ao trabalho e à prestação de serviços, mas o autor discorda que tenha desempenhado uma função estritamente comercial. Nesse caso, sugere que pode ter sido uma espécie de “escritório” onde tratava-se de negócios – por ora desconhecidos (PAVOLINI, 2014, p. 5).

Imagem 6 – Estrutura preexistente da *Domus delle Colonne* e *Domus dei Pesci*, por volta de 190 d.C.

Fonte: PAVOLINI, 2014, p. 4.

Os pilares que delimitavam a área central desse edifício mais antigo foram mais tarde englobados no muro que separava a *Domus dei Pesci* da *Domus delle Colonne*, o que de acordo com Pavolini pode ser um indício da compra do lote por um mesmo *dominus* (imagem 7).

Imagem 7 – Planta baixa da *Domus delle Colonne* e *Domus dei Pesci* no século III d.C.

Fonte: PAVOLINI, 2014, p. 7.

Nota: em vermelho, representa-se a soma das intervenções construtivas que em ambas as *domus* podem ser atribuídas às décadas 230-250 d.C. Em azul, estão destacadas as modificações datadas entre 275-300 d.C. Em verde, os pilares do edifício preexistente mantidos nas *domus*. As modificações feitas à *Domus delle Colonne* na primeira metade do século IV d.C. estão excluídas do plano.

Como se observa na reconstrução gráfica acima, a *Domus dei Pesci* e a *Domus delle Colonne* além de contíguas podem ter sido construídas e reformadas em um mesmo período. Para Pavolini, no que diz respeito à *Domus dei Pesci*, a fase em vermelho não parece ter sido arquitetonicamente autônoma. Para ele, esse traçado era um esboço, algo incompleto e que por si só não formava uma *domus*. Somente depois da fase azul a casa se tornaria utilizável (baseado nas tipologias recorrentemente encontradas em Óstia). Pavolini, então, sugere que houve uma interrupção na construção da *Domus dei Pesci* por volta da metade do século III d.C ou pouco depois. Em pouco tempo, o autor explica, as obras foram retomadas e finalmente concluídas, mas de acordo com um projeto arquitetônico que, na realidade, nunca sofreu modificações substanciais desde o início de todo o empreendimento (PAVOLINI, 2014, p. 9).

Em uma outra carta de Símaco enviada aos Nicômacos em 395 d.C. (*Ep.* 2, 60), fica evidente que a proximidade física entre dois aristocratas que residiam em uma mesma vizinhança podia ser um sinal das estreitas relações previamente estabelecidas entre eles:

Para construir uma nova casa, desejava um terreno livre próximo a Nápoles, que era de sua propriedade e fazia fronteira com a minha. Você reparte comigo os trabalhos de Lúculo e, para que minha modéstia não me faça recusar sua oferta, dizes que não tem o direito sobre o que, confesso que não sabia, era meu. Devo-lhe minha gratidão. Sem dúvida, não é lícito retomar injustamente o que posso receber de bom grado. Você incita minha paixão construtora: um pórtico de arcada dupla, trabalho sólido e imperecível, se estende ao longo de vários passos; o que construo está próximo e o espaço intermediário pode ser unido com um pequeno trabalho de edificação¹⁵.

O terreno concedido a Símaco estava em um lugar já ocupado por duas famílias que possuíam alianças entre si. Símaco pretendia construir uma nova casa na fronteira – aparentemente o único espaço livre – entre as suas propriedades e as dos Nicômacos, o que a meu ver poderia contribuir para estreitar ainda mais os laços entre ambas as

¹⁵ *Ep.* 2, 60 (trad. autor): *Vacui apud Neapolim soli quod mihi ex tuo adiacet, ut aedes novas molirer, optaueram; tu mecum opera Lucullana partiris, et ne uerecundia refutet oblatum, negas tui iuris uideri, quod ego meum fateor non fuisse. Patere, ut saltem gratiam tibi debeam. Neque enim fas est mala fide me recuperare quod possum bona sumere. Adicis praeterea lenocinia, quibus morbum fabricatoris inrites: geminam porticum solido et incorrupto opere curuatam multis in longitudinem passibus explicari; uicina esse, quae construo, et paruo aedificationis negotio quod interuenit posse misceri. Quid laboras aduersum uerecundiam meam? Ego quoque facio, quod recusas: gratus sum muneri tuo. Sed uereor ne accedente sumptu, dum uetera nouis nitimur aemulari, intellegam maiora te uelle concedere quam me posse reparare. Vale.*

famílias, bem como assegurar e fortalecer sua predominância na região. Outro elemento chave para se pensar nessa carta trata-se do papel das redes aristocráticas na construção dos espaços. Não fica claro a qual família, de fato, pertencia a área que Símaco desejava. Nicômaco, ao que tudo indica, dizia não ter direito sobre a posse do terreno e por isso o entregava a Símaco, seu verdadeiro dono. Símaco, por sua vez, afirmava não ter conhecimento sobre isso mas, ao mesmo tempo, mencionava “não ser lícito *retomar* injustamente” o que poderia receber de um modo honesto e transparente. Nesse sentido, é possível afirmar que as fronteiras eram construídas, sobretudo, com base nos acordos entre as elites, ao contrário de serem bem definidas e previamente estabelecidas. Além disso, é possível observar que as casas eram elementos centrais nesse processo de formação e demarcação dos espaços. Outra possível inferência é de que uma casa não era erguida ao lado de outra apenas quando seus donos se conheciam ou possuíam alianças. Não se pode excluir a possibilidade de que duas casas vizinhas, ainda que sob a posse de pessoas estranhas umas às outras, pudessem engendrar laços afetivos e de camaradagem entre seus proprietários.

Por fim, sugiro que algumas mansões podiam ocupar um mesmo bloco em função de certas instalações públicas – como a rede de distribuição de água ou a presença de esgotos – que não existiam em todo e qualquer lugar da cidade. Esse pode ter sido um dos motivos que dirigiram a proximidade entre a *Domus del Ninfeo* e a *Domus dei Dioscuri* (imagem 8).

Imagem 8 – *Domus dei Dioscuri* vs. *Domus del Ninfeo*.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: D: *Domus dei Dioscuri*; N: *Domus del Ninfeo*. Em azul, a cisterna. Em roxo, o monumento público.

Como se observa na imagem acima, entre essas duas mansões encontrava-se uma cisterna e um monumento públicos. A presença dessas instalações pode ser verificada em um mapa bastante detalhado, criado por Axel Gering (2004, p. 382) e publicado em *Plätze und Straßensperren an Promenaden: Zum Funktionswandel Ostias in der Spätantike*, artigo dedicado a analisar as mudanças que atingiram Óstia na Antiguidade Tardia. Ao que parece, tal cisterna desempenhou papel importante no que diz respeito à localização e orientação dessas casas na topografia urbana. A *Domus dei Dioscuri*, aliás, acomodava justamente em sua ala oeste salas termas e uma cisterna privada. Nesse caso, pode ser que a própria organização interna dos cômodos dessa mansão tenha sido planejada para se ajustar aos arranjos coletivos da cidade. É igualmente importante mencionar que, ao fundo da *Domus del Ninfeo*, encontrava-se um pátio que acomodava um ninfeu monumental, possivelmente abastecido pela cisterna do bairro. Resta saber, no entanto, se quando as casas foram construídas o bloco já contava com a presença dessa cisterna ou, ao contrário, se a presença dos aristocratas é que impulsionou sua construção. Seria importante, também, investigar melhor se a cisterna de fato se conectava às duas mansões por meio de canos ou se dela era possível extrair água apenas manualmente. Em suma, ainda que as hipóteses aqui levantadas demandem uma análise mais detalhada, parece-

me plausível sugerir que, em parte, a distribuição das mansões aristocráticas em Óstia foi condicionada pelas instalações hidráulicas da cidade.

O caso da *Domus del Ninfeo* e da *Domus dei Dioscuri* também permite voltar à hipótese da instrumentalização das casas como ferramentas de disputa entre os aristocratas. Estima-se que a *Domus del Ninfeo* (325-350 d.C.) tenha sido a primeira a surgir na vizinhança. Essa mansão, além de medir 700 m², ocupava o *Decumanus Maximus*, uma das principais vias da cidade ainda nessa época. Mais tarde, passaria a dividir o bloco com a *Domus dei Dioscuri* (400-425 d.C.) e a teria encoberto caso essa última não apresentasse tamanha magnificência. Aparentemente, para se sobressair em relação a seu vizinho que estava em uma localização privilegiada, o proprietário da *Domus dei Dioscuri* compensou sua desvantagem por meio das dimensões monumentais de sua residência, que ocupava uma área com cerca de 1000 m². Sendo assim, embora sua casa estivesse em uma rua secundária (a *Via delle Trifore*) e atrás de uma mansão já estabelecida na paisagem, podia ser vista até mesmo pelos passantes do *Decumanus Maximus*.

O proprietário da *Domus dei Dioscuri*, além do mais, foi o único aristocrata em Óstia a levantar um muro em frente à casa (PAVOLINI, 2006, p. 167). Para Pavolini, essa atitude é um sinal de que seu dono buscava isolar sua mansão do cenário decadente que dominava, ao menos em parte, as ruas da cidade no período (PAVOLINI, 2011, p. 1037; PAVOLINI, 2016, p. 396). A meu ver, o aristocrata por trás da *Domus dei Dioscuri* provavelmente buscava um afastamento da agitação urbana, mas isso não quer dizer que sua casa se encontrava em um contexto em ruínas. Como será discutido adiante, o *Decumanus Maximus*, via da qual a *Domus dei Dioscuri* estava muito próxima, passou por um processo de monumentalização na Antiguidade Tardia. Além disso, a construção do muro na fachada da *Domus dei Dioscuri* pode ter sido posta em prática para demarcar e proteger os limites dessa casa contra eventuais avanços de outras propriedades, como a tão próxima *Domus del Ninfeo*. Penso nessa possibilidade a partir de duas epístolas de Símaco, enviadas entre 394-402 d.C. aos Nicômacos (*Ep.* 6, 9 e 6, 11). Nessas cartas, Símaco informava seus familiares a respeito de um novo proprietário que “se achava no direito” de anular e invadir as demarcações legais de suas propriedades em Baia, na Campânia. Símaco, então, mobilizou alguns de seus contatos com o intuito de reaver seus direitos e fazer com que o novo proprietário respeitasse a distância mínima estabelecida entre edifícios particulares. Além disso, o autor comenta com sua família sobre a

construção de um muro para que os terrenos de ambas as partes fossem delimitados tanto pelo acordo compreendido pela resolução quanto pela construção interposta entre eles.

A partir das evidências arqueológicas procedentes de Óstia e das referidas cartas de Símaco aos Nicômacos, parece-me plausível afirmar que para alguns membros da aristocracia romana da Antiguidade Tardia era crucial ter uma casa imponente e em ótimo estado de conservação, de preferência tanto quanto a do vizinho. A competição travada entre as próprias elites possivelmente teve um papel central durante o momento em que escolheram onde construir suas casas, seu tamanho e, ainda, quando e como restaurá-las. Além disso, a distribuição das *domus* talvez tenha sido igualmente condicionada pelas alianças estabelecidas entre os aristocratas, bem como pelas instalações públicas da cidade. Ao implantar suas mansões no tecido urbano, entretanto, as elites pareciam ter algo mais em mente, conforme revela a análise do mapeamento das *domus* ostienses.

As Casas e o Fórum

A maioria das *domus* ostienses datadas da Antiguidade Tardia foram erguidas em torno da região central de Óstia (imagem 9). Essa foi uma área importante, acima de tudo porque era onde estava a principal praça da cidade, o fórum. Como se observa no mapa abaixo, quase todas as mansões da cidade foram implantadas em um raio de aproximadamente 200 metros do centro cívico. A *Domus del Tempio Rotondo*, por exemplo, estava praticamente dentro da praça principal. Apenas a *Domus presso il Serapeo* (séc. IV d.C.), a *Domus del Ninfeo* (325-350 d.C.) e a *Domus dei Dioscuri* (400-425 d.C.) foram edificadas a certa distância do fórum, a um raio de cerca de 400 metros.

Imagem 9 – Distribuição das casas de elite em relação ao fórum, em Óstia, na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.).

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: S: *Domus presso il Serapeo*; D: *Domus dei Dioscuri*; N: *Domus del Ninfeo*; SD: *Domus sul Decumano*; T: *Domus dei Tigriniani*; CP: *Domus di Amore e Psiche*; VTR: *Domus su via del Tempio Rotondo*; TR: *Domus del Tempio Rotondo*; P: *Domus dei Pesci*; C: *Domus delle Colonne*; G: *Domus delle Gorgoni*; PR: *Domus del Protiro*; FA: *Domus della Fortuna Annonaria*; SN: *Domus V, VII, 1-2*.

Em muitas cidades romanas da Antiguidade Tardia, como explica Luke Lavan em seu artigo *Fora and Agorai in Mediterranean Cities during the 4th and 5th c. A.D.*, o fórum sediou diferentes atividades e atraiu os mais diversos grupos sociais. Foi um lugar importante, por exemplo, para a exibição do poder das autoridades romanas, que atuavam em audiências legais, punições e até mesmo execuções realizadas em praça pública. No fórum as elites também fixavam suas leis e decretos, tornavam públicas cartas e outros pronunciamentos oficiais e dedicavam estátuas, sendo essas práticas importantes manifestações locais do poder aristocrático. O centro cívico igualmente assegurava atividades comerciais de ambulantes como os barbeiros, ou de lojistas e feirantes que vendiam alimentos, bebidas e outros produtos manufaturados em lojas ou barracas. Momentos mais descontraídos como jogos e casamentos acompanhados por músicas e danças também fizeram parte da história do fórum. Além das elites, artistas de ruas, malabaristas, estrangeiros e mendigos circulavam diariamente pela principal praça cívica dos centros urbanos (LAVAN, 2006, p. 242-245).

A maioria dos vestígios arqueológicos provenientes do fórum de Óstia dizem respeito à época de Adriano (117-138 d.C.). Nesse período, a praça foi extensivamente remodelada e estava cercada por quatro edifícios públicos: o Capitólio ao norte; o Templo de Roma e Augusto ao sul; a Cúria ao noroeste e a Basílica ao sudoeste (imagem 10).

Imagem 10 – Fórum da cidade de Óstia.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/regio1/forum/forum.htm>>. Acesso em 14 mai. 2018.

Nos lados leste e oeste, que estavam em um nível mais alto que o restante da praça, havia pórticos com assentos, colunas de granito, pisos revestidos a mármore e nichos para a exibição de estátuas. Além disso, um corredor de lojas (I, XII, 11) foi encontrado a oeste do Templo de Roma e Augusto. Com base nessas evidências materiais, pode-se afirmar que nessa época o fórum foi um ambiente social receptivo, assim como o principal foco das atividades políticas, religiosas e comerciais de Óstia (PAVOLINI, 2006, p. 101-102).

Na Antiguidade Tardia, em termos estéticos, a região central da cidade era bastante diferente, pois foi submetida a uma série de reparos e novas construções, como demonstram os resultados do projeto *Kent-Berlin Ostia Excavations* (2008-2011). O pórtico que ficava a sudeste do fórum, por exemplo, ganhou uma nova fachada colunada e um piso feito com lajes de mármore. Tais intervenções são datadas, graças a uma série de moedas, entre o final do século IV d.C. e o início do século V d.C. Na segunda metade do século V d.C., o fórum passou por novos reparos, possivelmente após ter sido atingido por um terremoto¹⁶. A datação dessas reformas mais tardias foi baseada em restos de cerâmica – ânforas do tipo LRA1a, comuns entre o final do século V d.C. e o início do VI d.C. (GERING, 2014, p. 217). Em parte, o material empregado nessas restaurações, de acordo com Axel Gering, pertencia a antigos edifícios de culto que compunham o centro cívico. Entre esse material reutilizado encontravam-se, por exemplo, restos do teto do Capitólio, blocos da *cella*¹⁷ do Templo de Roma e Augusto e elementos arquitetônicos de um antigo arco de entrada do próprio fórum (GERING, 2014, p. 218-219). O reemprego de materiais construtivos procedentes de edifícios que outrora faziam parte da praça principal sugere que seu visual não era mais o mesmo na Antiguidade Tardia.

Embora materialmente diferente, o fórum mantinha-se como um foco de atração para diferentes grupos sociais. Na Antiguidade Tardia, a praça principal ainda era prezada pelos aristocratas, conforme revelam alguns vestígios epigráficos encontrados no local no início do século XX. Uma inscrição datada do final do século IV d.C., por exemplo, comemorava um ato realizado por um *praefectus annonae*, Públio Átio Clementino, que mandou transferir um monumento desconhecido, possivelmente uma estátua, de um lugar sórdido (*ex sordentibus locis*) para o fórum, com intuito de adorná-lo e melhorar sua face

¹⁶ De acordo com Gering, esse terremoto é estratigraficamente detectável por volta de 450 d.C. e corresponde aos abalos sísmicos evocados em fontes escritas de Ravenna e Roma em 442/443 d.C. No entanto, ao menos em seu artigo *Le ultime fasi della monumentalizzazione del centro di Ostia tardoantica*, o autor não menciona quais são essas fontes textuais.

¹⁷ Trata-se de uma estrutura central onde alocava-se estátuas de uma determinada divindade em um templo.

pública¹⁸ (LAVAN, 2012, p. 655) (imagem 11). Como sugere Douglas Boin (2013, p. 153), tal inscrição por si só atesta que, ainda que houvesse lugares degradados em Óstia na Antiguidade Tardia, o fórum aparentemente não era um deles.

Imagem 11 – Inscrição datada da Antiguidade Tardia recordando a transferência de uma estátua para o fórum.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/regio1/forum/forum.htm>>. Acesso em 19 set. 2018.

Nessa mesma época, o povo de Óstia (*populus Ostiensium*) dedicou a Manillius Rusticus, *praefectus annonae* e patrono de Óstia, em virtude de sua confiabilidade (*fidem*) e de seus serviços prestados à cidade, uma estátua com sua imagem que também foi exibida no fórum¹⁹ (BOIN, 2013, p. 150) (imagem 12).

¹⁸ CIL 14 S, 4721: *translatam ex sor|dentibus locis | ad ornatum fori | et ad faciem publicam | curante P. Attio | Clementino v(iro) c(larissimo) | praef(ecto) ann(onae).*

¹⁹ CIL 14 S, 4455: *Manlio Rus[ticiano] | praef. ann. a. v. pra[—] | eemm. vv. curato[—] | splendidissime col. os. [. . .] ob eius fidem ac | merii (sic) erga rem publicam ordo | et populus Ostiensium ovo. (sic) civitas | titulis administra[ti]onis eius | fieret inlust[rrior?] adq[ue] | const[itui]t.*

Imagem 12 – Base inscrita datada da Antiguidade Tardia encontrada no fórum de Óstia.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/regio1/forum/forum.htm>>. Acesso em 14 mai. 2018.

Outras descobertas realizadas pela equipe Kent-Berlin indicam que na Antiguidade Tardia o fórum era igualmente um foco de atração popular. Luke Lavan, por exemplo, menciona um tabuleiro de jogos encontrado na praça principal, o que atesta que o lugar era importante para a sociabilidade dos munícipes (LAVAN, 2012, p. 675). Infelizmente, o autor não fornece informações mais detalhadas a respeito dessa descoberta. Outra evidência, dessa vez citada por Gering (2014, p. 2014), é um grafite encontrado sobre uma placa de mármore que era parte do piso do já mencionado pórtico situado a sudeste da praça principal (imagem 13).

Imagem 13 – Grafite G0509 encontrado no fórum de Óstia.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 14 mai. 2018.

Como se observa na imagem acima, alguém escreveu a frase “Lúrio, assim morrerás.” (LVRE SIC EXPIRIS) no chão da praça pública. A setença é ambígua e, a meu ver, pode ser interpretada tanto como um aviso quanto como uma ameaça. O autor poderia querer advertir uma pessoa de que sua conduta a levaria à morte ou repreender alguém cujo comportamento desaprovava. Ao observar de modo mais atento o contexto em que esse grafite se localizava, pode-se propor ainda outra interpretação. Ao fundo do pórtico sudeste, encontrava-se uma grande abside em um nível elevado, que pode ter sido utilizada como palanque para as autoridades se manifestarem publicamente. Nesse caso, o grafite poderia estar associado a algum evento que ocorrera na abside, a leitura de alguma obra, carta ou lei ou mesmo uma execução, assistida pelo autor da intervenção enquanto sentado ou agachado no chão. Seja como for, sua presença denota um uso improvisado do pórtico do fórum, possivelmente obra de pessoas comuns.

No mesmo piso em que o grafite foi encontrado, havia uma série de furos regulares nos quais supostamente eram acopladas estruturas de madeira. Segundo Gering, alguns desses buracos podem ter sido destinados, por exemplo, a uma arquibancada onde o público se acomodava para ver espetáculos ou procissões. Outros, ainda, possivelmente serviam à instalação de barracas utilizadas por comerciantes (GERING, 2014, p. 219). Moedas descorbertas no fórum ostiense também reiteram a hipótese de que o local era importante para as atividades comerciais ainda na Antiguidade Tardia (BOIN, 2013, p. 152). Esses vestígios, muitos atribuídos à última fase de pavimentação do fórum, sugerem que esse era um local representativo da cidade e que foi usado, no mínimo, até o século V d.C.

A praça principal não foi a única a ser reformada na Antiguidade Tardia. Em algum momento entre o final do século III d.C. e a primeira metade do século IV d.C., uma nova praça denominada *Foro della Statua Eroica* (I, XII, 2) foi construída quase ao lado do antigo fórum (PAVOLINI, 2006, p. 111). Por volta de 350 d.C., seu pavimento revestido a mármore foi reformado. Os pórticos laterais dessa estrutura, segundo Gering, também foram afetados pelo suposto terremoto que atingiu Óstia por volta de 450 d.C., mas foram completamente reconstruídos na segunda metade do século V d.C. (GERING, 2014, p. 210). Este é um ponto crucial de interpretação, porque, enquanto *o terminus post quem* para estas últimas obras é baseado em moedas da segunda metade do século IV d.C. ou início do século V d.C., Gering acredita que pode ser datada no meio ou na segunda

metade do V d.C., possivelmente até depois de 476 (PAVOLINI, 2016, p. 397). A nova praça (45 x 50 m), erguida a 1,70 metro acima do nível da rua, possuía pórticos colonados nos lados leste, oeste e norte, assim como mármore nas paredes e no piso. Nenhuma estrutura foi construída nesse espaço, embora buracos regularmente dispostos indicam que barracas destinadas ao comércio foram inseridas no local. Em 1913, os arqueólogos encontraram uma inscrição na fachada do *Foro della Statua Eroica* que aludia a um mercado restaurado (*macellum reparatum*) entre 418-420 d.C. pelo *praefectus urbi* Aurélio Anício Símaco (CIL 14 S, 4719). Gering acredita que o mercado mencionado na inscrição possa ter sido o *Foro della Statua Eroica* (GERING, 2014, p. 211). Para Lavan, esse pode ser um exemplo do investimento contínuo no comércio regulamentado em Óstia nessa época. Nesse quadro, o *Foro della Statua Eroica* teria sido criado para manter o cheiro da carne e do peixe afastados da praça principal (LAVAN, 2012, p. 686).

Por fim, cito as reformas ocorridas entre os séculos IV d.C. e V d.C. em uma estrutura nomeada pelos arqueólogos como *Aula del Buon Pastore* (I, II, 4). Antes interpretada como uma igreja, a *Aula del Buon Pastore* foi recentemente entendida como um centro administrativo, possivelmente disponível para o prefeito da Annona. A função desse espaço, no entanto, permanece incerta. Alguns estudiosos o entendem como uma *domus* e outros, como Pavolini, o veem como a sede de uma associação profissional (PAVOLINI, 2016, p. 398).

A partir dessas evidências, penso que durante os séculos IV e V d.C. o fórum e seu entorno ainda eram um importante articulador da vida social na cidade de Óstia. Nessa época, a praça cívica parece ter sido crucial para a exibição do poder das autoridades romanas e estava diretamente ligada às atividades cotidianas desempenhadas pela classe governante. Era também um foco de atração popular, um lugar de sociabilidade entre pessoas que ocupavam diferentes níveis sociais. Para se aproximarem de uma área bastante desenvolvida e serem vistos por muitos indivíduos e grupos, então, grande parte dos aristocratas estrategicamente convergiram em direção ao centro cívico de Óstia e tornaram suas casas parte constituinte dele.

Algumas casas, no entanto, fugiam a essa lógica de aproximação com o fórum. A *Domus del Ninfeo*, a *Domus dei Dioscuri* e a *Domus Presso il Serapeo* compunham um grupo de casas que estavam mais perto do mar e do Tibre que do centro cívico, talvez porque seus proprietários tivessem outros interesses. Essa hipótese pode ser melhor explorada a partir de algumas cartas de Símaco, aristocrata que possuía ao menos duas

propriedades no território rural de Óstia. Uma delas se situava ao longo da via Ostiense (*uia Ostiensis*) e é brevemente evocada nas cartas 6, 8 e 6, 66. A outra, com vista para o Tibre, é suscitada nas epístolas 1, 6, 2; 3, 55, 1 e 3, 82.

A maneira como Símaco fala, em particular sobre a casa próxima ao Tibre, dá a entender que a propriedade ocupava uma posição estratégica. Na carta 3, 55, enviada a Ricomeres em 389 d.C., Símaco trata da chegada de suprimentos destinados ao povo de Roma. O autor enfatiza a proximidade da casa com o rio e comenta que, de sua propriedade, podia monitorar a chegada de navios carregados ao porto. Segundo Símaco, nessa época a carga trazida pelos navios procedia da Macedônia pois, com o cessar do abastecimento vindo da África, a fome era iminente. O aprovisionamento macedônico, de acordo com o autor, chegava aos armazéns romanos graças à intervenção do imperador Teodósio, a quem Símaco trata de maneira elogiosa nessa epístola. Em um certo momento, Símaco demonstra ter sido o primeiro a tomar conhecimento sobre uma frota que chegava ao porto e que lhe trazia satisfação e alívio.

Na carta 3, 82, enviada no mesmo ano a Rufino, o autor volta a mencionar a relação entre a casa e o Tibre e fala que, de sua propriedade, contava o número de navios carregados que chegavam ao porto, não mais inquieto pela fome que ameaçava os concidadãos. O medo do povo pela escassez, de acordo com Símaco, havia se transformado em alegria depois que Teodósio compensara as perdas da África com os suprimentos macedônicos.

Embora Símaco fizesse referência a sua propriedade do campo, creio que essas cartas ajudam a nuançar a centralidade do fórum na vida dos aristocratas em Óstia. É possível pensar, a partir delas, que as três *domus* mais distantes do centro cívico e próximas à *Porta Marina* e ao Tibre talvez pertencessem a poderosos diretamente envolvidos em atividades portuárias.

As Casas e as Termas

Ao observar o mapa abaixo, verifica-se que em Óstia uma quantidade significativa de *domus* também eram vizinhas de uma ou mais termas (imagem 14). O desejo de se aproximar dos banhos públicos parece ter sido mais recorrente em meio aos proprietários das mansões construídas no século III d.C. As residências aristocráticas edificadas em meados do século IV d.C. e no início do século V d.C., ao contrário, estavam mais

distantes das termas. Uma delas é a *Domus dei Dioscuri*, que possuía um complexo termal particular em seu interior.

Imagem 14 – Distribuição das casas de elite em relação às termas, em Óstia, na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.).

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: S: *Domus presso il Serapeo*; D: *Domus dei Dioscuri*; N: *Domus del Ninfeo*; SD: *Domus sul Decumano*; T: *Domus dei Tigriniani*; CP: *Domus di Amore e Psiche*; VTR: *Domus su via del Tempio Rotondo*; TR: *Domus del Tempio Rotondo*; P: *Domus dei Pesci*; C: *Domus delle Colonne*; G: *Domus delle Gorgoni*; PR: *Domus del Protiro*; FA: *Domus della Fortuna Annonaria*; SN: *Domus V, VII, 1-2*.

Frequentar as termas era uma prática rotineira para os romanos, um hábito social e cultural profundamente enraizado, que estava muito além das necessidades funcionais ou “higiênicas”. As termas, geralmente públicas, atraíam pessoas e grupos sociais diferentes. Eram verdadeiros espaços de sociabilidade onde o banho coletivo poderia ser antecedido por conversas sobre literatura, filosofia e política, assim como passeios, jogos e exercícios físicos no *palaestra*. Para as elites, esses eram momentos oportunos para consolidar e expandir redes de contato, convidar um amigo ou ser convidado para participar de um banquete, por exemplo (YEGÜL, 1992, p. 5). Como sugere Amiano Marcelino, ao frequentar esses edifícios os aristocratas cuidavam para que seu aparato não passasse despercebido aos olhos dos outros. No excerto a seguir, esse autor evoca a pompa com que alguns aristocratas se dirigiam às termas:

Outros [aristocratas] resplandcentes em roupas de seda, como se fossem levados à morte, ou como se (para falar sem qualquer mau presságio) estivessem trazendo a retaguarda precedidos por um exército, são acompanhados por uma multidão de escravos organizados

em tropas, em meio ao barulho e à confusão. Quando esses homens, cada um auxiliado por cinquenta servos, entram nos cômodos abobadados de um banho, gritam em tons ameaçadores: “Onde foram parar nossos atendentes?”²⁰.

No texto acima, Amiano debocha dos poderosos que iam aos banhos públicos em vestes luxuosas e acompanhados por tantos escravos que pareciam estar em uma procissão funerária ou em meio à marcha de tropas militares. Mais adiante, o autor descreve o momento em que os aristocratas deixavam as termas e volta e zombar da maneira como se portavam quando visitavam esses locais:

Depois, quando saem dos banhos de Silvano ou das águas revigorantes de Mamea (*Mamaeae*), secam-se com os melhores panos e, cuidadosamente, examinam suas vestes cintilantes, tantas que bastariam para vestir onze homens. Finalmente, após vestirem as roupas escolhidas, pegam de volta seus anéis, que tinham sido confiados a um servo para que não fossem danificados pela umidade e, depois que seus dedos estão prontos para recebê-los, os colocam e partem²¹.

Mais uma vez, Amiano suscita a parafernália – panos finos, vestes cintilantes e anéis – ostentada pelos aristocratas desde o momento que entravam até a hora em que saíam das termas. Esse excerto, ainda que repleto de exageros, permite que se tenha uma ideia de que para as elites as termas eram espaços perfeitos para a autopropaganda. Cientes do papel desempenhado por esses edifícios, as autoridades romanas colocaram sua construção e manutenção no topo da lista de suas responsabilidades sociais e se esforçaram para torná-los atrativos e acessíveis aos cidadãos.

Muitas termas foram construídas ou reformadas em Óstia durante a Antiguidade Tardia. A maioria delas se concentrava na região central da cidade, precisamente onde estavam agrupadas várias *domus*. As *Terme del Foro* (I, XII, 6), uma das maiores da cidade (3200 m²), estavam localizadas nas imediações do fórum e foram cercadas por casas aristocráticas – a saber, a oeste as *domus del Tempio Rotondo* e *su via del Tempio Rotondo*; a sudoeste as *domus delle Colonne* e *dei Pesci*; a leste a *domus della Fortuna*

²⁰ Amm. 28, 4, 8-9 (trad. autor): *Non nullos fulgentes sericis indumentis, ut ducendos ad mortem, vel ut sine diritate ominis loquamur, praegresso exercitu arma cogentes, manipulatim concitato fragore sequitur multitudo servorum. Tales ubi comitantibus singulos quinquaginta ministris tholos introierint balnearum, "ubi sunt nostri?"*

²¹ Amm. 28, 4, 19 (trad. autor): *Dein cum a Silvani lavacro vel Mamaeae aquis ventitant sospitalibus, ut quisquam eorum egressus tenuissimis se terserit linteis, solutis pressoriis vestes luce nitentes ambigua diligenter explorat, quae una portantur sufficientes ad induendos homines undecim: tandemque electis aliquot involutus, receptis anulis, quos, ne violentur humoribus, famulo tradiderat, digitis ut metatis abit.*

*Annonaria e del Protiro*²². Entre essas duas últimas residências estavam, ainda, as *Terme del Filosofo* (V, II, 7) instaladas na cidade a partir de meados do século III d.C (PAVOLINI, 2006, p. 217-218). As *Terme del Faro* (IV, II, 1), erguidas no século II d.C. (*opus latericium*) nas adjacências da *Domus delle Gorgoni*, permaneceram em funcionamento no mínimo até o V d.C., como apontam as reformas (*opus latericium* e *opus vittatum*) e algumas moedas encontradas no local (PAVOLINI, 2006, p. 206-207). As *Terme dell'Invidioso* (V, V, 2) foram construídas no início do Principado (*opus reticulatum*) e restauradas várias vezes até o século V d.C.²³ (PAVOLINI, 2006, p. 222). Situavam-se a leste do *Foro della Statua Eroica* (I, XII, 2) e tiveram como vizinha a *Domus* V, VII, 1-2.

A proximidade entre mansões e termas públicas não parece ter sido uma particularidade da cidade de Óstia pois, de acordo com Amiano Marcelino, Gaio Ceião Rufo Volusiano Lampádio era proprietário de uma casa em Roma que ficava perto das Termas de Constantino (Amm. 27, 3, 8). De todo modo, os banhos faziam parte do cotidiano das elites e, em Óstia, muitas ocupavam os arredores do centro cívico, um lugar privilegiado dentro da cidade. É compreensível, portanto, que os aristocratas tenham aproximado suas mansões das termas coletivas. As elites não necessariamente formavam um grupo homogêneo e, muitas vezes, possuíam interesses e prioridades diferentes. Morar perto das termas, no entanto, era uma vantagem e foi uma estratégia compartilhada pela maioria dos aristocratas que edificaram suas casas em Óstia.

As Casas e as Vias

Algumas *domus* ostienses datadas da Antiguidade Tardia, como a *Domus delle Colonne* (230-250 d.C.), a *Domus sul Decumano* (séc. IV d.C.), a *Domus del Ninfeo* (325-350 d.C.), entre outras, foram construídas nas principais vias da cidade – o *Cardo Maximus* ou o *Decumanus Maximus* (imagem 15). Outras estavam em ruas secundárias,

²² As Termas do Fórum possuem uma longa história. Foram edificadas durante o século II d.C., mas reformadas várias vezes, no início do período Severiano (193-225 d.C.), sob os reinados de Maxêncio e Constantino (306-337 d.C.) e também durante Teodósio I (379-395 d.C.). Várias dessas intervenções construtivas foram estabelecidas a partir de inscrições, selos de tijolos e técnicas construtivas (a maior parte da alvenaria foi criada em *opus latericium*, com exceção da última fase, que também contém partes em *opus vittatum*). Para uma visão geral sobre as *Terme del Foro* ver: PAVOLINI, 2006, p. 107-110.

²³ As *Terme dell'Invidioso* também possuíam várias fases atribuídas a diferentes séculos. A datação dessas alterações foi baseada nas técnicas construtivas e decoração empregadas no edifício. Após sua construção no século I d.C. (*opus reticulatum*), foi reformada no século II d.C. (*opus latericium*), teve algumas paredes repintadas e ganhou novos mosaicos no III d.C. e foi restaurada pela última vez no século V d.C.

de Óstia – *Porta Marina*, *Porta Laurentina* e *Porta Romana* – sendo isso também um indicativo da grande circulação de pessoas em torno das *domus* situadas em tais ruas.

Vale a pena lembrar que Óstia foi uma cidade portuária e que, além da movimentação dos habitantes, havia também um grande número de visitantes que passavam diariamente pelos principais eixos urbanos. Mesmo para aqueles que desejavam ir a Roma, o percurso via Óstia era bastante apropriado, o que também contribuiu com o aumento no volume de pessoas que circulavam pelos principais *decumani* e *cardines* ostienses. Os aristocratas que possuíam casas em seus limites, então, detinham grandes vantagens. Por exemplo, no início do século IV d.C., um caminhante que entrasse em Óstia pela *Porta Laurentina* rumo ao centro seria, de imediato, confrontado pela *Domus delle Gorgoni* e, mais adiante, pela *Domus delle Colonne*. O proprietário da *Domus* V, VII, 1-2 era privilegiado nesse sentido, uma vez que sua casa seria a única visível a um indivíduo que acessasse Óstia através da *Porta Romana* nessa época. Isto é, da *Porta Romana* ao centro cívico existiam vários edifícios visualmente imponentes como o *Teatro* (II, VII, 2) e as *Terme di Netuno* (II, IV, 2), todavia, tratando-se de construções privadas havia uma só: a *Domus* V, VII, 1-2. Se o ingresso à cidade, nesse período, fosse realizado pela *Porta Marina*, o mesmo pode ser dito a respeito do aristocrata dono da *Domus sul Decumano*, que por meio século ocupou, exclusivamente, a parte oeste do *Decumanus Maximus*. No século V d.C., as pessoas que entrassem na cidade pela *Porta Marina* rumo ao fórum, logo após atravessarem o portão, seriam impactadas visualmente pela *Domus del Ninfeo* e pela monumentalidade da *Domus dei Dioscuri* ao fundo. Mais à frente, cruzariam, ainda, a *Domus dei Tigriniani*.

As grandes avenidas permitiam que as *domus* fossem estrategicamente acessadas por amigos e clientes dos aristocratas, por exemplo. É possível que uma casa localizada em um ponto geográfico que canalizava o tráfego de pedestres em sua direção, como a *Domus dei Tigriniani*, situada no *Decumanus Maximus*, entre o fórum e a *Porta Marina*, tivesse sido planejada para atender a grupos maiores, mais passageiros e heterogêneos. Isso era importante em uma sociedade tal qual a romana, em que o movimento de pessoas associadas a uma *domus* refletia e, mais que isso, assegurava o status de seu proprietário. Em contrapartida, uma casa localizada em um bairro afastado, entremeada por ruas menores e secundárias como a *Domus di Amore e Psiche*, pode ter sido pensada para receber um número mais restrito de indivíduos que já sabiam de sua existência e localização.

Por fim, as grandes avenidas não só asseguravam que as *domus* fossem localizadas sem grandes esforços por visitantes, mas também permitiam a seus donos fácil acesso aos espaços e edifícios citadinos mais afastados de suas residências. Em vista disso, torna-se claro o predomínio das *domus* datadas a partir de meados do século IV d.C. nas principais ruas de Óstia. Vimos que essas casas, ao contrário daquelas construídas entre 200-350 d.C., na maioria das vezes foram instaladas a certa distância dos focos de atração da cidade, como o fórum e as termas. Contudo, uma vez posicionadas nos principais eixos de circulação, seus proprietários mantinham-se conectados a esses espaços sem necessariamente tê-los como vizinhos. Comparo, a título de exemplo, a *Domus del Ninfeo* e a *Domus presso il Serapeo*. Ao dono da *Domus del Ninfeo*, para chegar ao fórum, bastaria um simples deslocamento de cerca de 400 metros em linha reta. O intervalo entre a *Domus presso il Serapeo* e o centro cívico era praticamente o mesmo, no entanto, para visitá-lo seu dono deveria antes atravessar ruas secundárias – tal qual a *Via della Fosse* – que o levassem até a *Decumanus Maximus* e, assim, à praça principal. Locomover-se por distâncias maiores para alcançar um determinado destino poderia ser tão vantajoso quanto ter uma casa em suas adjacências.

Desde os tempos republicanos, os aristocratas exibiam e legitimavam seu status por meio de seus movimentos, especialmente durante as caminhadas diárias até o fórum. A respeito disso, Monica Hellström (2015, p. 47) explica que:

Muita atenção era dada ao esplendor e tamanho de seus séquitos e, também, à forma como caminhavam, a qual deveria mostrar treinamento adequado para o desempenho de seu papel enquanto um homem que ocupava tal posição. Autocontrole era crucial: seu semblante deveria ser inexpressivo e seu andar, digno²⁴.

Na Antiguidade Tardia, os aristocratas também exibiam seu prestígio e fortuna por meio de andanças cotidianas pelas vias urbanas. Nessa época, como sugere Amiano Marcelino, os poderosos à frente das famílias urbanas (*praepositis urbanae familiae*):

Assim como os comandantes experientes em batalhas posicionam primeiramente as tropas densas e fortes, depois as de armaduras leves, em seguida os lançadores de dardos e por último as linhas de batalha

²⁴ HELLSTRÖM, 2015, p. 47 (trad. autor): “In Republican times, a Roman senator performed and confirmed his status through his movements, especially the daily stroll to the Forum. Close attention was paid to the splendour and size of his retinue, and also to his gait, which should display proper training for his role as a male of a certain class. Self-control was key: his mien ought to be expressionless, his walk dignified”.

reservas, que devem ser úteis se a situação exigir, também toda a oficina de tecelagem²⁵ avança logo à frente das carruagens, como que dada a ordem de marcha no acampamento, enquanto os encarregados das criadagens urbanas, que se distinguem pelas vergôntes que seguram com as mãos direitas, abrem o caminho cuidadosa e diligentemente; a ela junta-se o pessoal chamuscado da cozinha, depois toda a queira indistintamente com os plebeus desocupados da vizinhança congregados; por último a multidão de eunucos, indo dos mais velhos aos meninos, pálidos e deformados por conta da ligadura tortuosa de seus tratos físicos²⁶ [...].

No texto acima, o autor compara o andar dos poderosos pelas ruas ao avanço de tropas militares. Nesse sentido, enfatiza o séquito dos aristocratas, sinal de que as elites aproveitavam os momentos em que se locomoviam pela cidade para se apresentar de maneira majestosa e expor a multidão de seguidores e apoiadores que possuíam. Tal prática parece ter sido recorrente entre as elites da Antiguidade Tardia. No excerto abaixo o tema se repete. Dessa vez, Amiano Marcelino enfatiza o aparato e os gestos dos aristocratas que circulavam pelas ruas:

Outros homens, depositando o mais alto decoro em carruagens mais altas que o normal e na moda cheia de ostentação dos trajes, suam sob os pesos das lacernas, que eles amarram aos pescoços e são presas junto à própria garganta, arejadas por conta da demasiada finura dos fios, esperando pelas agitações rápidas, e principalmente com a mão esquerda²⁷, que brilhem muito claramente as franjas bem longas e as túnicas decoradas com diversos desenhos de animais por meio de uma variedade de fitas²⁸.

²⁵ Entenda-se todos os tecelões e empregados da tecelagem. É comum, como vemos em Var. *Rust.* I, 2, 21, que propriedades aristocráticas tivessem seus próprios ateliers. A princípio, eles deveriam responder apenas às demandas da casa, posto que Cíc. *Ver.* II, 4, 58 acusa Verres de produzir mais tecidos do que ele precisaria, o que configura atividade comercial. No entanto vemos em Sid. *Apo. Carm.* 22, 192 – 193 que já no início do século IV as oficinas de tecelagem dos domínios aristocráticos ganharam dimensões consideráveis e podiam empregar vários funcionários. Nota do tradutor (Pedro Benedetti).

²⁶ Amm. Marc. 14, 6, 17 (trad. Pedro Benedetti): *Vtque proeliorum periti rectores primo catervas densas opponunt et fortes, deinde leves armaturas, post iaculatores ultimasque subsidiales acies, si fors adegerit, iuvaturas, ita praepositis urbanae familiae suspense digerentibus atque sollicite, quos insignes faciunt virgae dextris aptatae, velut tessera data castrensi iuxta vehiculi frontem omne textrinum incedit; huic atratum coquinae iungitur ministerium, dein totum promisce servitium cum otiosis plebeiis de vicinitate coniunctis; postrema multitudo spadonum a senibus in pueros desinens obhuridi distorque liniamentorum compage deformes [...].*

²⁷ Julgamos ser mais prudente manter a *crux* assinalada por Seyfarth, por isso o sentido da frase desde “esperando” é incerto. Mas a passagem deixa a entender que os nobres balançavam as túnicas com a mão esquerda para mostrar os anéis, como percebe Plin. *Hist. Nat.* XXXIII, 9: “as mãos, especialmente a esquerda, concederam a maior autoridade ao ouro (*manus et prorsus sinistrae maximam auctoritatem conciliavere auro*). Nota do tradutor (Pedro Benedetti).

²⁸ Amm. Marc. 14, 6, 9 (trad. Pedro Benedetti): *Alii summum decus in carruchis solito altioribus, et ambizioso vestium cultu ponentes, sudant sub ponderibus lacernarum, quas in collis insertas iugulis ipsis annectunt, nimia subtegmimum tenuitate perflabilis, exceptantes eas manu utraque et vexantes crebris agitationibus, maximeque sinistra, ut longiores fimbriae tunicaeque perspicue luceant, varietate liciorum effigiatatae in species animalium multifformes.*

De acordo com Amiano, os aristocratas desfilavam em carruagens pelas vias urbanas com roupas espalhafatosas como as lacernas, uma espécie de casaco, assim como túnicas estampadas e com longas franjas que, ao que parece, balançavam para exibir seus anéis.

Uma vez que as ruas eram cruciais para a autoafirmação dos grupos dominantes, é compreensível que em Óstia suas mansões estivessem justamente nas vias maiores e mais movimentadas. Ao concentrar suas casas e seu itinerário ao longo dessas vias, as elites garantiam que todos os elementos que lhe conferiam distinção social – servos, roupas, acessórios e meios de transporte – fossem vistos por muitas pessoas, do momento em que saíssem até a hora em que retornassem a suas residências. Além disso, ter mansões à beira das grandes avenidas ostienses poderia ser oportuno para os membros das elites que se locomoviam em carruagens, pois seu trânsito poderia ser dificultado em um emaranhado de vielas menores.

Em Óstia, portanto, dispor uma *domus* ao longo de uma rua importante ou próximo a ela, em muito contribuía com a comunicação diária do prestígio aristocrático à sociedade. No entanto, os indícios arqueológicos demonstram que as grandes vias se tornaram alvos das elites ostienses não apenas por atenderem às suas necessidades cotidianas, mas também por desempenharem um papel central em momentos extraordinários, como durante as procissões cerimoniais.

As Casas e as Procissões

Desde o período republicano, segundo Jacob Latham (2016, p. 1), as autoridades romanas gastavam quantidades excessivas de tempo e dinheiro com as procissões (*pompae*). No que se refere a Roma, em ocasiões como essas, vias, monumentos e as próprias casas aristocráticas que faziam parte do percurso estabelecido assumiam um papel fundamental. No triunfo (*pompa triumphalis*), por exemplo, um veículo repleto de armas e espólio levava o general acompanhado por seu exército até o Capitólio. Na procissão do funeral público (*pompa funebris*), o falecido era levado de sua casa até o fórum e, em seguida, até o local de seu enterro, em algum lugar fora dos limites sagrados da cidade (*pomerium*). Por fim, na procissão do circo (*pompa circensis*), uma longa fila de magistrados, competidores e artistas conduzia os deuses ao circo antes do início dos

jogos (LATHAM, 2016, p. 13). Latham observa que, na Antiguidade Tardia, a retórica cristã e a legislação imperial estabelecidas por partidários do cristianismo mudaram a forma como os jogos e as procissões eram vistos, mas não puseram fim a eles. Não era oportuno aos imperadores abrir mão de uma ferramenta tão importante para a exibição de seu poder. Em vista disso, passaram a argumentar, pela lei, que os jogos eram livres de superstições (sacrifícios e devoções de imagens) e, portanto, seguros enquanto entretenimento costumeiro e secular. A partir do século IV d.C., a *pompa circensis*, por exemplo, passou a enfatizar a imagem do financiador dos jogos (*praeses ludorum*) em detrimento da representação dos deuses tradicionais, embora seu itinerário mantivesse a passagem por edifícios republicanos, como templos e santuários, segundo esse autor (LATHAM, 2016, p. 3).

No sítio arqueológico de Óstia, existem indícios de que durante a Antiguidade Tardia essa cidade também mediava cerimônias importantes. Nessa época, seu sistema de ruas passou por mudanças intensivas, sendo uma das mais notáveis a “monumentalização” de avenidas maiores às custas do bloqueio de vias menores²⁹. No século IV d.C., por exemplo, uma Êxedra (I, XII, 3) foi erguida no *Decumanus Maximus*, a poucos metros do fórum. Tratava-se de um amplo espaço de formato semicircular, que possuía em seu centro um nicho para dedicação de estátuas. Essa estrutura bloqueou a *Semita dei Cippi*, rua outrora importante sobretudo para as atividades comerciais da cidade. Por volta de 340-370 d.C., um *Ninfeo* (I, XIV, 1) (*opus latericium*), construído na junção do *Decumanus Maximus* com a *Via della Fosse*, fechou outras duas vias (PAVOLINI, 2006, p. 117). Outros monumentos ainda foram inseridos nessa avenida sem que, para isso, ruas fossem fechadas. É o caso de outro *Ninfeo* (I, II, 1) situado em frente ao *Foro della Statua Eroica*, caracterizado por estar a 1,70 metro acima do nível da rua e por possuir vários nichos e colunas. Além de novas construções, ocorreram também reparos em antigos monumentos. Em 350 d.C., novas colunas foram adicionadas ao *Portico di Nettuno* (II, IV, 1), uma fachada imponente situada na parte leste do *Decumanus Maximus*, em frente às *Terme di Nettuno* (II, IV, 2) (PAVOLINI, 2006, p. 58). Na esquina do *Cardo Maximus* com a *Via del Tempio Rotondo*, um *Ninfeo* (IV, IV, 5) e uma latrina pública foram restaurados (*opus vittatum*) no final do século IV d.C. Por fim, no início do século V d.C., o *Ninfeo degli Eroti* (IV, IV, 1), uma praça (8 m²) com

²⁹ Sobre as mudanças nas vias da cidade de Óstia durante a Antiguidade Tardia, ver: GERING, 2004.

paredes e pisos revestidos a mármore (*opus latericium* e *opus vittatum*), foi erguido (imagem 16) (PAVOLINI, 2006, p. 200).

Imagem 16 – *Ninfeo degli Eroti*.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/regio4/4/4-1.htm>>. Acesso em 14 mai. 2018.

Em *The Afterlife of the Roman City: architecture and ceremony in late antiquity and the early middle ages*, Hendrick W. Dey (2015, p. 11) sugere que intervenções como essas ocorreram na rede de ruas de diversas cidades na Antiguidade Tardia. Para Dey, essas mudanças foram impulsionadas pelas autoridades que participavam ativamente de cerimônias urbanas como, por exemplo, o advento (*adventus*), procissão para receber dignitários – imperadores, governadores, entre outros funcionários importantes – que visitavam uma determinada cidade. Partindo do pressuposto de que as mudanças das vias em Óstia possuíam relação com as procissões, é importante entender algumas de suas particularidades, especialmente os percursos percorridos e como as *domus* estavam posicionadas em relação a esses itinerários.

De início, é preciso considerar a visita a Óstia dos aristocratas que residiam em Roma, em especial do *praefectus annonae* e do *praefectus urbis Romae* que, como apontam uma série de inscrições já mencionadas, dedicavam estátuas e investiam em reparos ou novas construções na cidade portuária durante a Antiguidade Tardia. Segundo Luke Lavan, o *praefectus annonae* tinha o direito de sentar na carruagem (*carpentum*) do prefeito urbano e, com base nisso, sugere que suas visitas a Óstia teriam sido realizadas

tal qual uma cerimônia formal de *adventus* (LAVAN, 2012, p. 685). Lavan também infere que esses dignitários, ao chegarem a Óstia, eram recebidos pelas lideranças locais e por uma multidão de pessoas na *Piazzale della Vittoria* (V, XVII, 2) – localizada entre a *Porta Romana* e um portão secundário – para, em seguida, acessarem o principal *Decumanus* da cidade. Seguindo a linha de raciocínio desse autor, pode-se afirmar que, uma vez acessado o *Decumanus Maximus*, os participantes desse tipo de recepção cívica passariam pelas colunas das *Terme di Nettuno*, atravessariam o *Teatro* (II, VII, II), lojas (II, VIII, 1) e fontes públicas (I, II, 1) até chegarem a seus principais destinos, talvez os edifícios públicos situados no centro cívico ou as próprias residências aristocráticas. Essa extensão do *Decumanus Maximus* era bastante utilizada durante as marchas solenes ocorridas em Óstia na Antiguidade Tardia, a julgar pelos altos investimentos em sua manutenção e por sua monumentalidade. Nele estava localizada a *Domus* V, VII, 1-2, a única casa de elite a ocupar esse percurso, o que certamente era um privilégio para seu proprietário.

Outras ruas em Óstia compunham o itinerário das procissões cerimoniais. A *Via della Fosse*, de acordo com Douglas Boin (2013, p. 207), foi de extrema importância sobretudo no que diz respeito ao culto em honra de Castor e Pólux, os irmãos gêmeos da mitologia grega e romana, protetores das viagens marítimas. Essa rua levava à foz do Tibre, onde encontrava-se o santuário dedicado aos Dióscuros. Além disso, até meados do século V d.C., em todo dia 27 de janeiro um festival religioso acompanhado por jogos era realizado em homenagem a Castor e Pólux (*ludi Castorum*). Segundo Boin (2013, p. 204-208), portanto, os aristocratas e sacerdotes por trás dessas celebrações, acompanhados pela população comum, avolumavam o tráfego pela *Via della Fosse* durante essas ocasiões.

A reforma ocorrida em 393-394 d.C na *cella* (*opus latericium*) do *Tempio d'Ercole* (I, XV, 5) financiada pelo *vir clarissimus* e *praefectus annonae* Numério Proiecto, é outra pista que corrobora a ideia de que a *Via della Fosse* foi uma importante rua para as procissões³⁰. Para Douglas Boin (2013, p. 134), esse templo tem sido erroneamente atribuído a Hércules, ainda que o culto ao herói tenha desempenhado um papel central no cotidiano da cidade, como atestam pequenos artefatos – lâmpadas, por exemplo – encontrados no sítio arqueológico de Óstia. O *Tempio d'Ercole*, de acordo com Boin, seria o santuário dedicado a Vulcano, o deus romano do fogo e patrono da

³⁰ *AE* 1948 n. 127: [Domini]s n[ostri]s Th[eodosio] Arca[di]o et Eu[genio] [[pi]is] felicibus [toto] orbe victoribus semper [Aug(ustis)] [[..] Numerius Proiect[us] v(ir) c[larissimus] pra[ef]ectus ann[onae] cellam Hercu[li]s restituit].

cidade de Óstia. Evidências encontradas tanto no Cronógrafo de 354 quanto no Calendário de Polêmio Sílvio indicam que, pelo menos até o século V d.C., em todo 23 de agosto, Óstia homenageava seu patrono com jogos e celebrações no festival denominado *Volcanalia* (BOIN, 2013, p. 210-212). Desse modo, pode-se pensar que a manutenção desse espaço teria sido mobilizada sobretudo pela memória por ele carregada durante a Antiguidade Tardia, como observado por Latham (2016, p. 3) a respeito de outros templos em Roma. Isto é, ainda que nessa época o *Tempio d'Ercole* fosse um lugar “secularizado” e livre de práticas “supersticiosas” – sacrifícios, por exemplo –, pode ter permanecido sob a proteção das autoridades romanas porque possuía uma relação estreita, há muito estabelecida, com determinadas celebrações realizadas em Óstia.

A ideia de que a *Via della Fosse* desempenhava papel central durante determinadas comemorações pode esclarecer a excepcional presença da *Domus di Amore e Psiche* ao norte da *Decumanus Maximus*. Por fugir da lógica de distribuição da maioria das mansões ostienses – concentradas em torno da região central ou ao longo das principais vias – uma possível interpretação é que seu proprietário tivesse outros interesses, tais como fazer-se visível durante essas festividades. A propósito, o proprietário da *Domus di Amore e Psiche* pode ter sido justamente Numério Proiecto, responsável por custear os reparos no *Tempio d'Ercole* (PAVOLINI, 2016, p. 396). Ainda que não tivesse relação direta com esse monumento, o aristocrata dono da *Domus di Amore e Psiche* não passaria despercebido durante as atividades, quaisquer que fossem, ligadas a esse templo.

Por último, outra cerimônia que ainda ocorria em Óstia, pelo menos até meados do século IV d.C., era o *navigium Isidis*, homenagem à deusa Ísis, que inaugurava a abertura das rotas de navegação durante a primavera e, no final do outono, anunciava o inverno iminente e o fechamento das viagens marítimas. Pinturas parietais removidas em 1868 do sítio arqueológico de Óstia representam esse festival. Em uma delas, crianças puxam uma carroça com um navio para lançá-lo ao mar. A pintura data da Dinastia Severa (193-235 d.C.), no entanto, o festival foi mantido em Óstia até meados do século IV d.C., segundo Boin (2013, p. 208-210). Em circunstâncias como essa, pode-se dizer que a área em torno da Porta Marina tinha grande importância, uma vez que estava voltada para o mar. Como consequência, a *Domus del Ninfeo* e a *Domus dei Dioscuri*, encostadas nesse portão, destacavam-se como monumentos imponentes aos olhos daqueles que acompanhavam essa procissão.

Vários são os indícios – a monumentalização das grandes vias, a reforma dos templos e os calendários – que apontam a importância das procissões para a cidade de Óstia na Antiguidade Tardia. Cientes disso, os aristocratas se esforçavam para dispor suas casas ao longo desses percursos e, assim, atrair a atenção de um grande número de pessoas. Para os envolvidos diretamente com as cerimônias, cujas casas poderiam ser um dos destinos, era interessante mantê-las nas vias mais embelezadas, pois mesmo o trajeto que levava às residências deveria estar à altura da posição social ocupada por seus donos. Para os aristocratas que não atuavam formalmente nesses festivais, mas que possuíam suas mansões situadas nos grandes eixos como pontos de passagem, havia a possibilidade de se projetar na paisagem e marcar a memória dos passantes, ou seja, influenciar a maneira como a procissão seria lembrada pelos participantes.

A análise das condições de implantação e da distribuição topográfica das *domus* ostienses datadas da Antiguidade Tardia sugere diferentes estratégias no que se refere ao uso dos espaços urbanos pelos aristocratas. As casas de elite implantadas entre 200-300 d.C., em sua maioria ocuparam espaços abandonados nos quais existiam antigas estruturas facilmente adaptáveis ao projeto das *domus*. Além disso, grande parte dessas casas parecem ter sido edificadas para se igualar ou ultrapassar outros proprietários vizinhos, o que aponta para o caráter competitivo dos aristocratas por trás dessas construções. As elites dessa época também disputavam determinados espaços dentro da cidade, devido a sua proximidade em relação às vias mais importantes e aos principais focos de atração popular – o fórum, mercados, lojas e termas, por exemplo. Ao escolherem erguer suas mansões em locais em que a movimentação e a aglomeração de pessoas eram intensas e habituais, os aristocratas investiam sobremaneira em componentes arquitetônicos capazes de conferir admirável singularidade a suas casas.

De 300 a 425 d.C., as casas ainda eram construídas em lugares já ocupados no passado. No entanto, pouco se reutilizava das antigas estruturas, que passaram a ser extraordinariamente modificadas ou tiveram seus limites extrapolados. Tornou-se mais recorrente, em vista disso, o fechamento de vias públicas por parte das casas de elite. É importante notar que as casas construídas entre meados do século IV e início do V d.C. coincidiram com um aumento no número de inscrições que atestavam maior presença da

classe senatorial romana em Óstia (PAVOLINI, 2011, p. 1044). Possivelmente, a assiduidade dos senadores na cidade resultou em um maior controle e apropriação de espaços públicos. No entanto, não é possível identificar seguramente nenhum dos proprietários das casas ostienses e, portanto, essa relação permanece inteiramente conjectural. De todo modo, os grupos dominantes desse período se afastaram dos lugares de maior concentração de pessoas, mas se aproximaram de ruas, sobretudo de suas extremidades, em que o fluxo de indivíduos era constante. As vias ocupadas apresentavam uma corriqueira circulação de pessoas, mas também se avolumavam em momentos cerimoniais, como durante a passagem de procissões.

Em suma, ao contrário do que tem sido observado por autores como Carlo Pavolini (1986b, p. 266-267), mesmo durante o século V d.C. as casas dos grupos dominantes da cidade de Óstia eram parte constituinte da vida cívica. Isto é, as *domus* não foram instaladas em locais distantes de onde ocorriam as principais atividades políticas e sociais nessa cidade, nem mesmo eram inacessíveis à população comum. Ao longo da Antiguidade Tardia, ocorreram profundas transformações nas formas de imposição do poder das elites sobre Óstia, mas a cidade permaneceu como a principal arena e, ao mesmo tempo, como o alvo maior da disputa entre diferentes aristocratas.

CAPÍTULO 2: ORGANIZAÇÃO INTERNA E USOS DAS *DOMUS* OSTIENSES COMO FORMA DE AFIRMAÇÃO DO PODER ARISTOCRÁTICO NA ANTIGUIDADE TARDIA

A respeito do habitat urbano da classe dirigente na África romana, Yvon Thébert (1990, p. 381) comenta que “a concepção de certos aposentos e a maneira como se organiza a planta de conjunto da moradia exaltam o poderio do dono da casa e lhe permitem assumir suas funções sociais num quadro prestigioso.”. Essa máxima também é aplicável às mansões aristocráticas da cidade de Óstia ao longo dos séculos IV e V d.C. Em que sentido, então, as *domus* ostienses articulavam o poder dos proprietários e que “funções sociais” eram essas por eles assumidas no espaço doméstico? A partir dessa questão, inicialmente recorro às evidências arqueológicas procedentes de Óstia para explorar como os *domini* planejavam a organização interna e a decoração das mansões e de que maneira as moradias expressavam o poder e a riqueza dos próprios. Na sequência, mobilizo excertos da obra *Res Gestae*, de Amiano Marcelino, e algumas cartas de Símaco e de Sidônio Apolinário para rastrear os usos efetivos das residências pelos aristocratas. A partir desses textos, busco confrontar e expandir minhas interpretações sobre os usos das *domus* ostienses baseadas em dados materiais. Ao fim, pretendo compreender a fundo como o espaço interno das mansões em Óstia mudou na Antiguidade Tardia e o que essas transformações revelam sobre a natureza das elites e das relações sociais nessa época.

Configuração Interna e Decoração das *Domus* Ostienses na Antiguidade Tardia

As *domus* ostienses datadas da Antiguidade Tardia, embora possuíssem características em comum, variavam bastante em sua organização interna e ornamentação. Em geral, possuíam entradas imponentes que, com o passar dos séculos, foram ainda mais destacadas pelo uso de novos dispositivos arquitetônicos. A maioria das entradas encontrava-se ladeada por lojas que podiam ou não se conectar ao interior das casas. A presença de escadas facilmente acessíveis a partir da rua também era comum em muitas delas, o que sugere a existência de aposentos independentes que podiam ser alugados para gente de fora. Logo após a entrada, encontrava-se um amplo cômodo, o vestíbulo, que dava acesso à parte central das residências. Esse núcleo também sofreu mudanças no decorrer do tempo. O pátio central a céu aberto encontrado nas *domus* de 200 a 300 d.C. articulava diversos cômodos e era indispensável para qualquer

deslocamento dentro do edifício. Nos séculos IV e V d.C., o pátio central foi substituído por dois corredores alongados, sendo um deles descoberto, que asseguravam percursos alternativos no interior das mansões. Em todos os casos, as *domus* contavam com áreas que funcionavam como importantes fontes de ar e luz. Entre os demais cômodos, alguns se destacavam em razão de seu tamanho, forma física, localização e qualidade decorativa. Esses ambientes, principalmente a partir do século IV d.C., passaram a incluir elementos arquitetônicos típicos das construções públicas, como a abside e as entradas tripartidas sobre as quais apoiavam-se, em vez das tradicionais arquitraves, arcos feitos de tijolos. Outra particularidade observada nas mansões da Antiguidade Tardia era a presença de salas aquecidas, comumente encontradas em cômodos menores, mais reservados, antecedidos por corredores ou antessalas. As extremidades das casas normalmente destinavam-se às escadas e áreas de serviço, como cozinhas e cisternas. Mais tarde, a partir do século IV d.C., observa-se nas margens das *domus* também a presença de latrinas e, em uma única casa datada do século V d.C., a incorporação de termas.

Quanto à decoração, a característica mais marcante dessas casas era a presença de mármore em elementos arquitetônicos como colunas, capiteis, bases e entablamento, bem como no revestimento de paredes e pisos. O uso do mármore dentro do espaço doméstico representa uma continuidade em relação aos séculos passados, mas o material parece ter sido ainda mais difundido nas casas de elite durante a Antiguidade Tardia. (MEIGGS, 1973, p. 261; BECATTI, 1948, p. 199). Tamanha era a demanda nessa época que mesmo seu reuso foi intenso e comum. A origem variada do mármore reutilizado – vindo de antigos edifícios públicos, *collegia* inativos e túmulos – levou Patrizio Pensabene a crer na existência de um sistema bem organizado de recuperação, depósito e redistribuição dessa matéria prima (DELAINE, 2010, p. 554-555). Apenas a partir do final do século IV d.C. novas peças em pequenas quantidades foram importadas para projetos associados aos membros dos altos escalões da sociedade romana. Isso implica que a partir do século V d.C. alguns aristocratas não se contentavam com o mármore local e o importavam como uma maneira de se diferenciar ainda mais perante seus pares.

Outro elemento decorativo frequente nas *domus* de Óstia eram os mosaicos. Normalmente, as casas construídas até o século III d.C. tinham seus principais cômodos adornados por mosaicos em preto e branco. A partir de então, nota-se uma preferência

por mosaicos feitos de peças de mármore coloridas, em especial em *opus sectile*³¹, enquanto os mosaicos em preto e branco permaneceram apenas em espaços preexistentes que foram integrados às novas mansões. Os mosaicos policromados, de acordo com Becatti (1948, p. 207), satisfaziam o desejo de uma decoração viva e brilhante, fruto de uma tradição helenística retomada em novo estilo e com esplendor ainda mais exuberante nas mansões construídas a partir do século IV d.C. Os mosaicos feitos em *opus sectile* eram os mais custosos. A natureza do material empregado e a mão de obra para sua realização demandavam um alto dispêndio econômico e de tempo, despesas com as quais apenas um pequeno grupo de poderosos poderia arcar.

Empregava-se também, nas mansões de Óstia, fontes de água que podiam servir tanto para armazenamento hídrico quanto para embelezar o ambiente em que se situavam – geralmente os pátios. Com o passar dos séculos, observa-se a instalação de ninfeus monumentais que, além de grandes dimensões, eram adornados por mosaicos em cores vivas e possuíam vários nichos enquadrados por colunas e ocupados por estátuas, que conferiam a essas fontes maior notabilidade que aquelas encontradas nas casas mais antigas.

Analiso, a partir de agora, como esses e outros elementos eram planejados e combinados de forma a atender às necessidades dos aristocratas.

Fachadas

O primeiro contato das pessoas com as mansões se dava por intermédio das portas de entrada. A instalação de entradas monumentais encorajava os visitantes a entrar, ver e admirar a riqueza das residências. Na Antiguidade Tardia, os proprietários das *domus* ostienses aparentemente passaram a investir mais ainda em fachadas imponentes. Mais que uma questão estética, a meu ver isso denota a presença de uma aristocracia mais impositiva em Óstia, que avidamente buscava tornar suas residências atrativas aos mais variados tipos de visitantes e comunicar de antemão sua fortuna e suas ambições sociais a quem se aproximasse de suas casas.

A *Domus del Protiro*, construída no século III d.C., foi reformada em meados do século IV d.C. e ganhou uma nova fachada que se ajustava perfeitamente a tal propósito.

³¹ Termo em latim que se refere a uma técnica construtiva romana em que peças de pedras coloridas são cortadas em formas geométricas e organizadas para formar o pavimento de um piso ou o revestimento de uma parede.

É um tipo de entrada que também se encontra em outras *domus* da Antiguidade Tardia, mas nesse caso foi muito bem conservada. Essa casa possuía duas entradas emparelhadas: uma menor e mais discreta e outra ampla e majestosa (imagem 17).

Imagem 17 – Fachada da Domus del Protiro.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <http://ostia-antica.org/vmuseum/regio_5.htm (E26904)>. Acesso em 07 mar. 2019.

Um elemento característico dessa última é o pórtico que a adornava, composto por duas colunas de mármore e capiteis coríntios padronizados que sustentavam um tímpano (*tympanum*). O *tympanum* é a peça triangular que se apoia sobre as colunas do pórtico, colocado acima da entrada para decorar o topo da fachada. Tímpanos e colunas, no contexto da cidade de Óstia, eram empregados sobretudo em edifícios públicos e sagrados como basílicas, palácios e templos, pois conferiam extraordinária distinção à fachada dessas construções. Como explica Hanna Stöger (STÖGER, 2007, p. 354), apenas uma pequena fração de edifícios ostienses possuía entradas monumentais como a da *Domus del Protiro*, o que a tornava ainda mais distinta na paisagem. Sendo assim, essa fachada por si só anunciava o fausto da morada e reafirmava o poder de seu dono aos visitantes e transeuntes.

A porta de entrada da *Domus del Protiro* contava com outro elemento importante. Sobre uma das lajes de mármore que compunham o referido tímpano, havia uma inscrição que possivelmente continha o nome do último proprietário dessa casa³². Para Carlo

³² [...] X

Pavolini (2006, p. 215), essa inscrição foi realizada após outra mais antiga ter sido apagada, o que pode ser um indício da passagem dessa propriedade de uma família a outra. Tal inscrição foi parcialmente preservada e, de acordo com esse autor, é datada do início do século V d.C., período em que ocorreram as últimas reformas na *Domus del Protiro*³³. Caso essa interpretação esteja correta, observa-se uma preocupação por parte do aristocrata em afirmar publicamente seu domínio sobre a casa. Sem disfarce, portanto, revelava-se a identidade do indivíduo que mantinha o controle e a posse dessa mansão, o que também poderia contribuir para enaltecê-lo perante as pessoas que chegavam ao edifício.

Outro indício das pretensões de membros da aristocracia ostiense de se impor na cidade é que, por vezes, a fachada frontal das casas chegou a ocupar as ruas da malha urbana. As duas colunas de granito vermelho e um tímpano que embelezavam a entrada da *Domus della Fortuna Annonaria* (300-325 d.C.) foram instalados sobre a via em que a casa se encontrava. Além disso, esse ponto de acesso à mansão alinhava-se a um nicho que ficava no fundo do pátio (imagem 18).

Imagem 18 – Entrada da Domus della Fortuna Annonaria.

Fonte: Ostia Antica.

Nota: ao fundo, nicho alocado no pátio. Disponível em <<http://ostia-antica.org/region5/2/2-8.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

VD [12 letras perdidas] NGENTI
[...] I

³³ A inscrição, como se observa acima, continha três linhas, todas elas em estado muito precário de conservação. A segunda letra da linha dois foi mantida pela metade, mas parece ter sido um D, devido à curva que faz. O que restou da inscrição, de acordo com Giovanni Becatti (1948, p. 127) é muito pouco para interpretá-la. As letras são estreitas, alongadas e foram gravadas de modo sutil. A letra T era a mais longa de todas e, portanto, pode ser confiantemente datada do século IV d. C. A rasura de uma inscrição mais antiga sobre o tímpano sugere uma reutilização, como explica Becatti.

Sabe-se que um dos papéis atribuídos aos nichos era o de servir como santuários dedicados a divindades protetoras. Nesse caso, então, pode ser que a entidade sagrada alocada nesse nicho comunicasse às pessoas vindas de fora que o edifício e seus ocupantes contavam com proteção divina³⁴ (BAKKER, 1994, p. 180). O pórtico da mansão que foi estendido até a rua ampliava ainda mais o eixo visual que ia da entrada até o pátio onde se encontrava a escultura, transformando-a em um ponto focal (STOGER, 2007, p. 355-356). Além de advertir as pessoas sobre os perigos decorrentes de eventuais comportamentos inaceitáveis, essa estrutura também servia para restringir sua visibilidade, ou seja, concedia à gente de fora uma imagem cuidadosamente enquadrada do pátio, em vez de uma visão aberta do interior da casa, o que também parece ter sido uma medida protetiva (BERRY, 2016, p. 131). Por fim, a transição para o interior da *Domus della Fortuna Annonaria* era realizada através de degraus, pois seu vestíbulo estava em um nível um pouco abaixo da rua. Desse modo, ao adentrar essa mansão as pessoas eram encaradas pela estátua ao passo que desciam a escada, o que marcava ainda mais a passagem do ambiente externo e desprotegido ao interior da casa, resguardado por uma divindade.

A porta de entrada da *Domus della Fortuna Annonaria*, construída sobre uma via pública, permite observar o modo de agir impositivo de alguns aristocratas presentes na cidade de Óstia a partir do século IV d.C. Além disso, à medida que era vigiada por uma estátua, nota-se uma preocupação com a segurança da casa por parte de seu dono. Trata-se de um dos métodos pelos quais os proprietários buscavam controlar quem de fato poderia entrar ou sair das residências. Essa era uma precaução antiga das elites, pois mesmo a Casa do Poeta Trágico (VI.8.8) situada em Pompeia, por volta do século I d.C. teve o pavimento do seu pátio de entrada (*vestibulum*) equipado por um mosaico aparentemente destinado a protegê-la de indivíduos mal-intencionados (BERRY, 2016, p. 137): um cão ameaçador acompanhado pela inscrição “Cuidado com o cão” (*Cave Canem* – CIL V 877).

A instalação de várias entradas em uma mesma mansão igualmente evidencia as formas de dominação mais rígidas empregadas pelos aristocratas em Óstia na

³⁴ Nos dias atuais, o nicho acomoda uma estátua (sem cabeça) da deusa Diana – Ártemis para os gregos –, encontrada em pedaços em uma sala adjacente (15), mas colocada no santuário pelos arqueólogos apenas para tornar a visita ao local mais atrativa. Originalmente, é provável que continha uma escultura de Juno ou Ceres (BAKKER, 1994, p. 35; BECATTI, 1948, p.122).

Antiguidade Tardia. A maioria das *domus* ostienses datadas até o século III d.C. foram equipadas com uma única entrada e, assim, eram igualmente acessadas por todas as pessoas. No entanto, a partir do século IV d.C., tornou-se mais frequente a instalação de mais de um ponto de acesso por habitação. Com isso, buscava-se principalmente separar a passagem pela qual cada visitante, a depender de sua posição social, faria a transição da rua para o interior (PAVOLINI, 2011, p. 1043). Com o avançar da Antiguidade Tardia, portanto, parece que as casas eram instrumentalizadas para estabelecer hierarquias mais nítidas entre o proprietário, outros moradores e visitantes.

A *Domus dei Pesci* (240-250 d.C.) antecipava essa tendência que se tornaria mais evidente no final do século IV d.C. Como se observa na imagem abaixo, essa casa possuía pelo menos três entradas³⁵ (imagem 19).

Imagem 19 – Planta baixa da Domus dei Pesci.

Fonte: Ostia Antica.

³⁵ Na planta proposta por Becatti o acesso a partir da sala P, o qual se abria para a Via della Caupona, não aparece, mas na planta de Heres e Gismondi sim. Na planta de Heres há um enchimento nessa passagem, o qual é inexistente na planta sugerida por Gismondi. Não se sabe precisamente se no passado essa passagem estava ou não bloqueada. De todo modo, o arquiteto inicialmente demonstrou interesse em criar um acesso à casa a partir dessa importante via (PAVOLINI, 2014, p. 15).

Nota: setas em vermelho indicam as entradas da casa. Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio4/3/3-3.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Aos visitantes, de um modo geral, convinha reservar a maior e mais suntuosa delas. Ao acessar a casa por essa entrada, era indispensável a passagem pelos cômodos e corredores mais ornamentados da mansão. A entrada principal se conectava ao vestíbulo (A), cujas paredes eram pintadas e cujo chão possuía um mosaico policromado que formava a imagem de um cálice com peixes. Do vestíbulo, passava-se inevitavelmente à sala B, que continha gesso nas paredes e um mosaico branco no chão. O único destino possível a partir dessa sala era o corredor que ladeava o pátio G, o qual também possuía um mosaico geométrico em preto e branco no chão. Tendo em mente que o acesso à casa pela entrada principal obrigatoriamente conduzia as pessoas por trajetos ricamente decorados, pode-se inferir que era destinada aos visitantes e que os proprietários buscavam, com isso, impressioná-los. Imediatamente ao lado da entrada principal, outra passagem menor garantia fácil acesso a um poço de água (E), a um forno (D) e às escadas que levavam ao andar superior, possivelmente onde se encontravam os aposentos dos escravos (PAVOLINI, 2014, p. 15). Nesse sentido, pode-se imaginar que fosse destinada principalmente aos servos: para segregá-los, mas, ao mesmo tempo, para evitar que o desempenhar de suas tarefas domésticas interferisse no funcionamento da mansão. Quanto às aberturas que levavam aos cômodos P e S, essas talvez fossem reservadas ao proprietário e sua família, pois a partir delas se chegava às áreas mais reclusas da *Domus dei Pesci*. Evidentemente, o *dominus* podia transitar por todas as dependências de sua casa. Porém, quando as partes “comuns” do piso térreo – como os vestíbulos e o pátio – estivessem ocupadas por pessoas de fora da família, poderia usar essas entradas e trajetos para evitá-las (PAVOLINI, 2014, p. 14-15). Movimentar-se livremente sem interagir ou ser visto por outras pessoas, exceto em seus próprios termos, era um privilégio e um recurso valioso para os *domini* (COOPER, 2007b, p. 15-16). À medida que, com o passar dos séculos, segregava-se as entradas e os percursos internos das casas, entendo que os proprietários buscavam estruturar relações sociais cada vez mais hierarquizadas.

Vestíbulos

As entradas principais das *domus* ostienses, via de regra, ligavam-se aos chamados vestíbulos – do latim *vestibulum*: pátio de entrada de uma casa. Mais que simples áreas

de transição da rua para o interior das mansões, os *vestibula*, independente da época de construção das casas, parecem ter sido concebidos pelos proprietários também como salas de espera para acomodar seus visitantes.

No vestíbulo (A) da *Domus delle Gorgoni* (300 a 325 d.C.), a presença de um banco reforça essa ideia. Do assento, instalado sob uma ampla janela que se abria para o pátio, quem aguardava tinha uma visão de certo modo limitada da casa. Uma parede divisória situada entre os espaços D e E parece ter sido igualmente empregada para impedir que os ocupantes do vestíbulo (A) tivessem uma visão dos ambientes ao fundo da residência (imagem 20). Além da já referida tentativa de controlar quem entrava e saía de suas casas, nesse caso se observa também uma preocupação dos proprietários em impedir que os visitantes que já se encontravam dentro da residência travassem contato visual com certos espaços.

Imagem 20 – Planta baixa da Domus delle Gorgoni.

Fonte: Ostia Antica.

Nota: em vermelho, banco situado no vestíbulo. Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio1/13/13-6.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Além do mais, é presumível que os ocupantes do vestíbulo ficassem sob a supervisão de um empregado (*ostiarius*) encarregado de vigiar o acesso a essa *domus*. Em uma de suas cartas (*Ep.* 47), Sêneca fala sobre um escravo, Calisto, cujo atributo era controlar o acesso à mansão de seu dono. Séculos mais tarde, Santo Agostinho sugere em um de seus sermões recentemente descobertos por François Dolbeau (2009, p. 413), que esse trabalho podia ser desempenhado por mulheres. Nesse sermão, ele se refere à soberba dos aristocratas “pagãos” que se recusavam a se converter ao cristianismo para não se

rebaixarem: “Por acaso vou me tornar o que é minha porteira (*ostiaria*), em vez de ser o que foi Platão ou Pitágoras?” (Aug. *S. Dolbeau*, 26, 59: *Et hoc futurus sum quod est ostiaria mea, ac non potius quod fuit Plato, quod Pythagoras?*). Na *Domus dele Gorgoni*, uma espécie de “guarita” (B), situada logo ao lado da porta de entrada, possivelmente alojava esses porteiros (ou porteiras) responsáveis por monitorar os visitantes e direcioná-los às áreas em que eram admitidos pelo proprietário (BECATTI, 1948, p. 104-105). Além de conferir a vigilância da entrada das casas às divindades, como se verifica no caso da *Domus della Fortuna Annonaria*, os proprietários possivelmente também a incumbiam a servos especializados, como a *Domus delle Gorgoni* permite observar. Dada a necessidade de recepcionar diariamente um grande número de indivíduos, é possível notar uma preocupação por parte dos *domini* em munir os vestíbulos com barreiras físicas e simbólicas para restringir a visibilidade e a circulação de quem os aguardava.

No vestíbulo da *Domus del Ninfeo* (325-350 d.C.) encontravam-se pinturas parietais cujo propósito aparentemente era lembrar a determinados visitantes sua condição de subserviência (imagem 21).

Imagem 21 – Pinturas parietais no vestíbulo da Domus del Ninfeo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio3/6/6-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Apenas as partes inferiores dessas pinturas foram preservadas e o que se vê são painéis com plantas e pessoas – adultos e uma criança – que parecem caminhar uma atrás da outra. Em um deles, ainda, nota-se claramente a imagem de duas galinhas ciscando o terreno. Os detalhes dos trajes vestidos pelos personagens – túnicas de cinta curta, sapatos de couro e o pano *tibialia* –, a maneira como aparentemente se movem, os arbustos e as galinhas levaram Becatti (1948, p. 208-210) a pensar que tais cenas representavam camponeses no ato de coletar e transportar os frutos da horta para a casa senhorial, a fim de homenagear o *dominus*. De acordo com o autor, trata-se de um tema que encontra muitos paralelos em mosaicos dos séculos III e IV d.C. pertencentes, por exemplo, às mansões urbanas e rurais africanas, um dos quais pode ser verificado em *Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana* de Yvon Thébert (1990, p. 362). De todo modo, as pinturas do vestíbulo da *Domus del Ninfeo* parecem atender à vontade das elites de usar o espaço doméstico para mostrar aos visitantes o lugar do *dominus* enquanto proprietário, homem de posses.

Em resumo, os vestíbulos eram importantes espaços de transição da rua para o interior das casas. A presença de bancos em alguns desses cômodos sugere que podiam ser usados como salas de espera que mantinham as pessoas longe das áreas mais reclusas das residências. Tratavam-se, enfim, de espaços supervisionados, de onde pouco se via do interior das casas, e elaborados para legitimar a posição privilegiada dos aristocratas perante os visitantes.

Pátios

Os *vestibula* eram o principal meio de acesso à parte central das *domus*, em geral reservada aos pátios. Ambientes a céu aberto, os pátios forneciam ar e luz às mansões e sediavam importantes atividades para os aristocratas. Nesses espaços, encontrava-se com frequência uma combinação de elementos arquitetônicos e naturais – como plantas, flores e fontes de água – que possivelmente aludiam a um estilo de vida comum aos aristocratas, habituados com a alternância entre propriedades urbanas e rurais.

Na Antiguidade Tardia, a água foi o elemento da natureza mais enfatizado nos pátios das *domus* ostienses. A maioria dos pátios, independentemente da data de edificação das *domus*, acomodava poços e piscinas para armazenamento de água.

Entretanto, nas mansões construídas a partir de meados do século IV d.C., essas fontes de água assumiram a forma de ninfeus (*nymphaea*) grandiosos.

Na *Domus di Amore e Psiche* (325-350 d.C.), um ninfeu revestido a mármore e embelezado com mosaicos coloridos foi instalado sobre um jardim (imagem 22). Ainda que essa mudança possa estar ligada a uma questão de gosto, a ênfase dada à água encanada, um recurso disponível apenas para poucos privilegiados, traduzia o poder do dono da casa e escancarava a apropriação desse recurso por um grupo restrito de aristocratas durante a Antiguidade Tardia.

Imagem 22 – Ninfeu da Domus di Amore e Psiche.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <http://ostia-antica.org/vmuseum/regio_1.htm (E26912)>. Acesso em 07 mar. 2019.

Outra mudança significativa ocorrida nos pátios ao longo da Antiguidade Tardia diz respeito a sua própria estrutura. As casas construídas entre 200-300 d.C. caracterizavam-se por possuírem um pátio central colunado que era o grande articulador de diversos cômodos (imagem 23). No caso da *Domus del Tempio Rotondo* (290-300 d.C.), raramente passava-se de um cômodo a outro sem transitar pelo pátio (C). Isso implica que havia grandes chances das pessoas, independentemente de seu status, encontrarem-se umas com as outras ao cruzarem esse ambiente (ELLIS, 1999, p. 86).

Imagem 23 – Planta baixa da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio1/11/11-2.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

A partir de meados do século IV d.C. tomaram-se medidas aparentemente para moderar a coexistência entre diferentes grupos sociais dentro das *domus*. Nessa época, o pátio colunado foi substituído por dois corredores alongados emparelhados (um coberto e outro a céu aberto), como se observa no caso da *Domus del Ninfeo* (325-350 d.C.) (imagem 24). Nessa mansão, o acesso à maioria dos cômodos não mais demandava a passagem pelo pátio (A), o qual, além do mais, podia ser alcançado por uma entrada acessível diretamente pela rua. Ao que parece, a arquitetura dos pátios instalados nas casas aristocráticas nesse período mais avançado demonstra uma vontade das elites de segregar as pessoas no interior das casas, ao contrário de aproximá-las.

Imagem 24 – Planta baixa da Domus del Ninfeo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio3/6/6-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

O caso da *Domus dei Dioscuri* (400-425 d.C.) exemplifica como o isolamento dos pátios em relação a outros cômodos das mansões foi levado ao extremo no século V d.C (imagem 25). A planta dessa casa era uma das mais fragmentadas, munida de várias entradas e repleta de percursos intrincados. O pátio (C) conectava-se diretamente apenas com os aposentos B e F, ao contrário do que se observa nos séculos anteriores, em que a maioria dos cômodos se abria para o núcleo descoberto das casas.

Imagem 25 – Planta baixa da Domus dei Dioscuri.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio3/9/9-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Os pátios das mansões aristocráticas, como sugere Vitrúvio, serviam para recepcionar a clientela dos poderosos durante cerimônias como a *salutatio* (Vitrúvio 6, 5, 1). Em Óstia eram amplos, suntuosos e na maioria dos casos alinhavam-se a outras salas que podiam funcionar como tribuna para o dono da casa, permitindo-lhe uma entrada solene diante de seus dependentes nessas ocasiões.

A título de exemplo, o extenso pátio (A) da *Domus del Ninfeo*, embelezado por uma fonte de água que se destacava por suas cores vívidas (azul e vermelho), situava-se no mesmo eixo que outra sala elevada (B), cuja entrada era demarcada por duas colunas de mármore e um degrau (imagem 24). Do alto desse cômodo (B) e enquadrado pelas colunas, o proprietário poderia se apresentar de maneira majestosa aos seus dependentes, alocados no pátio em um nível inferior. Essa estrutura espacial hierarquizada, a qual tornava um determinado ambiente dominante em relação a outro, demarcava a distância social existente entre os patronos e os clientes (imagem 26).

Imagem 26 – Pátio A visto da sala B da Domus del Ninfeo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <http://ostia-antica.org/vmuseum/regio_3.htm (E26923)>. Acesso em 07 mar. 2019.

O ritual da *salutatio*, contudo, não era a única atividade ocorrida nos pátios. Outras cerimônias, como aquelas de caráter religioso, também se davam nesses ambientes ou em suas adjacências. Na *Domus delle Colonne* (230-250 d.C.), o acesso ao pátio tornou-se

mais restrito a partir das reformas ocorridas por volta de 300-350 d.C., pois foi delimitado por pilares de tijolos entre os quais foram construídos muros baixos (*opus vittatum*). Apenas por meio de duas passagens, uma a sudoeste e outra a noroeste, podia-se alcançá-lo. Nele, havia um ninfeu com dois nichos, um de costas para o outro (imagem 27).

Imagem 27 – Planta baixa da Domus delle Colonne.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio4/3/3-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

O nicho voltado para o fundo da casa era antecedido por uma longa bacia e alocado sobre um pódio (*podium*) enquadrado por duas colunas, o que lembrava bastante um pequeno altar (imagem 28). Esse pátio, portanto, parece ter sido importante para a realização de atividades religiosas.

Imagem 28 – Nicho situado no pátio da Domus delle Colonne.

Fonte: Ostia Antica.

Nota: visão a partir da sala I. Disponível em <<http://ostia-antica.org/region4/3/3-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Nessa mesma mansão, dois pequenos altares de mármore que também ficavam sobre um *podium* foram descobertos no canto norte do corredor que ladeava o pátio (D). Em um deles foram encontradas representações de um vaso e de uma pátera (*patera*), respectivamente, nos lados esquerdo e direito. Para Bakker (1994, p. 33-34), o pódio e os dois altares possivelmente compunham uma edícula (*aedicula*), uma espécie de templo em miniatura. Os utensílios gravados em um dos supostos altares eram geralmente empregados em contextos rituais. Em especial a *patera*, tigela arredondada com alça longa, era utilizada sobretudo para libação, ato cerimonial religioso em que se derramava algum líquido – água, vinho, sangue entre outros – sobre a vítima sacrificada em honra aos deuses.

Os pátios das mansões ostienses, com o passar dos séculos, aparentemente passaram a hierarquizar as relações entre seus usuários. Ao que parece, eram ambientes bastante agitados. Podiam servir, por exemplo, como salões de recepção durante a *salutatio* e como espaços para práticas religiosas. Eram importantes também para os servos domésticos, pois tratavam-se de locais de circulação, trabalho e reserva de água. Como veremos mais adiante, eram igualmente concebidos como cenários agradáveis durante os banquetes do proprietário.

Salas de Culto

Entre os ambientes próximos aos pátios, geralmente encontravam-se salas de culto, o que sugere que as atividades religiosas não se restringiam os pátios das casas. Em uma espécie de porão que fazia parte da *Domus del Protiro* (imagem 29), por exemplo, encontravam-se dois nichos e uma estrutura que pode ter sido um *Lararium*, local dedicado às divindades (*Lares Familiares*) cultuadas para proteção e continuidade da família (imagem 30).

Imagem 29 – Planta baixa da Domus del Protiro.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio5/2/2-4.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

O subsolo era acessível a partir de uma escada que ficava em um dos corredores que cercavam o pátio (30). Um dos nichos descobertos nesse local estava alinhado com a escada. Bakker acredita que fosse originalmente ocupado por uma estátua de mármore de um Gênio³⁶ com toga, uma cornucópia (*cornucopia*) na mão esquerda e uma cobra gravada no apoio lateral³⁷ (BECATTI, 1948, p. 121; BAKKER, 1994, p. 34-35). Em Pompeia, mas também em Herculano, o Gênio era representado com uma toga (*togatus*), a cabeça coberta com um véu (*capite velato*) e com uma cornucópia (*cornucopia*) ou uma pátera (*patera*) nas mãos. Cobras também foram frequentemente pintadas em santuários na Campânia. Essas representações, para Bakker (1994, p. 9-10), dizem respeito aos *Genii Loci*, protetores do lugar. De acordo com Kim Bowes (2008, p. 28), o Gênio parece ter igualmente representado o espírito divino que emanava do e/ou vigiava o *paterfamilias*. A natureza do Gênio era bastante ambígua, já que podia representar tanto o espírito guardião do chefe da família quanto ele próprio deificado (BOWES, 2008, p. 30).

³⁶ Sent. próprio: 1) Gênio (divindade geradora que presidia ao nascimento de alguém); depois: 2) Gênio (divindade tutelar de cada pessoa), gênio tutelar de um lugar, de uma coisa, etc.

³⁷ O Gênio foi descoberto na sala 14. A interpretação de Bakker fundamenta-se a partir de santuários que ocupavam um complexo subterrâneo em Pompeia, dedicados ao Gênio, Lares e cobras.

Imagem 30 – Reconstrução em 3D do subsolo da Domus del Protiro.

Fonte: Bakker (1994, p. 35)

Nos feriados religiosos, como se sabe, convidava-se os amigos a assistirem aos sacrifícios feitos aos Gênios protetores da casa, uma honraria ainda maior que um simples convite para jantar. Uma grande festa anual centrada na figura do Gênio era o aniversário do pai de família. Nesse dia, seu Gênio protetor era homenageado com um banquete. A ele eram oferecidos bolos, incensos e vinho em altares domésticos (Censorino, *De die natali* 3, 5-6). As estatuetas que o representavam eram retiradas do nicho sagrado da casa e diante delas colocava-se pratos de comida que ao final da refeição eram aproveitados pelos escravos.

Os membros de sangue da família, destaca-se, não eram os únicos a participar dessas celebrações. Além do dono da casa, sua mulher e filhos, escravos, libertos e clientes também podiam celebrar o aniversário de seus patronos como forma de agradecer os benefícios provenientes dos vínculos do clientelismo (BOWES, 2008, p. 29). No século III d.C., por exemplo, Censorino comparou os presentes de seu patrono com a generosidade dos deuses e celebrou seu aniversário como um festival de agradecimento (*De die natali* 3, 5-6, ed. SALLMAN, 1983, p. 4; cf. BOWES, 2008, p. 29-30). Isso não implica, no entanto, em um afrouxamento da hierarquia existente entre os poderosos e seus dependentes. Ao contrário, essa distância social ficava mais evidente ao se observar que as pessoas de origem humilde, nessas ocasiões, adoravam as divindades protetoras de seu *dominus* em detrimento de suas próprias. Além disso, tal solenidade atesta que os patronos faziam parte de uma esfera religiosa e ritual, tanto que seu aniversário era

celebrado por seus apoiadores ao lado de festivais cívicos mais tradicionais, como um complemento ao calendário sacro. Assim como a *salutatio*, essa cerimônia reforçava a hierarquia social em que os proprietários das *domus* estavam no topo (BOWES, 2008, p. 30).

Gabinete do Dono

Entre os ambientes que ladeavam os pátios, encontravam-se salas onde os proprietários das mansões podiam receber amigos longe da agitação cotidiana das residências, por exemplo, para debater assuntos políticos, tratar de negócios e realizar atividades intelectuais como leituras e discussões literárias.

Ao menos uma das salas pertencentes à *Domus dei Dioscuri* parece ter sido apropriada para encontros sociais dessa natureza. Tal aposento (H) era relativamente reservado, pois se abria para os fundos da casa e seu acesso a partir da entrada principal (A) não era tão fácil, sobretudo para um estranho. No entanto, a partir de outra entrada secundária (F), o caminho até essa sala mostrava-se mais direto (imagem 25). Tal recinto, nesse contexto, possivelmente era reservado a um grupo restrito de pessoas autorizadas a circular por uma área mais exclusiva da mansão. O piso ao fundo dessa sala continha um mosaico preto e branco com várias representações de Meandro, divindade fluvial, enquanto o restante do pavimento era ocupado por um mosaico colorido que deu nome à casa. No quadrado central desse mosaico observa-se os Dióscuros, irmãos gêmeos da mitologia greco-romana, também conhecidos como Castor e Pólux, cercados por octógonos preenchidos por uma taça, uma cesta com frutas, um cântaro e um vaso (imagem 31).

Imagem 31 – Mosaico na sala H da Domus dei Dioscuri.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio3/9/9-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Sabe-se que o culto aos Dióscuros, em Óstia, assumiu formas oficiais e solenes durante séculos, com sacrifícios feitos especialmente para propiciar a chegada do suprimento de grãos (BECATTI, 1948, p. 220). Os gêmeos também eram venerados como protetores do comércio marítimo (PAVOLINI, 2006, p. 167). De acordo com Becatti, essa representação sugere que o dono da mansão podia ser alguém que vivia da importação de trigo do Norte da África, onde possivelmente possuía outras propriedades, e que encontrou nos Dioscuri os protetores tradicionais de sua atividade transmarina.

A relação entre Óstia e o norte da África era antiga. Desde o reinado de Cômodo (176-192 d.C.), a *Classis Africana Commodiana Herculea* pode ter sido criada para o transporte de grãos da África³⁸ (*Historia Augusta, Vita Commodi*, XVII, 7-8). Sob Constantino, os grãos provenientes de Alexandria começaram a tomar a rota para Constantinopla e, com isso, Roma passou a depender ainda mais do Norte da África (BECATTI, 1948, p. 218). Os transportadores de trigo nessa época recebiam incentivos fiscais para transportar para a *annona*, o que pode explicar a presença massiva de outras

³⁸ A suposta criação dessa frota de Estado é objeto de controvérsia e só aparece em uma fonte problemática do século IV, a *História Augusta*. O que sabemos é que o trigo transportado da África continuou a ser feita por contratantes privados a serviço do Estado romano. O autor da HA pode ter confundido a frota criada por Cômodo para defender o litoral africano com uma frota para o transporte de trigo (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2012, p. 56).

mercadorias africanas como a cerâmica não só em Roma, mas também em Óstia. Como sugere Chris Wickham (1988, p. 190), à medida que se isentava o transporte do trigo das taxas cobradas pelo império, abria-se oportunidade para que os navios trouxessem também, a baixo custo, outros produtos.

Parece-me plausível, portanto, supor que no cômodo H o dono da *Domus dei Dioscuri* recebia aliados e tratava de negócios ligados, por exemplo, à importação de grãos. A representação de um mito tradicional da cultura greco-romana no pavimento dessa sala pode implicar em seu uso também para atividades intelectuais. A arte doméstica, portanto, servia para aumentar o prestígio dos proprietários, uma vez que enfatizava sua superioridade cultural em um período de profundas mudanças. A isso soma-se a natureza do material empregado no mosaico que representava os Dióscuros, que expressava o poder econômico do dono da *Domus dei Dioscuri*.

Sala Principal

Entre os diversos cômodos que compunham as plantas das casas, havia sempre um de maior destaque. Em geral, esses ambientes eram muito amplos e tinham sua entrada demarcada por elementos arquitetônicos que sugeriam um alto grau de importância dentro do conjunto de aposentos das mansões. Neles se encontravam aparatos decorativos em abundância. Em alguns, verifica-se a presença de marcas nas paredes, possivelmente deixadas pelos três leitos (*triclinia*) utilizados nas refeições dos aristocratas. Em outros, o uso da abside sugere que se ajustavam ao *stibadium* e ao *sigma*, um tipo diferente de sofá e uma mesa, respectivamente. Acredita-se, a partir desses componentes, que essas eram salas de jantar (*triclinium*).

A grande sala absidal elevada (15) da *Domus della Fortuna Annonaria*, por exemplo, possuía uma entrada composta por duas colunas de mármore que sustentavam três arcos de tijolos (imagens 32 e 33).

Imagem 32 – Planta baixa da Domus della Fortuna Annonaria.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio5/2/2-8.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Imagem 33 – Sala 15 da Domus della Fortuna Annonaria vista do pátio.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <http://ostia-antica.org/vmuseum/regio_5.htm (E26915)>. Acesso em 07 mar. 2019.

Acessar esse cômodo implicava travar contato visual com uma estátua encontrada sobre uma base de travertino na parte leste do corredor (13) (imagem 34). Observa-se, na imagem abaixo, uma mulher sentada em um trono com uma coroa que remete a uma muralha citadina e que segura em sua mão esquerda uma cornucópia da qual emanam flores e frutas. Esses itens são típicos das estátuas que representam a divindade Fortuna. A cornucópia, símbolo da fertilidade, abundância e riqueza, no contexto específico de

Óstia, possivelmente aludia à fartura de grãos enviados a Roma por intermédio do *Portus Ostiensis*. Nesse sentido, arqueólogos entendem que a escultura representava a personificação da Fortuna Annonaria e foram por ela inspirados a assim nomear essa mansão. Entre o corpo da mulher e a cornucópia existem outros objetos que podem ajudar na interpretação dessa estátua: um remo e um pequeno disco, talvez um tamborim. O remo é um símbolo em geral ligado ao comércio marítimo, o que torna conveniente a presença de uma estátua como essa em Óstia. Já o tamborim está ligado antes a outras divindades – como Cibele, a Deusa Mãe – que à Fortuna propriamente dita, o que abriu espaço para outras formas de se interpretar essa escultura³⁹. Em suma, a estátua foi interpretada ora como a personificação da Fortuna Annonaria, ora como a personificação da própria cidade de Óstia.

Imagem 34 – Estátua situada no corredor da Domus della Fortuna Annonaria.

Fonte: Friends of Roman Ostia (FORO).

Disponível em <<https://www.ostia-foundation.org/the-house-of-fortuna-annonaria-la-domus-della-fortuna-annonaria/>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Quanto ao interior da sala, o piso foi equipado com *opus sectile* e as paredes cobertas de mármore. À direita havia um extenso *nymphaeum*, como de costume, composto por nichos retangulares e circulares que se intercalavam. Na frente dos nichos havia uma bacia onde os arqueólogos encontraram uma pequena estátua de um gênio

³⁹ Uma hipótese levantada por Louis F. Aulbach e Linda C. Gorski é que mudanças foram deliberadamente realizadas para alterar a identidade da divindade. A estátua poderia ter sido, de acordo com esses estudiosos, originalmente criada para representar Cibele, a Deusa Mãe. Afinal, as características mais visíveis nessa estátua, a coroa e a cornucópia, também se faziam presentes nas representações dessa divindade. Estátuas da deusa Cibele, além disso, eram geralmente acompanhadas por um leão que ficava à direita da divindade, justamente no lugar em que mais houve modificações na estátua encontrada na *Domus della Fortuna Annonaria*. É nesse sentido que a escultura em questão poderia ter sido de início uma representação da deusa Cibele e que mais tarde foi transformada em uma divindade menos controversa, a Fortuna Annonaria.

(outono) e uma cabeça da deusa Vênus. Uma escultura da deusa Atena e outros dois retratos masculinos também foram descobertos nesse recinto. A abside, extremidade da sala em forma de semicírculo, ficava em um nível ligeiramente mais alto que o restante do cômodo. Nela se encontrava um nicho no qual havia uma estátua da deusa Ceres vestida com uma túnica, um manto, coroada com espigas e com um módio cheio delas aos seus pés⁴⁰. É importante lembrar que tanto a abside quanto o ninfeu não faziam parte da construção original da casa, mas foram edificadas em reformas que ocorreram posteriormente.

A abside provavelmente foi empregada nesse aposento com a finalidade de glorificação do proprietário dessa *domus*, pois o elevava perante o séquito que ocupava a parte inferior da sala. Cômodos abobadados como esse ajustavam-se perfeitamente ao *stibadium* e ao *sigma*. Para diversos autores esse sofá tratava-se de um espaço bastante codificado, pois seus leitos eram supostamente classificados em conformidade com uma ordem hierárquica que culminava na posição daquele que presidia o banquete (*magister convivio*), ou seja, o dono da casa. *Stibadium* e *sigma*, conforme explica Dunbabin (2003, p. 166), faziam alusão às refeições ao ar livre e, em vista disso, seu uso dentro das mansões era geralmente combinado com elementos da natureza, como fontes de água e jardins. É o que se observa no caso da *Domus della Fortuna Annonaria*, onde a sala de jantar acomodava um grande ninfeu e se abria para um jardim (*viridarium*) instalado no pátio (14). À medida que a água fluía por essa fonte, criava-se um som ambiente agradável que combinava com o cenário bucólico. A construção da abside e do ninfeu em um período mais tardio reitera a hipótese da ascensão de uma elite mais arbitrária em Óstia na Antiguidade Tardia.

As esculturas ligadas ao cultivo de grãos, de acordo com a interpretação de Becatti (1948, p. 218), podem ser um indício de que o proprietário ocupava um importante cargo ligado à *annona*, talvez um *procurator annonae*, em geral pertencente à ordem equestre e subordinado ao prefeito da *annona* (*praefectus annonae*) de Roma. Datadas de diferentes períodos, aparentemente tratavam-se de itens colecionáveis, transmitidos de geração a geração através de herança ou adquiridos no comércio de obras de arte (THÉBERT, 1990, p. 333). Sugiro que os dois retratos masculinos encontrados na *Domus della Fortuna Annonaria* podiam fazer referência a seus atuais donos ou a antigos proprietários. Pela lei romana, retratos de ancestrais eram considerados parte da casa e

⁴⁰ Originalmente descoberta em uma latrina (16).

nela permaneciam mesmo após a passagem da propriedade para as mãos de uma família diferente (FLOWER, 1996, p. 40-47). Expressavam, portanto, a sofisticação e o bom gosto do *dominus* e podiam também mobilizar a memória de seus antepassados.

A sala de jantar (I) da *Domus dei Dioscuri*, diferente dessa primeira, era mais voltada a seu próprio interior que aberta ao pátio, com o qual não possuía relação direta. O acesso a ela se dava por amplos corredores (F e G) situados ao fundo da *domus* (imagem 25). Entretanto, sua decoração era igualmente sofisticada. O chão da imensa sala, com aproximadamente 100 m², acomodava um luxuoso mosaico que levava no topo a seguinte inscrição: “construam muitas coisas e dediquem as melhores⁴¹”. Abaixo dela, a deusa Vênus repousava sobre uma concha sustentada por dois Tritões e à sua volta encontravam-se Nereidas montadas em monstros marinhos (imagem 35).

Imagem 35 – Desenho do mosaico na sala I da Domus dei Dioscuri.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio3/9/9-1.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Para Becatti (1948, p. 114), o lema *Plura faciatis [et] meliora dedicetis* indica um aristocrata orgulhoso e satisfeito com sua atividade. Essa sentença e os emblemas

⁴¹ *Plura faciatis [et] meliora dedicetis*.

marítimos foram bastante difundidos em mosaicos africanos do século IV d.C. em cidades como Cartago e Djémila (BECATTI, 1948, p. 219; PAVOLINI, 2006, p. 168). Neles, a imagem central da Vênus na concha sendo carregada pelos Tritões se repete inúmeras vezes (BECATTI, 1948, p. 206). Reitera-se, com isso, a ideia de que o proprietário da *Domus dei Dioscuri* possuía relações estreitas com o Norte da África.

Além do mais, entende-se que a partir dessa composição é possível detalhar o perfil e até mesmo sondar possíveis diálogos dos ocupantes desse *triclinium*. O conteúdo da inscrição seguramente tocava à experiência do anfitrião e de seus convivas, provavelmente habituados à prática das doações cívicas. A mensagem “construam muitas coisas e dediquem as melhores”, afinal, soa como um convite ou uma solicitação transmitida de um aristocrata para outro. Expressa o comprometimento de um poderoso com as doações e coloca seus atos pessoais como um modelo a ser seguido. Nesse sentido, parece-me plausível inferir que entre os vários temas que perpassavam o ambiente durante os banquetes, estavam discussões sobre as benesses que poderiam ser realizadas à cidade. Quanto aos emblemas mitológicos, esses talvez sejam indícios de que ali também eram travados diálogos sobre os saberes filosóficos, retóricos e literários típicos de uma cultura clássica.

Em conclusão, verifica-se que os *triclinia* das *domus* ostienses eram cuidadosamente elaborados para enaltecer os proprietários e comprazer seus convivas durante os banquetes, uma vez que essas ocasiões solenes eram importantes momentos de sociabilidade entre as elites dentro do espaço doméstico. Por meio delas, os *domini* podiam exercer seu poder e influência sobre aliados políticos, estabelecer novos contatos com personagens importantes e se auto representar aos convidados em uma cena digna de seu papel e de acordo com esquemas institucionalizados e ritualizados (TIONE, 1999, p. 205).

Cubículo

Ao contrário das salas de jantar, havia alguns cômodos de tamanho menor, reservados e de acesso restrito, situados no fundo das mansões e precedidos por corredores ou antessalas. Às vezes, alcançá-los demandava a travessia de um percurso com muitas portas. Eram os quartos onde possivelmente os *domini* se recolhiam para dormir ou descansar entre uma atividade e outra. Isso não implica que fossem tão somente

dormitórios no sentido moderno da palavra, pois neles o *paterfamilias* podia tratar de assuntos sigilosos com membros da família como filhos e esposa, mas também com amigos íntimos.

É o caso da sala 17 da *Domus delle Gorgoni*, bem afastada da entrada principal, acessível apenas a partir da travessia de corredores e portas e equipada com um sistema de aquecimento (imagem 36).

Imagem 36 – Planta baixa da Domus delle Gorgoni.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio1/13/13-6.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Ao fundo desse aposento, as figuras geométricas que compunham um mosaico formavam um retângulo no piso, o que pode ser um indício da presença de um leito nesse espaço. O ambiente aquecido e com uma cama oferecia comodidade ao repouso, mesmo nos dias mais frios. Já a parte central do pavimento comportava uma imagem de uma górgona acompanhada pelo texto *Gorgoni Bita*⁴² (imagem 37).

⁴² O termo górgona foi usado na Antiguidade para nomear os três monstros infernais que existiam na mitologia clássica: Medusa, Esteno e Euriale, todas filhas de Fórcis e Ceto. Medusa era a mortal e as outras duas imortais, mas as três tinham o mesmo aspecto assustador. Em geral, eram representadas da seguinte maneira: serpentes enrolavam-se sobre suas cabeças e ao redor de suas cinturas, tinham olhos grandes e largos, uma boca enorme e ameaçadora com a língua pendurada entre os dentes, asas, garras e presas afiadas

Imagem 37 – Mosaico na sala 17 da Domus delle Gorgoni.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio1/13/13-6.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

A inscrição que acompanha essa imagem foi interpretada por Becatti como *Gorgoni vita*, isto é, “Evite a Górgona” ⁴³. Para Jan Theo Bakker (1994, p. 98-99), representações como essa, em geral invocadas para afastar malefícios, dificilmente seriam instaladas em uma *domus*, onde visitantes respeitados eram diariamente acolhidos pelo proprietário. Um *cubiculum*, Bakker explica, podia ser usado para receber amigos íntimos e, assim, seria estranho que apresentasse uma decoração tão hostil. A imagem da górgona no referido cubículo (17), vale lembrar, não era única que se fazia presente na casa, outras duas foram encontradas nas salas 3 e 11. Para Bakker, é provável que a *Domus delle*

de javali. O único perigo oferecido pelas górgonas, no entanto, provinha de seus olhos, pois segundo o mito petrificavam os mortais (ESCRIBANO & DÍAZ, 2006, p. 96-98).

⁴³ Normalmente, conforme explica Bakker, espera-se um acusativo com *vitare* (*Gorgonem vita*), mas um dativo é possível. O arqueólogo Lammert Bouke van der Meer, em contrapartida, sugere que o texto seja traduzido como “Vida a Górgona”.

Gorgoni tenha sido equivocadamente interpretada como uma mansão aristocrática. O autor propõe, enfim, que o edifício tenha sido um bordel, uma vez que seria mais plausível encontrar mosaicos que atuavam como amuletos em edifícios desse gênero.

Em oposição à hipótese de Bakker, penso que justamente porque as *domus* eram diariamente frequentadas por muitas pessoas convinha aos proprietários recorrer a métodos para protegê-las. Entendo que as imagens das górgonas nessa casa eram um recurso utilizado pelo dono para evitar a presença de indivíduos indesejados em áreas inapropriadas. Aliás, a representação da górgona, como se observa na próxima imagem, alinhava-se diretamente com a entrada do *cubiculum* (imagem 38).

Imagem 38 – Mosaico visto da entrada do cômodo 17 na Domus delle Gorgoni.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio1/13/13-6.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Ao que parece, seu papel era evitar que pessoas não autorizadas cruzassem o limiar da porta ou simplesmente perambulasse pelo local. Pode-se imaginar que, para o *dominus*, algo dentro desse cômodo devia ser preservado, talvez as conversas, objetos de valor, arquivos e assim por diante. Aqui, tal qual observado por Simon Ellis em seus trabalhos sobre as *domus*, caso os visitantes se desviassem de seu trajeto, a atmosfera criada por um quarto poderia causar-lhes a sensação de que eram intrusos, informá-los de que haviam tomado o caminho errado (ELLIS, 1999, p. 77).

Um mosaico com a imagem de uma górgona, datado da segunda metade do século I d.C. até meados do II d.C. (ESCRIBANO & DÍAZ, 2006, p. 105), também foi encontrado em uma *domus* da cidade de *Carthago Nova*, na *Hispania* romana, provavelmente em uma sala de jantar. A górgona, nesse caso, também ocupava o centro da composição e estava acompanhada por motivos geométricos, os quais se restringiam ao espaço em que ficavam os leitos dos comensais (ESCRIBANO & DÍAZ, 2006, p. 94). Cumpria dupla função: motivo decorativo principal e elemento de proteção. Para Escribano e Díaz, a maioria dos quartos com representações desse tema, principalmente fora da Espanha, eram salas de recepção ou *triclinia*. As górgonas podiam ser observadas desde a entrada, o que sugere que, de fato, eram empregadas para rejeitar influências malignas.

Ainda que não se possa falar em “privacidade”, observa-se um desejo por parte dos *domini* de ter à disposição espaços relativamente mais reservados, onde não seriam vistos o tempo todo.

Latrinas

A presença de latrinas no interior de algumas *domus* ostienses, principalmente a partir de meados do século III d.C., é um outro indício da notabilidade desses edifícios e, obviamente, do status das pessoas que os habitavam (BOERSMA, 1996, p. 151). Sugere, ainda, o desejo dos aristocratas da época de se manterem afastados da multidão que frequentava as termas públicas e mesmo de certos habitantes de suas próprias residências. Os proprietários, por vezes, dispunham de provisões sanitárias para si e sua família no térreo e no primeiro andar, e também de latrinas separadas para inquilinos e servos no andar superior.

O dono da *Domus della Fortuna Annonaria*, por exemplo, desfrutava de uma latrina instalada em um vão (16) atrás da parede do ninfeu que ficava na sala de jantar (15). O acesso a ela se dava exclusivamente através de uma abertura lateral na abside do *triclinium* (imagem 32). Sendo assim, aparenta ter sido utilizada acima de tudo pelo chefe da casa e sua família. A latrina possuía um único assento e foi equipada com um sistema de descarga engenhoso que aproveitava água do ninfeu (BOERSMA, 1996, p. 156). O piso do ambiente foi embelezado com um mosaico de alta qualidade (imagem 39).

Imagem 39 – Latrina na Domus della Fortuna Annonaria.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/regio5/2/2-8.htm>>. Acesso em 07 mar. 2019.

Nessa mesma casa, outra latrina pode ter sido instalada no andar superior. No canto sudoeste da sala 20, no piso térreo, encontrou-se um canal vertical possivelmente destinado aos canos de drenagem da água residual do sanitário. Johannes Boersma (1996, p. 156) supõe que, por estarem do lado de dentro do edifício, esses sulcos funcionavam como parte de seu sistema sanitário. O acesso ao andar superior, onde ficava essa latrina, se dava a partir de uma escada situada no final de um corredor (13) que ladeava o pátio. Por esse motivo, presume-se que também ficava à disposição do aristocrata e sua família. Por um lado, isso pode indicar uma preocupação com a usabilidade da casa, pois ter uma latrina em cada andar era mais prático. Por outro lado, pode denotar um desejo do proprietário de diferenciar quem entre os moradores usaria uma e quem usaria outra.

Marcas deixadas por esses condutos também foram encontradas no canto nordeste da sala 3, o que sugere que no andar de cima tenha havido uma terceira latrina. Essa ala superior da residência era acessível apenas a partir de uma escada que se abria para a *Via della Fortuna Annonaria* e, portanto, estima-se que tenha sido reservada aos inquilinos do *dominus*. Isso contribui para mostrar o prestígio e o poder econômico do dono da casa,

que podia prover a seus inquilinos esse tipo de facilidade. Além disso, sugere novamente que os proprietários não queriam se separar apenas da multidão que frequentava os espaços públicos coletivos, mas mesmo das pessoas que moravam sob seu teto.

A *Domus del Protiro* igualmente contava com a presença de várias latrinas, situadas tanto no térreo quanto nos andares de cima. O número de assentos em cada uma delas variava. Ao que parece, todas estavam à disposição do proprietário e sua família, pois os andares superiores eram acessados apenas pelo interior da casa, uma vez que não havia escadas independentes e abertas para a rua. Entretanto, para Boersma, algumas dessas latrinas foram reservadas aos inquilinos, embora o autor não ofereça maiores detalhes sobre seu argumento. As latrinas que contavam com mais de um assento, como é caso daquela que ficava abaixo de uma escada no térreo (8), implicavam em um uso coletivo, ainda que mais restrito que em uma latrina pública. Em outras palavras, seus usuários mantinham uma forma de sociabilidade mesmo recolhidos no interior da casa. Nas constituídas por um único assento, pelo contrário, talvez seja razoável falar na privatização das necessidades fisiológicas, na afirmação de um novo pudor e em uma nova relação com os ruídos e os odores corporais (THÉBERT, 1990, p. 367-368).

Termas

Além de levar para dentro de suas casas as latrinas, nota-se que, entre os aristocratas, um deles incorporou à casa também termas. Isso ocorreu na cidade somente no século V d.C. Trata-se de outro indício de como a elite tornou-se mais autoritária e mais distante da população comum. A presença das termas é a consequência extrema da apropriação do recurso hídrico pelos aristocratas. Apenas o proprietário da *Domus dei Dioscuri* (400-425 d.C.) contava com termas particulares à sua disposição, o que deve ter lhe conferido grande notabilidade. É importante lembrar que a presença desse complexo termal dentro da mansão não pode ser explicada em função do declínio das termas públicas da cidade, uma vez que grandes estabelecimentos desse gênero, como as *Terme del Nettuno*, as *Terme del Foro* e as *Terme di Porta Marina*, haviam sido restauradas nesse período tardio, especialmente entre os séculos IV-V d.C. (PAVOLINI, 2006, p. 168). Os banhos (O, P, Q) pertencentes a essa *domus* ficavam na extremidade oeste do edifício (imagem 25). O acesso a eles se dava através de um hall de entrada (N).

Da antessala N, passava-se a um pequeno corredor (R), o qual contava com um nicho ao fundo da parede leste. A sala adjacente (Q) foi destinada ao banho quente (*caldarium*) e contava com duas piscinas, uma semicircular a oeste e outra retangular ao norte. Essa sala foi equipada com uma janela na parte oeste, acima do hipocausto. Conectava-se a ela uma outra sala quente (*tepidarium*), cujo pavimento era suspenso (*suspensurae*) e possuía uma prateleira elevada na parede oeste. Dessa, chegava-se a sala fria (*frigidarium*), composta por uma grande piscina semicircular ao sul e outra menor, também em formato cilíndrico a oeste, ambas acessíveis descendo-se alguns degraus. Todas as paredes e piscinas das termas foram revestidas a mármore. A noroeste dos banhos, situava-se uma cisterna que abastecia as piscinas. O pequeno corredor que se estendia a oeste das salas quentes (P e Q) permitia que o sistema de calefação abaixo dos três tanques fosse alimentado, enquanto uma fossa se abria sob o banho frio (O).

A fachada da *Domus dei Dioscuri* foi completamente cercada por um muro (*operam listata*) que, de acordo com Becatti (1948, p. 114), resultou na criação de um corredor de serviço que ia da entrada principal (A) da mansão até os hipocaustos das termas e para o qual se abriam as janelas instaladas sobre as piscinas. O corredor funcionava como um recuo que afastava a casa da rua. Ainda, evitava que os servos encarregados da manutenção das termas passassem pelas salas de estar dessa *domus*. Mais uma vez, é possível observar uma preocupação com a funcionalidade da casa.

Para os romanos, banhar-se era um prazer complexo, como sugerem as instalações das termas na *Domus dei Dioscuri*. Ao que parece, essa prática começava no *caldarium*, que oferecia aos ocupantes uma atmosfera quente e úmida. O calor da água e o vapor promoviam uma sensação de relaxamento e abriam os poros, preparando o corpo para as etapas subsequentes. Em seguida, passava-se ao *tepidarium*, um quarto cujo calor moderado resfriava os banhistas antes de adentrarem o banho frio. No *frigidarium*, as águas frias causavam um efeito revigorante, fechavam os poros e com isso encerrava-se o banho. Todo esse processo assegurava a sociabilidade e o entretenimento dos participantes enquanto permaneciam nas termas.

Os Usos das Domus a partir das Evidências Textuais

O que vimos até aqui mostra como os ambientes internos das *domus* se articulavam e seus usos planejados pelos aristocratas. Nessa segunda parte, analiso a obra

Res Gestae de Amiano Marcelino e algumas das cartas de Símaco e Sidônio Apolinário. O que pretendo mostrar agora, a partir desses autores, é como as estratégias de organização do interior das residências são evocadas em discursos e como as mansões eram efetivamente utilizadas pelos proprietários. Esse confronto entre textos e artefatos, penso, nos dá acesso a um quadro mais detalhado sobre os usos das casas enquanto forma de afirmação do poderio dos *domini*.

Em linhas gerais, os três autores selecionados para análise descrevem as mansões de formas diferentes. Amiano Marcelino, em tom de crítica aos aristocratas, discorre sobre as cerimônias que ocorriam nas casas da elite em Roma. O foco desse autor volta-se para o comportamento dos aristocratas nessas ocasiões, para os gestos, as preocupações e os valores morais. Símaco se detém mais na esfera político-administrativa de suas mansões urbanas e rurais, espalhadas por diferentes regiões do Império Romano e, sendo assim, sua fala remete à importância das propriedades para aqueles que as possuíam. Como consequência, em suas cartas o autor evoca as construções, as reformas, o gerenciamento de clientes e a relação entre patrimônio e memória familiar. O lugar de fala de Sidônio também é o de quem detém a casa, embora o autor se encontrasse em um contexto e um período diferentes, a Gália no século V d.C. Entre esses três membros da elite, é o que mais detalha a organização interna das casas e as práticas de sociabilidade entre os aristocratas. Embora os textos não se refiram às mansões de Óstia, creio que são fontes importantes para complementar ou para contrastar as informações que se observa sobre os usos das casas pela elite a partir da arqueologia das *domus* ostienses.

As Domus em Amiano Marcelino

A partir das duas digressões de Amiano Marcelino sobre os defeitos do senado e do povo de Roma (14, 6 e 28, 4), contidas na obra *Res Gestae*, é possível explorar alguns usos das casas pelos aristocratas. O propósito do autor nessas digressões é criticar a conduta dos proprietários das mansões, possivelmente em virtude de sua própria frustração ao tentar obter favores dos aristocratas de Roma após sua chegada à cidade. Ao fazer isso, o autor fornece detalhes importantes sobretudo a respeito da *salutatio* e dos banquetes que ocorriam nas *domus*.

Quanto ao ritual da saudação matinal, Amiano fala na arrogância dos poderosos ao receberem seus dependentes e na instabilidade das relações que se davam entre esses

grupos. Em 14, 6, 12-13, o autor narra a primeira vez que um “estrangeiro honesto” (*honestus advena*) se dirige à casa de um patrono “endinheirado” (*bene nummatum*) e “pomposo” para saudá-lo (*salutatum*). Nessa ocasião, é acolhido de maneira tão respeitosa, como uma pessoa muito estimada, que se sente encorajado a voltar no dia seguinte. Ao retornar à mansão, é deixado de lado pelo patrono, que se mostra interessado apenas em quantificar as pessoas que haviam comparecido para cumprimentá-lo. De acordo com Amiano, mesmo os clientes de longa data que perseverantemente iam até as mansões para cumprir o ritual, caso faltassem a esse compromisso, voltavam a ser humilhados como se fossem desconhecidos (Amm. 14, 6, 12-13).

É possível que esse relato tenha sido influenciado pela própria experiência negativa do autor, um estrangeiro, ao abordar as mansões dos poderosos logo após sua chegada a Roma. No entanto, a partir dele, argumento que para os *domini* importava ter um grande número de clientes associados às suas *domus*, pois isso lhes conferia maior prestígio. Justamente por esse motivo o aristocrata descrito por Amiano contabilizava os indivíduos que o procuravam para prestar homenagens. Além disso, era fundamental que os clientes cumprissem o ritual diariamente, pois furtar-se do protocolo da *salutatio* faria com que fossem tratados novamente como estranhos, ou seja, faltar a esse compromisso aparentemente equivalia a renegar o laço de clientela.

Na segunda parte das digressões, Amiano fornece novas informações a respeito das saudações matinais. No excerto abaixo, verifica-se a importância dessa cerimônia para os aristocratas como um momento de autoafirmação, no qual tudo reforçava a hierarquia e a distância abismal que se colocava entre eles e parte de seus clientes:

Alguns desses homens, quando alguém se dirige a eles para saudá-los (*salutari*) face a face, como touros ameaçadores desviam suas cabeças onde deveriam ser beijados, e oferecem a seus adúladores seus joelhos ou suas mãos, pensando que isso é o bastante para lhes proporcionar uma vida feliz; se porventura sentem-se obrigados perante algum estrangeiro (*peregrinum*) em virtude de algum favor recebido, acreditam honrá-lo com todos os deveres próprios da humanidade apenas por perguntar que terras, que águas ou que casas (*domum*) frequenta⁴⁴.

⁴⁴ Amm. 28, 4, 10 (trad. autor): *Ex his quidam cum salutari pectoribus oppositis coeperunt, osculanda capita in modum taurorum minacium obliquantes, adulatoribus offerunt genua suavianda vel manus, id illis sufficere ad beate vivendum existimantes, et abundare omni cultu humanitatis peregrinum [putantes], cuius forte etiam gratia sunt obligati, interrogatum, quibus thermis utatur aut aquis, aut ad quam successerit domum.*

No texto acima, Amiano menciona que determinados clientes tentavam abordar seus patronos com um beijo na testa, no entanto, eles desviavam suas cabeças e estendiam aos adúladores os joelhos ou as mãos. De acordo com John Matthews (2007, p. 415), o beijo na testa indicava uma reivindicação por igualdade social. Nessa linha de raciocínio, ao estender as mãos ou os joelhos aos clientes, os patronos faziam com que se curvassem em uma postura de submissão que reforçava as relações assimétricas estabelecidas entre ambas as partes. Em seguida, Amiano sugere que quando os poderosos recebiam algum favor de seus dependentes, em vez de retribuírem à altura, consideravam-se tão eminentes que bastava travar qualquer conversa trivial, como perguntar “que termas, que águas ou que casas” frequentavam, e a dívida estaria paga. Em suma, sob a ótica das elites, o ritual da *salutatio* era uma circunstância apropriada para que pudessem se impor perante sua clientela, fosse por meio de sua postura, de seus gestos ou de suas palavras. Ao explorar os vestígios arqueológicos dos pátios das *domus* ostienses, onde provavelmente se dava a *salutatio*, é possível perceber que a organização desses espaços atendia ao propósito de elevar os patronos perante seus clientes. Amiano, portanto, relata outros aspectos dessa cerimônia que não são contemplados pela arqueologia, mas que corroboram as informações extraídas das evidências materiais.

Mais adiante, em 28, 4, 12, a narrativa de Amiano dá a entender que os proprietários das *domus* tinham um cuidado exagerado com a maneira de se apresentar ao público dentro das mansões, com o objetivo de atrair admiração ou elogios de terceiros. Embora não mencione em que ocasião, Amiano escreve que pessoas tagarelas desocupadas frequentavam as *domus* (*horum domus otiosi quidam garruli frequentant*) e falsamente concordavam com cada sentença pronunciada pelos *domini*, homens da mais alta fortuna (*variis adsentandi figmentis ad singula ulterioris fortunae verba plaudentes*).

Para descrever essa atitude, o autor parece recorrer à comédia *Miles Gloriosus*, de Plauto (*Mil.* 46), em que o escravo Artotrogo enche de orgulho seu senhor, o soldado Pirgopolinices, ao compará-lo com antigos heróis e ao relembrar os 7000 inimigos por ele vencidos em batalhas⁴⁵ (BOEFT, DRIJVERS, HENGST e TEITLER, 2011, p. 190). De acordo com Amiano, para enaltecer os patronos e elevá-los acima de sua condição mortal (*ultra mortalitatem nobiles viros extollunt*), os visitantes das *domus* não se limitavam a aplaudir os discursos dos proprietários, mas o faziam também ao elogiar “as

⁴⁵ Sobre as alusões de Amiano às obras clássica e outros aspectos literários do texto desse historiador ver: KELLY, 2008.

fileiras de colunas que sustentavam fachadas grandiosas” (*columnarum constructiones alta fronte suspensas*) e “as paredes brilhantes repletas de pedras preciosas” (*parietes lapidum circumspectis coloribus nítidos*) que compunham a arquitetura das residências. Parece-me que para os proprietários das mansões era ideal que os visitantes reconhecessem sua superioridade, expressa tanto por meio de suas palavras quanto por meio de suas casas. Em resumo, Amiano indiretamente sugere que as mansões eram elaboradas de forma cuidadosa para que os aristocratas exibissem suas qualidades intelectuais, sua riqueza e sua posição social de destaque em meio a um cenário prestigioso.

Outras práticas aristocráticas ocorridas nas *domus* e comumente evocadas por Amiano Marcelino eram os banquetes e a distribuição das espórtulas, uma espécie de gorjeta que permitia aos mais pobres ter o que comer, tanto que era, por vezes, substituída pela pura e simples distribuição de alimentos. Sobre esses momentos, o autor sugere que os aristocratas só definiam seus convidados após um processo de “deliberação inquieta”, principalmente quando se tratavam de pessoas estranhas ao seu habitual círculo de amizades (Amm. 14, 6, 14). Para Amiano, além do mais, os aristocratas temiam ter seus convites recusados pelas pessoas às quais ofertavam um jantar:

Além disso, para eles a cortesia (*civilitatis*) tem tanta importância que se um estrangeiro (*peregrino*) é convidado para um banquete (*convivium*), seria preferível matar a um irmão (*fratrem*) de quem quer que fosse a recusar o convite. Um senador pensa estar sofrendo a perda de uma rica propriedade se o homem a quem ele convidou, após uma considerável pesagem dos prós e contras, falha em comparecer à sua mesa⁴⁶.

No excerto acima, o autor menciona que os proprietários tinham muita preocupação com a cortesia (*civilitatis*) e, assim, ofereciam jantares como prova de afeição a seus apoiadores. Selecionavam com cuidado quem seria chamado para essas ocasiões e a recusa do convidado, ainda que fosse um estrangeiro (*peregrino*), era vista como um delito grave, comparável ao crime de matar uma pessoa. Era sentida, ainda, como a perda de uma propriedade, algo muito valioso para um aristocrata. A partir desse relato, fica evidente a importância atribuída pelos poderosos aos banquetes, uma vez que

⁴⁶ Amm. 28, 4, 17 (trad. autor): *Civilitatis autem hoc apud eos est nunc summum, quod expedit peregrino fratrem interficere cuiuslibet, quam cum rogatur ad convivium excusare: defectum enim patrimonii se oppido perpeti senator existimat, si is defuerit, quem aliquotiens libratís sententiis invitaverit semel.*

essas cerimônias desempenhavam um papel essencial nas relações não só entre as elites, mas também entre elas e seus dependentes ou apoiadores em potencial.

Na primeira parte desse capítulo, observou-se que de fato os proprietários das *domus* ostienses investiam muitos esforços na elaboração das salas de jantar (*triclinia*), que em geral eram os cômodos mais ornamentados das casas. A partir desse texto, é possível notar que além de planejarem estrategicamente os *triclinia*, os *domini* também examinavam de maneira detalhada e minuciosa quem seriam seus convivas. Desse modo, concebiam os banquetes como cerimônias ordenadas e calculadas em que tudo – o cenário e as pessoas – deveria estar em conformidade com seus anseios. Ao atribuírem tamanho significado aos banquetes, os aristocratas sentiam-se lesados quando algo fugia a seu controle. Para um anfitrião, afinal, um convidado faltar à sua mesa era como se tivesse seus objetivos e interesses minados, um sinal de fraqueza e de falta de prestígio.

De acordo com Amiano Marcelino, além de se preocuparem com a escolha dos comensais, os anfitriões também davam muita importância aos alimentos servidos nos banquetes. No texto abaixo, o autor comenta que os aristocratas que presidiam essas cerimônias mandavam pesar as iguarias que seriam servidas na frente dos convidados e elogiavam esses alimentos tantas vezes que chegavam a causar desconforto naqueles que se faziam presentes. Chamava-se, ainda, secretários (*notarii*⁴⁷) para registrar a pesagem e o tipo das comidas postas à mesa:

Em seus banquetes solicita-se balanças para pesar o peixe, as aves e o arganaz que são servidos, cujos grandes tamanhos, antes nunca vistos, são elogiados repetidas vezes, a ponto de aborrecer os que estão presentes, especialmente quando trinta secretários (*notarii*) ficam por perto com porta canetas (*thecis*) e tabuinhas de cera (*pugillaribus tabulis*) anotando tais itens e, assim, a única coisa que falta parece ser um professor⁴⁸.

A descrição da cena acima, possivelmente também foi baseada na obra *Miles Gloriosus* 38, de Plauto, na qual o parasita empunha sua tabuinha e estilete para somar as vítimas de seu senhor (BOEFT, DRIJVERS, HENGST e TEITLER, 2011, p. 193). É um típico exemplo dos exageros grotescos presentes na escrita satírica, umas das fontes de inspiração de Amiano para ridicularizar os senadores de Roma. O equipamento utilizado

⁴⁷ Um *notarius* era um secretário público responsável pela elaboração de documentos oficiais.

⁴⁸ Amm. 28, 4, 13 (trad. autor): *Poscuntur etiam in conviviis aliquotiens trutinæ, ut adpositi pisces et volucres ponderentur et glires, quorum magnitudo sæpius prædicata non sine taedio præsentium, ut antehac inusitata laudatur adsidue, maxime cum hæc eadem numerantes notarii triginta prope adsistant cum thecis et pugillaribus tabulis, ut deesse solus magister ludi litterarii videretur.*

para registrar as iguarias – o estojo (*theca*) e a tabuinha de cera (*pugilares tabulae*) – suscita a comparação entre os secretários (*notarii*) e os alunos em uma escola. Com isso, Amiano quis dizer que os *notarii* se assemelhavam aos pupilos e, para que a *domus* se parecesse com uma escola, só faltava o professor. Nessa passagem, Amiano debocha dos excessos cometidos pelos aristocratas e da maneira como se vangloriavam nos banquetes. Parece-me que as preocupações e os significados investidos pelos poderosos, portanto, não se restringiam à elaboração dos *triclinia* e à seleção dos indivíduos convidados, mas também abrangiam os alimentos servidos durante os banquetes. Para estar à altura dos convidados e, obviamente, do anfitrião, a comida deveria ser de qualidade, variada e abundante.

Em uma última passagem extraída das digressões de Amiano, é possível detalhar o que os proprietários das *domus* faziam em determinados cômodos das mansões para além das funções primordialmente atribuídas a esses espaços. A partir do texto abaixo, pode-se dizer que os *cubicula* e os *triclinia* não eram tão somente utilizados, respectivamente, como “dormitórios” e “salas de jantar”. Tanto um quanto outro aparecem nesse excerto como lugares onde os chefes das casas e suas esposas tratavam de assuntos jurídicos:

Por outra parte, as esposas, golpeando dia e noite a mesma bigorna, como diz o antigo provérbio, compelem (*compellit*) seus maridos a fazer testamentos (*testari*) e, de igual modo, os maridos insistentemente exortam suas esposas a fazer o mesmo. Ambas as partes trazem juristas habilidosos, introduzindo um no cubículo (*cubiculo*) e o outro, que é seu rival, na sala de jantar (*triclinio*), para tratar das coisas contraditórias (*repugnantia tractaturi*) [...] ⁴⁹.

No texto acima, Amiano comenta que em meio às famílias aristocráticas de Roma travavam-se disputas em torno de heranças. Maridos e esposas pressionavam uns aos outros para que fizessem testamentos e contratavam indivíduos versados nas leis para discutir os pontos conflitivos decorrentes da elaboração desses documentos. Para “tratar das coisas contraditórias”, um deles se reunia com seu advogado no cubículo (*cubiculo*) e o outro, também acompanhado por um advogado, reunia-se com ele na sala de jantar (*triclinio*). Com isso, Amiano insinua que os casais buscavam extrair benefícios da própria relação. Apesar da intenção do autor ser outra, seu discurso indiretamente

⁴⁹ Amm. 28, 4, 26 (trad. autor): *Parte alia uxor, ut proverbium loquitur vetus, eandem incudem diu noctuque tundendo maritum testari compellit, hocque idem ut faciat uxor urget maritus instanter: et periti iuris altrinsecus adsciscuntur, unus in cubiculo, alter eius aemulus in triclinio, repugnantia tractaturi [...]*.

evidencia que os *cubicula* eram mais que simples ambientes de descanso e reclusão, pois podiam ser utilizados para receber gente de fora da casa para debater negócios e assuntos sigilosos. O mesmo pode ser dito a respeito das salas de jantar (*triclinia*), que não se restringiam às solenidades dos banquetes. A narrativa de Amiano, portanto, aponta para a multifuncionalidade dos componentes do espaço doméstico aristocrático, mais que para usos especializados e planejados *a priori*.

Nas passagens das *Res Gestae* em que se encontram alusões às mansões aristocráticas, Amiano evidencia a pompa, as vaidades, os gestos ensaiados, a arrogância da postura e as preocupações dos poderosos sobretudo em ocasiões como a *salutatio* e os banquetes. A meu ver, a partir desses relatos é possível concluir que as casas eram lugares que, por excelência, asseguravam a seus donos o exercício daquilo que Edward Palmer Thompson (1998, p. 46) denomina “hegemonia cultural”, isto é, imagens de poder, autoridade e subordinação que garantiam o controle das classes dominantes sobre os grupos subalternos, mais que seu próprio poder econômico ou físico. A dominação não era simplesmente imposta pela força, pois um aristocrata somente era considerado como tal caso os mais fracos concebessem como legítima sua posição social. O que os ricos faziam, então, era transmutar parte de seu poder econômico em status, prestígio e controle social por meio de ações que vendiam como atos voluntários de generosidade ou caridade: presentes estratégicos, empréstimos, festas e outros benefícios concretos e simbólicos (SCOTT, 1985, p. 307-308). Nesse exercício dos aristocratas para se legitimar perante os mais fracos, a casa desempenhava um papel central.

As Domus em Quinto Aurélio Símaco

As cartas de Quinto Aurélio Símaco (340-402 d.C.) formam uma espécie de autobiografia política desse aristocrata, pois registram principalmente o sucesso de sua carreira e a construção de sua ampla rede de amizades (SOGNO, 2006, p. 59). Não se sabe ao certo quando foram publicadas e quem o fez. Uma hipótese baseada nas assinaturas contidas no manuscrito mais antigo (*Parisinus* 8623) sugere que seu filho, Quinto Aurélio Mêmio Símaco, tenha sido o responsável pela publicação das epístolas (SOGNO, 2006, p. 60). A ideia de publicá-las, todavia, não era estranha ao próprio Símaco, que mantinha cópias tanto das cartas que enviava quanto das que recebia, talvez por temer que fossem extraviadas, mas também por ter ciência de seu valor literário. O

arquivamento das cartas certamente facilitaria o processo de publicação e ao menos os sete primeiros livros parecem ter sido organizados pelo próprio Símaco pouco antes de sua morte. Ao passo que o autor tinha interesse pela divulgação de suas correspondências, é plausível que as informações nelas contidas contribuam para a criação de um quadro positivo e enaltecido sobre sua imagem.

As cartas de Símaco também são fontes importantes a respeito dos usos das *domus* pelos poderosos. Entretanto, diferente de Amiano Marcelino, ao se referir às mansões Símaco tem como principal objetivo apresentar-se a seus familiares, aliados políticos e inferiores como um detentor e exímio gestor de diversas propriedades. Por meio de suas cartas, esse aristocrata almejava se auto representar como responsável pela administração (construção, reformas, controle e direção) das *domus*, no amplo sentido do termo, que significa sobretudo casa rica, mas também designa a família, os moradores, os clientes, entre outros. Símaco se atém especialmente ao aspecto político-administrativo das mansões e lida com elas em suas epístolas como se fossem cidades em miniatura.

Aristocratas na posição de Símaco possuíam uma série de obrigações formais para com os associados às suas *domus*. Tais obrigações podiam ser herdadas ou livremente assumidas pelas partes envolvidas. A título de exemplo, os patronos podiam atuar como intermediários entre seus clientes e as pessoas com as quais gostariam de fazer negócio, mobilizar contatos para arrumar emprego a protegidos, solicitar a conhecidos que estendessem a amizade a aliados e assim por diante (GARDNER & WIEDEMANN, 1991, p. 172-173).

A recomendação de clientes é um dos temas recorrentes nas cartas do autor e que também diz respeito às responsabilidades dos *domini* em relação às pessoas ligadas a suas residências. Por meio desse “gênero” de cartas, Símaco expede solicitações cujo principal objetivo é assegurar que seus dependentes possam fazer parte da clientela de outros patronos (7, 124; 9, 9; 9, 56). Em geral, as epístolas de recomendação são vagas e contêm, no máximo, o nome do indivíduo recomendado e a especificação do serviço que desempenhava.

Por volta de 398-401 d.C., Símaco solicita que o portador de sua carta tenha acesso à clientela de seu destinatário, Patruíno:

Devemos ser úteis aos filhos dos amigos e, ainda que eu ignorasse isso, teria aprendido com teu exemplo e imitação. A esse princípio, ajusta-se quem lhe entregará esta correspondência. Presta serviço nos escrínios de cartas (*sriniis litterarum*). Obterás assistência e felicidade suficiente

se ele ganhar acesso a clientela de sua brilhantíssima casa (*domus*).
Passe bem⁵⁰.

Logo de início, Símaco explica que o dever de ajudar os filhos dos amigos foi o que o motivou a elaborar a carta de recomendação. O portador da epístola, cujo nome não é mencionado, provavelmente era filho de alguma pessoa a quem Símaco prezava e/ou devia favores. O autor deixa claro que estava ciente dessa obrigação de auxiliar os descendentes de seus amigos. Ainda que a desconhecesse, menciona que teria aprendido com as atitudes de Patruíno. A pessoa a quem Símaco recomendava deveria atuar nos escrínios de cartas (*scriniis litterarum*). Os *scriniis litteratum* eram pequenos cofres ou caixas em formato circular onde colocavam-se cartas, mas também outros documentos escritos como registros, livros de contas, entre outros⁵¹. Símaco seguramente confiava no emissário indicado, pois garante que Patruíno seria muito bem auxiliado e obteria felicidade caso o aceitasse em sua brilhantíssima mansão (*splendidissimae domus*). Ao que parece, sob o risco de perder todo o crédito, os patronos possivelmente recomendavam apenas indivíduos confiáveis a seus amigos.

A partir dessa epístola, Símaco provavelmente buscava apresentar-se ao público como um aristocrata sobremaneira poderoso, prestigioso e influente, capaz de interceder em favor de seus dependentes. O destinatário da carta, Patruíno, também ocupava posição de destaque na sociedade da época⁵². Entre 401-408 d.C. foi conde dos tesouros sagrados (*comes sacrarum largitionum*), ou seja, responsável pelo tesouro público⁵³. Em outra carta (*Ep.* 5, 57), Símaco se refere a ele como *vir spectabilis* e é sabido que por volta de 401 d.C. alcançou o título de *illustris*. Patruíno manteve-se influente na corte de 398 até 401 d.C. Procedia, ainda, de uma família cujos membros também detinham cargos vistosos, vide seu irmão, Petrônio, que foi *vicarius Hispaniarum* (395-397 d.C.) e prefeito

⁵⁰ Simm. *Ep.* 7, 124 (trad. autor): *Amicorum liberis usui esse debemus, quod etiamsi ipse nescirem, tuo exemplo et imitatione didicissem. Ad hanc sententiam pertinet qui tibi litteras exhibebit. Fungitur autem militia in scriniis litterarum. Cui satis opis et felicitatis eueniet, si ad clientelam splendidissimae domus tuae meruerit peruenire. Vale.*

⁵¹ O termo *litteratum* podia ser empregado com o sentido de “carta”, mas também para denotar qualquer obra histórica ou literária, um registro, um livro de contas, documentos escritos em geral.

⁵² PLRE II, s.v. Patroinus p. 843-844, in: MARTINDALE, J. R. *Prosopography of the Later Roman Empire* (A.D. 395-527), II. Cambridge: 1980.

⁵³ O *comes sacrarum largitionum* era responsável pela cunhagem de moedas, pelas minas de ouro e prata, alguns impostos específicos, pelas fábricas que decoravam armaduras com metais preciosos, pela distribuição dos *donativa* e até mesmo pela produção de roupas destinadas à corte, aos militares e ao serviço civil.

da Gália⁵⁴ (402-408). Com essa carta, portanto, Símaco também buscava registrar sua relação com indivíduos eminentes como Patruíno, em quem podia se espelhar.

A carta supracitada permite observar que aristocratas como Símaco utilizavam as *domus* para estender seus laços pessoais para diferentes partes do império (MACHADO, 2012a, p. 111). Além disso, demonstra que gerenciar uma casa não se restringia a cuidar de sua estrutura física, mas também das pessoas associadas a ela. A partir do texto é possível inferir, ainda, que algumas mansões sob a posse de aristocratas poderosos contavam com espaços destinados ao armazenamento de documentos escritos, tais como as cartas. Em face do material perecível desses documentos e possivelmente dos suportes em que eram confinados, a busca por esses ambientes por meio das evidências arqueológicas, ao menos no caso de Óstia, é bastante difícil de ser levada adiante.

Em uma série de epístolas, Símaco também evoca as construções e as reformas de várias propriedades, algumas sob sua posse – 1, 10; 2, 60; 6, 70 –, outras chefiadas por seus familiares – 6, 49. Em meio às cartas sobre esse tema, encontra-se uma (1, 12) endereçada antes de 377 d.C. a seu pai, Lúcio Aurélio Aviânio Símaco. Nessa carta, para obter a aprovação paterna, Símaco fala sobre as responsabilidades pragmáticas subjacentes à administração de uma propriedade⁵⁵.

O autor inicia essa carta com uma comparação entre o papel dos censores de supervisionar as obras públicas e a tarefa que seu pai lhe atribuíra de acompanhar as reformas em uma das casas da família. Comenta que não era sua competência inspecionar as obras realizadas nessa propriedade, mas que cumpriu a tarefa porque seguiu o desejo de seu pai. Na sequência o autor diz:

[...] Informo-lhe, assim, todas as obras que, sob minha supervisão, têm sido desenroladas em nossa casa (*aedibus nostris*). Fixou-se mármore nos degraus da escada para embelezá-los; os quartos de cima (*superiora conclavia*) estão recobertos de um revestimento de incrustações tão sutilmente executado que o conjunto montado passa a sensação de ser uma única peça. Você conseguiu umas colunas por um preço que é plausível dizer que lhe foram dadas. Creio, se tenho bom olho, que foram talhadas em pedra da Bitínia. Por ora, é isso o que deveria saber.

⁵⁴ PLRE II, s.v. Petronius 1, p. 862-863, in: MARTINDALE, J. R. Prosopography of the Later Roman Empire (A.D. 395-527), II. Cambridge: 1980.

⁵⁵ De acordo com Salzman (2011, p. 1), o desejo de Símaco pelo respeito de seu pai torna-se compreensível quando observada a distinta carreira pública dele. Seu pai ocupou o cargo de prefeito do suprimento de grãos sob o imperador Constante I, entre 340 e 350 d.C. Servira em inúmeras embaixadas imperiais e ocupara o prestigioso cargo de prefeito urbano de Roma em 364-365 d.C. Além do mais, tinha sido designado para a honra do cônsul em 377 d.C., mas morreu antes de assumir o posto.

Adiante te daremos mais informações, na medida em que vejamos avançar a obra⁵⁶.

No texto acima, Símaco informa a seu pai o atual estado das obras que, na época, estavam sendo realizadas em uma das propriedades da família. Menciona que os degraus de uma escada foram adornados com mármore e que os cômodos situados no andar superior da mansão foram cobertos por um mosaico de alta qualidade, obra seguramente de um mosaicista habilidoso, pois a composição passava a impressão de ser uma “única peça”. A casa também foi equipada com colunas esculpidas em pedras importadas da Bitínia, região do noroeste da Ásia Menor situada na costa do Mar Negro. De acordo com Símaco, tais colunas foram compradas por um preço significativamente baixo.

A partir dessa carta, fica evidente como uma família procedente dos mais altos escalões da sociedade, tal qual a de Símaco, conferia grande valor a elementos decorativos e arquitetônicos como mármore, mosaicos e colunas. Além disso, Símaco vangloria o pai por ter comprado colunas talhadas em pedras importadas por um valor quase que simbólico. Entretanto, é de se considerar que a afirmação pode não passar de um argumento retórico, empregado para minimizar a fortuna investida nas reformas. Além do mais, o que Símaco entendia por “preço baixo” seguramente podia ser visto como algo extremamente caro não só pelas pessoas comuns, mas mesmo para outros membros da elite. A casa mencionada nessa carta, de acordo com Julia Hillner (2003, p. 136), pelo fato de estar sendo reformada pode ser aquela que ficava em Roma, outrora destruída por uma multidão enfurecida⁵⁷ (SALZMAN, 2011, p. 34). O ataque à mansão pela plebe, como se sabe, teria ocorrido após a circulação de um boato segundo o qual Lúcio Aurélio Aviânio Símaco teria dito que preferia usar seu vinho para resfriar seus fornos de cal a vendê-lo a preço popular⁵⁸. Há poucos indícios que sustentam a hipótese de que a casa

⁵⁶ Simm. *Ep.* 1, 12 (trad. autor): *Censurum notio fuit spectare opera, quae locassent; hoc me negotium curare voluisti. Mos gestus est imperatis, vel quod tibi dicto audiens esse debui, vel quod studio meo congrue mandatum munus agnovi. Audi igitur quantum in aedibus nostris cura promoverit. Scalas subpectus est honor marmoris; superiora conclavia crustis teguntur ea operis levitate, ut compago solidum mentiatur. Columnas nihilo amplius mercatus es, quam si tibi muneri contigissent. Eas Bithyno lapide caesas, si bene oculis utor, existimo. Hactenus est, quod scire debueris. Deinceps tantum adiciemus cognitioni tuae, quantum aedificationi viderimus accedere. Vale.*

⁵⁷ Pouco se sabe a respeito da localização e da organização interna da mansão propriamente dita. Para Michele Renee Salzman (2011, p. 33-34), não era a principal casa da família que ficava no monte Célio, pois essa era designada como o *Lares* de Símaco (*Ep.* 7, 18). De acordo com a autora, senadores tinham que, por lei (*C. Th.* 6, 2, 13; 6, 2, 16), declarar sua residência principal e oficialmente ofestabelecer seus *Lares* (deuses domésticos) para permitir que o estado soubesse onde ele atenderia ao tribunal e onde pagaria impostos (o *aurum oblatium*).

⁵⁸ Sobre o ataque pela plebe da mansão de Lúcio Aurélio Aviânio Símaco ver: Simm. *Ep.* 1, 44 e Amm. 27, 3-4.

mencionada nessa carta é a mesma que a plebe alvejara. No entanto, é tentador pensar que em sua carta Símaco atenuava a quantidade de dinheiro investido nos reparos da mansão justamente porque tinha motivos concretos para o fazer.

É necessário destacar que os apetrechos construtivos – mármore, colunas e mosaicos – preferidos por Símaco encontram respaldo nas evidências arqueológicas das *domus* ostienses datadas da Antiguidade Tardia. No entanto, no caso de Óstia, a maioria das mansões possuíam mosaicos e colunas de mármore local e reutilizado. Mármore importado foi descoberto apenas na *Domus dei Tigriniani*, edificada já no século V d.C.

Outro aspecto importante dessa carta, como explica Salzman (2011, p. 33), é que Símaco supervisionava uma propriedade que considerava parte de seu patrimônio, como atesta sua referência ao edifício como “nossa casa” (*aedibus nostri*). O uso em comum de uma mesma residência por diferentes membros da família pode ser identificado em um outra carta (1, 6, 2). Nessa epístola, datada de 375-376 d.C., o autor comenta que seu pai herdara uma propriedade localizada na área rural de Óstia, a qual foi legada ao próprio Símaco, que também esperava transmiti-la a seu herdeiro. Nessa época, fica subentendido que Símaco ainda não tinha filhos, mas estava planejando uma família. Enquanto isso não ocorria, o aristocrata esperava usar a propriedade em comum (*in commune*) com seu pai (SALZMAN, 2011, p. 24-25).

Em ambas as cartas (1, 6 e 1, 12), portanto, é possível observar propriedades ininterruptamente passando pelas mãos dos membros da família Símaco. Mansões eram regularmente legadas de um membro da família a outro por meio de herança ou de presente, como estratégias usadas pelos romanos na Antiguidade Tardia para manter seu status social e econômico na sociedade (MACHADO, 2012a, p. 115). A partir das evidências procedentes do sítio arqueológico de Óstia, é possível observar que mansões também podiam passar de uma família a outra, como se observa no caso da chamada *Domus del Protiro*.

Símaco novamente menciona suas atividades envolvendo as mansões da família em uma outra carta (1, 1) também endereçada ao pai, por volta de 375 d.C. Mais uma vez, revela-se um desejo de aprovação paterna, pois ao longo da epístola o autor expressa seu senso de devoção (*pietas*), amor e respeito em relação a Lúcio Aurélio Aviâno Símaco. Para impressionar seus leitores com a eminência de sua família, dessa vez Símaco compõe poemas inspirados em retratos pintados em sua propriedade rural em *Baulos* (atual

Bacoli), na costa da Campânia⁵⁹. Nessa carta (1, 1), com professada desconfiança Símaco compartilha seus versos com o pai, pede-lhe conselhos sobre a escrita poética e o encoraja a prosseguir em seus esforços literários. Com isso, buscava lançar luz sobre suas realizações literárias como um meio de estabelecer reputação nessa área, diga-se de passagem, fundamental para a identidade de um senador romano. (SALZMAN, 2011, p. 1).

No poema, Símaco assume a identidade do fundador da *villa*, Sétimo Acindino e descreve a pintura em que se encontravam os antigos donos da casa:

A manta ática cobre meu sogro⁶⁰, a toga ornada, meu pai:
O primeiro esteve à frente dos rituais, o segundo proferiu o direito civil;
No entanto, a mim coube a vestimenta militar, pois a fivela prende a veste,
Regi a pretúria dos reis em meio aos povos do Oriente,
Mas a pintura se cala sobre as honras consulares; recorres tu aos fastos⁶¹.

Na pintura, o sogro de Acindino usava uma túnica grega e é descrito como aquele que “esteve à frente dos rituais”, ou seja, cumprira uma função sacerdotal. O pai de Acindino, representado com a *toga picta*, foi um alto magistrado romano e muito versado nas leis⁶². O próprio Acindino, pintado em vestimenta militar, foi prefeito pretoriano do Oriente⁶³, cargo simbolizado no quadro pela fivela (*fibula*). Foi também cônsul, daí a alusão aos *fascēs*, símbolos da monarquia etrusca e do poder consular, omitidos na pintura conforme narra Símaco.

Nessa mesma carta, após um breve intervalo (1, 1, 4), Símaco apresenta a seu pai outros versos também sobre a história da casa em *Baulos*:

Aqui o deus Alcides reuniu rebanhos que seriam guardados nos estábulos,
Arrancados do lar do tríplice Gerião.
Desde então, a era recente, uma vez deturpada Boaulia,
Bauli nomeou-a, tendo ocultado o propósito do nome.
A Fortuna percorreu do divino aos grandes senhores,
Para que a fama do lugar não estivesse à disposição de senhores indignos.
Hortênsio, afortunado de riquezas, frequentou esse pátio,

⁵⁹ Mais tarde, Mêmio agiria similarmente com a criação de uma galeria ancestral após assumir a principal casa da família que ficava no monte Celio. Lá, erigiu estátuas para seu pai (CIL VI 1699) e para o avô de sua esposa, Nicômaco Flaviano (CIL VI 1782).

⁶⁰ O sogro de Acindino.

⁶¹ Simm. *Ep.* 1, 1, 3 (trad. Pedro Benedetti): *Attica palla tegit socerum, toga picta parentem: Praefuit iste sacris, hic dixit iura Quiritis; At mihi castrensem quod mordet fibula uestem, Aurorae in populis regum praetoria rexi, Sed fascēs pictura tacet; tu respice fastus.*

⁶² Sabe-se que o pai de Acindino foi prefeito de Roma entre 293 e 295 d.C.

⁶³ PLRE I, s.v. Septimius Acindynus 2, p. 11, in: JONES, A. H. M., MARTINDALE, J. R., MORRIS, J. Prosopography of the Later Roman Empire (A.D. 260-395), I. Cambridge: 1971. Vicário da Espanha em torno de 324-326 d.C., prefeito pretoriano do Oriente de 338 a 340 d.C. e cônsul em 340 d.C.

Quem competiu em eloquência contra o arpinate.
 Aqui o cônsul Acindino levou uma vida memorável
 E também aquele que proferiu as leis dos eneidas, Orfito.
 Dentre estes, a decência juvenil, mas a glória da velhice,
 Tu, Símaco, tens alto renome por tuas doze honras consulares.
 Mas os delongados descansos dos Baulos ainda não te procuram;
 Que o ofício público te mantenha um jovem sempre alerta⁶⁴.

De acordo com o poema, Alcides (Hércules) esteve na casa para guardar no estábulo o rebanho que roubara de Gerião, um gigante com três cabeças e corpo tripartido da cintura para cima⁶⁵. A Fortuna da casa seguiu de Hércules (do divino) aos grandes senhores, para que o edifício não ficasse à sorte de indivíduos desonrados. O pátio (*aulam*) da *villa* foi frequentado por Hortênsio, cuja eloquência era comparável à do famoso cidadão de Arpino, Marco Túlio Cícero⁶⁶. Na casa também passaram suas ilustres vidas o cônsul Acindino e Orfito, homem que ditou as leis aos romanos (eneidas). Por último, a *villa* também foi a morada do próprio Símaco, renomado pelas doze honras consulares.

Nesses versos, Símaco se refere aos retratos pintados na casa que herdou da família de sua mulher, cujos parentes eram ligados a Memmius Vitrasius Orfitus. Aparentemente, os personagens não vestiam roupas apropriadas a seus cargos, o que levou Símaco a mandar repintá-los. A maneira como o vestuário foi corrigido não fica evidente nos poemas, mas sabe-se que era uma prática comum entre os romanos consertar eventuais erros que diziam respeito à identidade de quem estava sendo representado. Essa referência à pintura de ancestrais indica a continuidade de uma tradição da aristocracia romana de auto representação, mesmo no século IV d.C., e denota uma tentativa de enraizar a casa em uma cultura clássica através de retratos alusivos à dignidade dos patriarcas da família.

A associação entre casa e memória, de acordo com Carlos Machado (2012a, p. 113), desempenhou um papel importante na cultura romana. As residências aristocráticas, em geral, acomodavam a coleção de *memorabilia*, objetos que resgatavam a memória,

⁶⁴ Simm. *Ep.* 1, 1, 5 (trad. Pedro Benedetti): *Huc deus Alcides stabulanda armenta coegit Eruta Geryonae de lare tergemini. Inde recens aetas corrupta boaulia Baulos Nuncupat occulto nominis indicio. Ab diuo ad proceres dominos fortuna cucurrit, Fama loci obscuros ne pateretur heros. Hanc celebravit opum felix Hortensius aulam, Contra Arpinatem qui stetit eloquio. Hic consul clarum produxit Acindynus aeuum quique dedit leges Orfitus Aeneadis. Hos inter iuuenile decus, sed honore senili, Bis seno celsus, Symmache, fasce cluis. Sed te Baulorum necdum lenta otia quaerunt; Cura habeat iuuenem publica peruigilem.*

⁶⁵ Na mitologia grega, Euristeu ditou os 12 trabalhos a Hércules. Um deles consistia no roubo do rebanho de Gerião.

⁶⁶ Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50), orador e jurista, eleito cônsul em 69 d.C.

como estátuas, troféus e imagens de antepassados. As *domus*, explica Machado, eram “museus pessoais” que celebravam o passado e o presente glorioso dos membros das classes dirigentes. Também em Óstia é possível observar que algumas casas, como a *Domus della Fortuna Annonaria*, continham estátuas datadas de diferentes períodos que possivelmente cumpriam essa função de enaltecer a linhagem aristocrática dos donos.

Essa carta, assim como outras do primeiro livro (1, 6; 1, 10 e 1, 12), enfatiza os talentos literários de Símaco juntamente com seu envolvimento ativo no patrimônio de sua família, como um meio de transmitir seu status. Com suas cartas e poemas, Símaco estendeu essas auto-descrições para a forma escrita, assim como outras elites senatoriais de Ausonius a Sidônio Apolinário. O renascimento da *villa ekphrases*, fora de moda desde a época de Plínio, permitiu aos membros instruídos das elites romanas na Antiguidade Tardia novas oportunidades de auto-representação na construção de suas redes de amizade e patronagem.

As Domus em Caio Sólio Modesto Sidônio Apolinário

Gaius Sollius Modestus Sidonius Apollinaris nasceu em Lugduno (em latim, *Lugdunum*, atual Lyon) por volta de 430 d.C. em uma das principais famílias aristocráticas da Gália romana. Sabe-se que seus ancestrais ocuparam os mais altos cargos da hierarquia imperial. Seu avô havia sido prefeito da Gália sob Constantino, enquanto seu pai ocupara o mesmo cargo sob Valentiniano III. Quando tinha cerca de 20 anos de idade, Sidônio casou-se com Papianilla, filha do general galo-romano Eparchius Avitus, então cônsul e mais tarde proclamado imperador. Sidônio, como era de se esperar, também ocupou importantes cargos – seculares e religiosos – ao longo de sua vida. Atuou como cortesão e panegirista durante os reinados dos imperadores Ávito (455-457), seu sogro, Majoriano (457-461), Antêmio (467-472), entre outros. Mais tarde, em 468 d.C., tornou-se de Prefeito de Roma e obteve os títulos de patrício e senador. No final de 469 ou início de 470 d.C., Sidônio, até então em Roma, retornou à Gália e assumiu o cargo eclesiástico de bispo de Clermont, no qual permaneceu possivelmente até a data de sua morte, por volta de 486 d.C. (VISSER, 2014, p. 26).

Sidônio Apolinário legou à posteridade um total de cento e quarenta e sete epístolas distribuídas ao longo de nove livros, organizados e publicados por ele próprio (HANAGHAN, 2017, p. 249). À medida que o próprio Sidônio revisou suas cartas mais

antigas e escreveu muitas outras com o único propósito de incluí-las em sua coleção, sua obra é considerada por alguns estudiosos antes como fonte literária que histórica. Outros, em contrapartida, argumentam que as epístolas de Sidônio fornecem um quadro inestimável sobre a vida aristocrática na Gália ao longo do século V d.C. (ANDERSON, 1936, p. LXIV). Diferenciar as cartas com conteúdo “factual” daquelas com conteúdo “ficcional” é tarefa difícil (HANAGHAN, 2019, p. 13-14). Apesar disso, supõe-se que seus relatos oferecem ao menos a percepção de um aristocrata sobre as casas e que não circulariam entre interlocutores se não possuísem qualquer fundo de plausibilidade contextual.

Em linhas gerais, em suas cartas Sidônio oferece detalhes tanto sobre as casas de campo (*villae*) quanto sobre as casas urbanas (*domus*). Nas epístolas 1, 9 e 2, 2, escolhidas para este trabalho, o autor descreve detalhadamente a vida aristocrática no espaço doméstico. Fornece informações que vão desde a topografia e organização interna das casas até algumas conversas e atividades que ocorriam nessas moradias. Embora o contexto fosse outro, a escolha pelo autor e pelas cartas se justifica no fato de que a vida aristocrática no interior das *domus* ou das *villae* apresentava uma dinâmica bastante semelhante à observada na Itália durante a Antiguidade Tardia. Nesse sentido, analiso cartas de Sidônio Apolinário como um ato pragmático de comunicação destinado a veicular uma mensagem específica a uma audiência particular. Exploro os dispositivos retóricos e narrativos empregados pelo autor para atingir tal propósito.

A partir da carta 1, 9 de Sidônio Apolinário datada de 468 d.C., pode-se detalhar as atividades políticas desempenhadas pelos aristocratas no espaço doméstico. Tal carta se encontra no livro I, uma autobiografia do autor sobre o tempo em que ocupou cargos políticos em Roma (HARRIES, 1994, p. 13). Nessa carta, mas também em outras desse mesmo livro (1, 3; 1, 4; 1, 6), o autor enfatiza a importância do serviço público para seus amigos.

No início do reinado de Antêmio (12 de abril de 467), Sidônio foi encarregado pelos arvernos de ir a Roma apresentar ao imperador uma petição cujo assunto nunca foi revelado, embora fizesse questão que seus leitores soubessem da empreitada (HARRIES, 1994, p. 13). Na referida carta, o autor descreve sua jornada a um amigo, o poeta épico Herônio⁶⁷. Em Roma, Sidônio teria sido cordialmente hospedado na “venerável” *domus*

⁶⁷ O que se sabe sobre Herônio provém de duas cartas de Sidônio, a saber, a 1, 5 e a 1, 9. Aparentemente Herônio era um amigo, proveniente de Lyon. Homem culto, interessado em questões históricas e geográficas e, também, poeta.

de Paulo⁶⁸. Com a ajuda e conselhos de Paulo, um nobre provincial, Sidônio iniciava sua tentativa de manipular o sistema de patronato da capital. Durante sua estadia na mansão, discutiam a quais pessoas influentes Sidônio poderia recorrer para ter sucesso em sua missão⁶⁹. Ainda que houvesse muito senadores influentes a quem pudesse recorrer, somente dois seriam uteis para que Sidônio obtivesse acesso à corte. Sidônio, então, decide fazer contato com Genádio Avieno⁷⁰ e Cecina Basílio⁷¹, dois poderosos senadores. Sidônio duvidava da utilidade de Avieno por conta de seu hábito de favorecer sua própria família e por causa da facilidade com que se empossava de cargos. Coisas melhores podiam ser esperadas de Basílio. Sobre ele, Sidônio enfatiza seu mérito pessoal e sua boa vontade em conferir assistência efetiva a estranhos. Um dos elogios feitos a ambos na carta é que ao saírem de casa uma multidão de clientes os acompanhava⁷². Na sequência, Sidônio revela que preservaria todo seu respeito por Avieno, cuja casa (*domus*) visitava com frequência, mas se ligaria mais particularmente ao séquito de Basílio⁷³. No tempo em que Sidônio era auxiliado por Basílio em sua empreitada, o imperador – Antêmio – estava prestes a se tornar cônsul. Basílio, então, teria solicitado que Sidônio compusesse um panegírico para Antêmio sob o argumento de que faria progresso com essa atitude⁷⁴. Sidônio atendera ao pedido e, por intermédio de seu novo patrono, foi nomeado prefeito urbano (*praefectus urbi*) pelo imperador.

Por meio dessa carta, Sidônio pedia a Herônio que criticasse o panegírico que fizera a Antêmio, que foi anexado à carta enviada (HARRIES, 1994, p. 6). O principal propósito do autor era comunicar a seus leitores que havia sido nomeado prefeito de Roma graças a “um golpe da caneta”, ou seja, às habilidades literárias que asseguraram seu

⁶⁸ PLRE II, s.v. Fl. Synesius Gennadius Paulus 36, p. 855, in: MARTINDALE, J. R. Prosopography of the Later Roman Empire (A.D. 395-527), II. Cambridge: 1980. Prefeito de Roma antes de 467 d.C. Sidônio se refere a seu amigo como *praefectorius* em 467 d.C.

⁶⁹ 1, 9, 1: [...] *patefecit. interea nos Pauli praefectorii tarn doctrina quam sanctitate venerandis laribus except! comiter blandae hospitalitatis officiis excolebamur. [...] igitur per hunc primum, si quis quoquo modo in aulam gratiae aditus, exploro; cum hoc confero, quinam potissimum procerum spebus valeret nostris opitulari.*

⁷⁰ Genádio Avieno pertenceu à família dos Corvini. Cônsul em 450 d.C. Acompanhou o papa Leão I e Trygetius até Átila como embaixador em 452 d.C.

⁷¹ PLRE II, s.v. Flavius Caecina Decius Basilius 11, p. 216-217, in: MARTINDALE, J. R. Prosopography of the Later Roman Empire (A.D. 395-527), II. Cambridge: 1980. Prefeito pretoriano da Itália sob Majoriano (458 d.C.) e sob Severo (463-5 d.C.). Patrício já em 463 d.C., ano em que também se tornou cônsul.

⁷² 1, 9, 3: *Utrumque quidem, si fors laribus egrediebantur, artabat clientum praevia pedisequa circumfusa populositas.*

⁷³ 1, 9, 5: *Quibus diu utrimque libratis id tractatus mutuus temperavit, ut reservata senioris consularis reverentia, in domum cuius nee nimis rare ventitabamus, Basilianis potius frequentatoribus applicaremur.*

⁷⁴ Panegírico para Antêmio (Carmen II).

sucesso ao compor o panegírico (1, 9, 8). Além de sugerir a importância da cultura clássica para a promoção de uma carreira política, essa carta demonstra a centralidade das mansões na formação de laços entre os aristocratas e na expansão de sua rede de contatos. Afinal, foi por intermédio de sua estadia na *domus* de Paulo que Sidônio se conectou a Basílio, o qual o encorajou a compor o panegírico e pressionou sua nomeação à prefeitura. Um detalhe interessante na epístola é que, para Sidônio, a notabilidade do senador estava associada, entre outras coisas, ao número de pessoas que o seguiam quando saía de casa.

Na epístola 2, 2, enviada por volta de 460 d.C., Sidônio convida um de seus amigos, Domítio, para visitar sua casa de campo (*villa*) em Avitaco⁷⁵. O autor fornece vários detalhes sobre a disposição dos cômodos e a decoração de sua casa de campo. Tal carta encontra-se no livro 2, repleto de descrições sobre o lazer aristocrático, assuntos familiares, propriedades e atividades religiosas. Desse livro emanam ecos literários dos principais modelos clássicos epistolários, como Símaco e Plínio. Quanto à epístola 2, 2, é difícil estabelecer até que ponto vai a precisão da carta como uma descrição real da *villa*. Nesse exercício literário, mesmo o destinatário, Domítio, que foi um amigo real de Sidônio, remete ao nome dos destinatários de Plínio, Domítio Apolinário (HARRIES, 1994, p. 10).

O intuito de Sidônio por trás dessa carta, de acordo com Jelle Visser (2014, p. 29), não se restringia a convidar Domítio para uma visita a sua propriedade rural. Sidônio também almejava apresentar suas habilidades literárias a seu destinatário, um erudito⁷⁶. Para escrever essa carta, o autor tomou como modelo principalmente duas epístolas de Plínio (*Ep.* 2, 17 e 5, 6) e fez uma série de trocadilhos literários ao longo de sua escrita⁷⁷. Além disso, nessa e em outras epístolas do autor também se encontram alusões a Virgílio, Vitrúvio, Lucano, Marcial, Ausônio, Terêncio e, talvez, também a Cícero e a Plínio, o

⁷⁵ Localização incerta da propriedade de Sidônio: Para alguns situada nos declives do Mont-Dore (em Auvérnia). *Avitaci sumus*, a *villa* de Avitacum, presente que Sidônio recebeu do pai de Papianilla, sua esposa.

⁷⁶ As informações que se têm sobre Domítio são apenas as mencionadas pelo próprio Sidônio nessa carta e em um de seus poemas. No poema (*Carm.* XXIV, 10-16), Sidônio cita dez amigos (*sodales*) dentre os quais o primeiro se chamava Domítio. Esse caracterizava-se pelo rigor com que praticava a crítica literária e foi comparado a uma pessoa que riu apenas uma vez em toda sua vida (VISSER, 2014, p. 28). Na carta propriamente dita, Sidônio narra uma cena em que Domítio, sentado em uma cadeira vestido com roupas quentes e pesadas, dirige-se aos seus alunos (*discipulis*) e recita a frase: “Tive uma mãe Samia” (*Samia mihi mater fuit*). A sentença *Samia mihi mater fuit* é uma referência a uma comédia conhecida como O Eunuco (*Eunuchus*), escrita pelo poeta P. Terêncio Afer (*Publius Terentius Afer*). Com base nessas observações fornecidas por Sidônio em seu poema e em sua carta, portanto, estima-se que Domítio tratava-se de um professor dedicado ao estudo e ao ensino da gramática.

⁷⁷ Sobre os jogos literários e alusões a Plínio e Cícero na carta 2, 2 de Sidônio Apolinário ver: VISSER, 2014.

velho. Diante de profundas mudanças sociais ocorridas na Gália do século V d.C., a *Paideia* tornou-se a maneira mais eficiente para distinguir a elite romana de outros grupos sociais em ascensão. Para que a carta pudesse atuar como um instrumento efetivo de distinção, portanto, era necessário que ela fosse complicada o suficiente para se manter inteligível apenas a um número restrito de leitores capazes de decodificá-la. Em suma, Sidônio recorre a vários escritores para sofisticar suas cartas e para ligar-se a uma tradição literária clássica.

O convite a Domítio é breve e ocupa pouco espaço dessa epístola (seções 1 e 2). Sob o pretexto de que o destinatário de sua carta pudesse gostar de conhecer melhor o lugar para o qual estava sendo convidado, Sidônio descreve de maneira detalhada a casa. Assim, a maior parte da carta foi dedicada à descrição da *villa* (seções 3-19), especialmente das termas que as compunham (seções 4-9). Já a parte final dessa carta é utilizada por Sidônio para reforçar o convite a seu destinatário (seção 20).

Sidônio abre a descrição de sua *villa* com algumas particularidades da paisagem circundante. A propriedade, a grosso modo, encontrava-se em um vale flanqueado por montanhas (*mons terrenus*) e, além do mais, avizinhava-se de um lago (seção 3). Na sequência, Sidônio desloca o foco de sua narrativa da topografia para a *villa* em si. Inicia, então, uma descrição detalhada das termas que faziam parte da casa de campo (seções 4 a 9). Essa extensiva descrição das termas pode ser um sinal de sua crescente importância para a auto definição da elite galo-romana em face das transformações ocorridas na região durante a Antiguidade Tardia. Com as mudanças nas formas de expressão do status, diminuição das doações pela elite urbana e avanço dos povos ditos “bárbaros”, as termas podem ter sido cada vez mais associadas com o estilo de vida da aristocracia romana. (VISSER, 2014, p. 35).

Conforme narra Sidônio, os banhos de sua casa de campo situavam-se não por acaso a sudoeste do edifício principal. Tratava-se de uma posição bastante estratégica, pois tinham sido edificadas no sopé de um penhasco arborizado de tal modo que, quando se cortavam as árvores, pilhas de madeira rolavam quase que por si só para dentro da fornalha. As termas ocupavam o devido lugar dentro da *villa* e, como consequência, o abastecimento da lenha utilizada para alimentar seus fornos despendia pouco esforço. Sidônio apresenta-se nessa carta como o dono de uma propriedade ideal, devidamente planejada a fim de facilitar a realização de tarefas específicas e imprescindíveis para seu funcionamento.

Na descrição de Sidônio sobre as diferentes salas que formavam suas termas, nenhuma é tão rica em detalhes como a da sala fria (*frigidarium*). Sobre ela o autor escreve:

Ali se estende a sala fria (*frigidarium*) que, sem afronta, é comparável às piscinas construídas pelas obras públicas. Primeiramente, a parte mais alta do teto termina na forma de um cone, uma vez que as faces dos telhados que se encontram nos quatro cantos são revestidos de telhas que deixam um espaço entre si. A própria sala, em verdade, se enquadra num espaço muito preciso, com as medidas necessárias de modo que possa receber tantos assentos (*selas*) quanto o banho semicircular (*sigma*) acomode pessoas, sem que o serviço dos servos fique impossibilitado. O construtor fez duas janelas nos lugares opostos da abóbada para que o painel do teto, trabalhado com arte, se abra aos olhos dos visitantes. A face interior das paredes se contenta com o brilho apenas da argamassa polida⁷⁸ (*solo levigati caementi candore*).

A partir desse excerto, observa-se que Sidônio declaradamente busca equiparar as características da sala fria de suas termas àquelas pertencentes aos banhos públicos. Além disso, cada detalhe dessa sala parece ter sido cuidadosamente trabalhado de modo a impressionar os visitantes. A construção do *frigidarium* contemplava a simetria necessária não só para sua beleza, mas também para seu melhor funcionamento. Isso porque tal sala ocupava um “espaço muito preciso” e possuía as “medidas necessárias” para acomodar um número de assentos proporcional à quantidade de pessoas que cabia no banho semicircular. Ao mesmo tempo impedia que os servos, ao desempenhar suas obrigações, esbarrassem uns nos outros. Novamente o autor descreve sua casa de campo como uma construção ideal, harmônica e equilibrada.

Ao prosseguir em sua descrição do *frigidarium*, Sidônio se vangloria devido à simplicidade das paredes dessa sala (seções 6 e 7). De acordo com o autor, tais paredes careciam de mármore importado e de pinturas que contavam histórias ignóbeis (*turpis historia*), provavelmente em uma alusão depreciativa às representações dos mitos clássicos. Contavam apenas com o brilho da pedra polida (*solo levigati caementi candore*) e com uma série de versos que exibiam a educação e o bom gosto literário do proprietário. Aqui, as palavras de Sidônio sugerem humildade e pouca decoração, tanto que ele chega

⁷⁸ Sid. Ep. 2, 2, 5 (trad. Pedro Benedetti): *Hinc frigidaria dilatatur, quae piscinas publicis operibus exstructas non impudenter aemularetur. primum tecti apice in conum cacuminato, cum ab angulis quadrifariam concurrentia dorsa cristarum tegulis interiacentibus imbricarentur (ipsa vero convenientibus mensuris exactissima spatiositate quadratur, ita ut ministeriorum sese non impediende famulatu tot possit recipere sellas quot solet sigma personas), fenestras e regione conditor binas confinio camerae pendennis admovit, ut suspicientum visui fabrefactum lacunar aperiret. interior parietum facies solo levigati caementi candore contenta est.*

a dizer que sua *villa* pode ser chamada de choupana (*mapalia*) ou de cabana (*tuguria*). Essa sala, no entanto, é descrita por Sidônio pelo que não possuía, mais que por aquilo que possuía. Dizer que suas paredes eram desprovidas de mármore importado não implica que fossem livres, por exemplo, de outras pedras estrangeiras ou mesmo de mármore da Gália. Aliás, sabe-se que a palavra *caementum*, empregada meramente como “argamassa” por Sidônio, era utilizada com o sentido de “mármore” para autores como Vitrúvio (VISSER, 2014, p. 34). A modéstia do autor, em suma, provavelmente não passava de uma afirmação retórica.

Em um anexo ao leste do *frigidarium* havia uma piscina ou, nas palavras de Sidônio, um *baptisterium*. A entrada desse ambiente era arqueada e tripartida, possivelmente composta por dois pilares e uma coluna púrpura. A piscina era abastecida por seis tubos salientes, que desviavam água da cabeceira de um riacho. As extremidades desses canos tinham representadas cabeças de leões tão bem feitas que, segundo o autor, poderiam causar espanto aos que entrassem desavisados. A respeito do batistério, Sidônio diz:

Se a multidão de moradores (*domestica*) ou de convidados (*hospitalis*) cerca o senhor (*dominum*) nesse local, tendo em vista que as conversas se tornam menos inteligíveis por conta do ruído da queda d’água, o povo fala entre si aos ouvidos; assim, abafado por um barulho externo, o diálogo aberto é tomado por um ar secreto absurdo. Saindo desse local, abre-se a fachada da sala de jantar das matronas (*triclinii matronalis*), à qual se encontra contígua, separada apenas por um biombo (*pariete castrense*⁷⁹) a despensa (*cella penaria*), vizinha à oficina de tecelagem⁸⁰ (*textrino*).

Ao descrever a entrada dessa sala, Sidônio diz que os suportes do meio não eram pilares, mas colunas “púrpuras”, como as chamavam os arquitetos de alta classe. Estima-se que o termo *purpurae* foi empregado para se referir às colunas feitas de pórfiro. Colunas são cilíndricas, *pilae* podem ser pilastras ou pilares semicilíndricos. Aparentemente, das três colunas que formavam a entrada tripartida somente a do meio era de pórfiro. A forma como Sidônio descreve a entrada dessa sala se assemelha àquela da sala de jantar da *Domus della Fortuna Annonaria*, também composta por colunas que

⁷⁹ Presumivelmente uma divisória frágil, ou uma que não se estenda do chão ao teto; mas a expressão não parece ser encontrada em outro lugar.

⁸⁰ Sid. *Ep.* 2, 2, 9 (trad. Pedro Benedetti): *Hic si dominum seu domestica seu hospitalis turba circumstet, quia prae strepitu caduci fluminis mutuae vocum vices minus intelleguntur, in aurem sibi populus confabulatur; ita sonitu pressus alieno ridiculum adfectat publicus sermo secretum. hinc egressis frons triclinii matronalis offertur, cui continuatur vicinante textrino cella penaria discriminata tantum pariete castrensi.*

sustentavam arcos. Além disso, é interessante notar a ênfase que o autor dá à abundância de água presente em suas termas, desviada diretamente da cabeceira de um riacho. A partir do século IV d.C., em Óstia, observa-se que a água dentro das *domus* passou a ser ainda mais valorizada por meio de ninfeus imponentes. Ao que tudo indica, o acesso ao recurso hídrico tornou-se uma importante forma de distinção em diferentes contextos na Antiguidade Tardia.

A partir da descrição do batistério, é possível rastrear quem eram as pessoas admitidas nas termas particulares dos aristocratas, nesse caso moradores e hóspedes. Além disso, nota-se que os banhos abriam a possibilidade para a sociabilidade entre seus ocupantes para que pudessem conversar mesmo sobre temas mais discretos e sigilosos, dado que o ambiente caracterizado pelo ruído da água conferia um tom de “privacidade” às conversas. Sendo assim, é razoável inferir que as termas na *Domus dei Dioscuri*, em Óstia, mais que simples locais de banho, eram lugares em que o dono da casa também podia se reunir no convívio social com seus pares e familiares.

No final da seção 9, Sidônio menciona que ao saírem das piscinas as pessoas se deparavam com a entrada da sala de jantar das matronas, que dividia espaço com a despensa. Com base nisso, nota-se que o autor propõe a existência de uma segregação por gênero dentro da casa. Ainda, sugere que uma mesma sala podia acumular dupla função, visto que a sala de jantar, dividida por um biombo, também servia como despensa. Trata-se de uma observação importante para o estudo da arqueologia das *domus* ostienses, principalmente em um contexto em que alguns arqueólogos são inclinados a propor funções muito bem delimitadas e especializadas para cada cômodo.

Após descrever as piscinas de seus banhos, Sidônio conduz o leitor para fora das termas e descreve o edifício principal de sua casa de campo (seções 10 a 13). De início, menciona que ao leste havia um pórtico que se apoiava em pilares circulares e encarava o lago da propriedade. O vestíbulo se estendia para o interior em forma de uma ampla passagem coberta – protegida, mas aberta, ininterrupta devido o emprego de partições. De acordo com o autor, esse corredor não chegava a ser uma passagem subterrânea (*hippodromus*), e por isso o chamou de criptopórtico (seção 10). Na sequência Sidônio diz:

[...] Esse criptopórtico, todavia, privado de um pouco de seu espaço na extremidade da passagem, produz uma sala bastante fresca, onde, depois de executado o banquete sagrado (*publico lectisternio*), o coro recluso muitíssimo ruidoso das clientes (*clientularum*) ou nutrízes

(*nutricum*) bate em retirada assim que eu e os meus acompanhantes nos dirigimos para o quarto de dormir⁸¹.

O criptopórtico desembocava em uma sala na qual se davam as refeições das clientes e nutrizas ou, nas palavras de Sidônio, onde ocorriam os banquetes sagrados. Um *lectisternium publicum* tratava-se de um banquete público ofertado aos deuses, no qual suas imagens eram espalhadas em sofás com comida colocada diante delas. Sidônio usa essa expressão de maneira descontrainda para se referir à refeição de escravas e outras dependentes do sexo feminino. O substantivo “lectistérnio”, nesse sentido, foi aqui utilizado como uma maneira de retratar as mulheres espalhadas no sofá, tal qual se fazia com os deuses diante dos alimentos postos sobre a mesa. Já o adjetivo “público” foi mobilizado para dizer que os banquetes eram abertos, frequentados por muitas mulheres que se faziam presentes na *villa* nessas ocasiões. Tais mulheres possivelmente eram esposas ou filhas de homens de origem humilde, como arrendatários (*coloni*) e outros trabalhadores que atuavam na propriedade de Sidônio ou que haviam se colocado sob sua proteção. *Clientularum* é o genitivo do diminutivo de *clientula*, palavra que pode ser traduzida, a grosso modo, como “clientinha”. Em resumo, não eram clientes (*clientularum*) de origem nobre, mas sim provenientes das camadas mais baixas da sociedade. Mais importante é o fato de essas mulheres possuírem um espaço exclusivamente destinado a elas, o que sugere uma dupla segregação: de gênero, mas também de status, tanto que não ocupavam o triclinio das matronas ao qual o autor se refere no texto.

Na sequência, Sidônio narra que através do criptopórtico chegava-se a uma sala de jantar de inverno. Entretanto, o autor não fornece detalhes sobre esse triclinio, pois sua intenção era falar a seu destinatário sobre os cômodos apropriados àquela estação, ou seja, o verão (seção 11). Desse modo, Sidônio descreve o quão agradável era realizar uma refeição em uma outra sala de sua *villa*, apropriada aos dias mais quentes:

[...] deste triclinio [de inverno] passa-se a uma sala de estar (*diaetam*) ou pequena sala de jantar (*cenatiunculam*⁸²), para a qual quase todo o lago se abre ao mesmo tempo em que se abre totalmente para o lago. Nela encontram-se um leito semicircular (*stibadium*) e uma mesa brilhante (*nitens abacus*). Em sua área ou plataforma pode-se subir a

⁸¹ Sid. *Ep.* 2, 2, 10 (trad. Pedro Benedetti): [...] *haec tamen aliquid spatio suo in extimo deambulacri capite defrudans efficit membrum bene frigidum, ubi publico lectisternio exstructo clientularum sive nutricum loquacissimus chorus receptui canit cum ego meique dormitorium cubiculum petierimus.*

⁸² Termo latino no diminutivo: “salinha de jantar”.

partir do p3rtico mais baixo pouco a pouco pelos degraus, que n3o s3o curtos nem estreitos demais. Reclinando-se neste lugar, encontra descanso entre as refeições, ocupas-te com os prazeres do cen3rio⁸³.

No texto acima, Sid3nio mais uma vez descreve um c3modo multifuncional, adequado a pelo menos dois prop3sitos distintos: ao descanso e 3 sociabilidade, uma vez que 3 chamada de sala de estar (*diaeta*), ou 3s refeições, pois o autor tamb3m a denomina “pequena sala de jantar” (*cenatiuncula*). Nesse ambiente, de acordo com Sid3nio, encontrava-se um leito semicircular (*stibadium*) e uma mesa brilhante (*nitens abacus*) em uma 3rea elevada, acessada atrav3s de degraus convidativos – nem curtos, tampouco estreitos demais. Al3m da mob3lia elegante e valorizada pela estrutura f3sica em que se encontrava, a sala contava com uma vis3o encantadora, pois abria-se para um lago de onde era poss3vel ver um pescador impulsionar seu barco nas 3guas profundas e espalhar suas redes (se33o12).

Para finalizar a descri33o da *villa*, o autor narra que ap3s a refei33o seu convidado poderia encontrar descanso em um quarto de h3spedes. Esse *deversorium* 3 descrito como um local arejado e iluminado, antecedido por uma sala em que escravos possivelmente se estabeleciam para guardar o acesso ao quarto dos h3spedes e ficar de prontid3o em caso de alguma necessidade (se33o 13):

Terminadas as refeições, o quarto dos hospedes (*deversorium*⁸⁴) te oferece acolhida, tendo em vista que 3 menos abrasante e bastante de veraneio, pois recebe luz do dia, mas n3o o sol diretamente, uma vez que est3 aberta apenas para o norte. H3 no entremeio uma antec3mara bem estreita, onde a sonol3ncia da criadagem do quarto (*cubiculariorum*) encontra lugar mais para o cochilo do que para o descanso⁸⁵.

A descri33o desse quarto novamente remete ao ideal de uma constru33o. A partir do excerto acima, nota-se uma preocupa33o de Sid3nio com a orienta33o da *villa* em

⁸³ Sid. *Ep.* 2, 2, 11 (trad. Pedro Benedetti): [...] *ex hoc triclinio fit in diaetam sive cenatiunculam transitus, cui fere totus lacus quaeque tota lacui patet. in hac stibadium et nitens abacus, in quorum aream sive suggestum a subiecta porticu sensira non breviatis angustatisque gradibus ascenditur. quo loci recumbens, si quid inter edendum vacas, prospiciendi voluptatibus occuparis.*

⁸⁴ Onde se pode parar ou hospedar-se.

⁸⁵ Sid. *Ep.* 2, 2, 13 (trad. Pedro Benedetti): *Edulibus terminatis excipiet te deversorium, quia minime aestuosum, maxime aestivum; nam per hoc, quod in Aquilonem solum patescit, habet diem, non habet solem, interiecto consist3rio perangusto, ubi somn3ilentiae cubiculariorum dormitandi potius quam dormiendi locus est.*

relação ao movimento do sol, para que alguns cômodos recebessem luz natural de maneira adequada às suas necessidades.

Da seção 13 em diante o autor se atém à fauna, à flora e ao lago da propriedade, para mostrar a seu convidado como não só a *villa*, mas todo o contexto em que se encontrava, era perfeito para o convívio e o encontro entre amigos.

Sidônio fornece um retrato idealizado da *villa*, que é elogiada por sua simetria arquitetônica, pela beleza de suas colunas, pela grandiosidade das termas e pela perspectiva panorâmica dos campos e nascentes. A descrição da *villa* fornece escopo para a arte literária de Sidônio e para transmitir a impressão de uma aristocracia próspera, ociosa e hospitaleira, que passava ilesa pelas dificuldades econômicas, pela depredação da guerra e outras incertezas decorrentes da presença dos “bárbaros” durante o século V d.C. no contexto da Gália (HARRIES, 1994, p. 131-132). Essa carta ilumina as questões estudadas no caso de Óstia, principalmente em virtude da ênfase que Sidônio dá aos princípios que dirigiam a organização interna de sua casa e aos elementos decorativos que conferiam a ela proeminência, muitos dos quais também estavam presentes nas *domus* ostienses.

A partir da análise das evidências arqueológicas das *domus* ostienses e dos usos das mansões pelos *domini* suscitados pelas fontes textuais, parece-me plausível falar em novas formas de afirmação do poder aristocrático na Antiguidade Tardia. À medida que esse período avançava, cada vez mais as mansões eram planejadas para impor distinções sociais nítidas entre dominantes e dominados. No século IV d.C. e, ainda mais, no século V d.C. as residências dos poderosos edificadas em Óstia passaram a estruturar relações sociais sobremaneira hierarquizadas.

Quanto às evidências arqueológicas do sítio de Óstia, essas novas formas de afirmação do poder são reveladas de diversas maneiras. Um princípio de segregação parece ter dirigido a elaboração das plantas das mansões ao longo da Antiguidade Tardia. Nessa época, incorporava-se às *domus* elementos arquitetônicos, decorativos e recursos naturais exclusivos de difícil acesso, com o propósito de enaltecer os proprietários perante seus pares e diferenciá-los das camadas populares. Ao que parece, as casas também obtinham mais independência dos espaços públicos coletivos conforme o período

avançava, o que também vejo como um sinal do progressivo afastamento da aristocracia das pessoas comuns. Proponho que tudo isso reforça a ideia de que nessa época estabelecia-se uma elite mais impositiva, arbitrária e competitiva na cidade de Óstia.

Ao se tratar das obras textuais, embora inseridos em contextos diferentes, os três autores selecionados fazem referência à arquitetura e à decoração das mansões como componentes importantes para assegurar a superioridade dos aristocratas. Além desse aspecto em comum, cada um dos textos aborda especificidades a respeito da natureza das elites às quais os autores se referiam. Amiano enfatiza o comportamento ritualizado da aristocracia, repleto de reações, gestos ensaiados e pompa que atestam a arrogância e a preocupação dos aristocratas em se impor perante subordinados e impressionar seus pares. As cartas de Símaco revelam a centralidade das *domus* no que dizia respeito à construção, expansão e manutenção das redes de contato entre os poderosos. O autor também descreve as casas como instrumentos valiosos para que as elites se impusessem perante familiares, amigos e aliados. Sidônio Apolinário, enfim, narra as atividades políticas ocorridas nas *domus*. Descreve sua *villa* como uma construção planejada, equilibrada e funcional e usa a casa para se referir a um ideal de amizade aristocrática, entretenimento e segregação física dos grupos subalternos. Em resumo, os textos contribuem para nuançar as práticas aristocráticas e os usos efetivos das casas de elite, elementos preciosos para aprofundar a compreensão sobre as relações sociais e as *domus* ostienses da Antiguidade Tardia.

CAPÍTULO 3: AS MANSÕES AOS OLHOS DOS GRUPOS SUBALTERNOS: DOS USOS COTIDIANOS AOS ATAQUES

As casas da elite romana (*domus*) eram habitadas e visitadas com frequência por pessoas procedentes dos estratos mais baixos da população. Entretanto, as maneiras como essas residências podiam ser utilizadas por essas pessoas têm sido deixadas em segundo plano pela maioria dos estudiosos, que em geral se preocupam com o estudo das casas do ponto de vista dos proprietários. Neste capítulo, investigo como as *domus* ostienses, ao longo da Antiguidade Tardia, eram utilizadas pelos grupos subalternos – especialmente servos e clientes humildes. Exploro tanto os padrões de interação social quotidianos entre os subalternos dentro das mansões quanto os modos de ação desses grupos durante momentos de rebelião em que eles se voltavam contra as *domus*. Para isso, analiso vestígios arquitetônicos e grafites provenientes do sítio arqueológico de Óstia, bem como textos extraídos da obra *Res Gestae*, do historiador Amiano Marcelino. De início, mobilizo os textos para compreender quem eram os subalternos que frequentavam as mansões, em que ocasiões o faziam e como foram descritos nessas circunstâncias. Feito isso, recorro à arqueologia e aos grafites encontrados nos arredores e no interior das casas ostienses a fim de apontar algumas práticas populares nesses edifícios que as fontes textuais não contemplam. Por último, retorno novamente aos textos de Amiano para analisar episódios em que as casas dos poderosos eram alvejadas pelas camadas populares. Argumento que os grupos subalternos utilizavam as *domus*, nos limites do possível, segundo seus próprios interesses, de maneira dinâmica e, por vezes, subversiva. Além dos mais, em contextos específicos os destituídos taticamente atacavam as casas com a intenção de minimizar os efeitos da dominação aristocrática ou, para retomar a expressão de E. P. Thompson, para “gelar a espinha” dos poderosos, “lembrar-lhe seus deveres” e “forçá-los a praticar a caridade em tempos de escassez” (THOMPSON, 1998, p. 65). Dentro do traçado arquitetônico das mansões, afinal, os “estilos de ação” dos desvalidos eram múltiplos e podiam extrapolar os planos e anseios dos proprietários.

Limites e Possibilidades das Fontes

Para iniciar, é preciso deixar claro que os documentos escolhidos para a realização desta pesquisa resultam de processos produtivos diferentes. Sendo assim, faz-se

necessário considerar as particularidades dessas fontes, bem como explicitar as restrições e as oportunidades de estudo apresentadas por cada uma delas.

Evidências Arqueológicas: a Planta Baixa das Casas

No que diz respeito aos limites relativos às evidências arqueológicas, destaca-se o viés ideológico e elitista das plantas das mansões ostienses. Em primeiro lugar, porque no mundo romano as *domus* eram fruto de um programa arquitetônico e de uma teoria construtiva muito elaborados, planejadas por arquitetos que visavam satisfazer necessidades bastante particulares de indivíduos poderosos e detentores de cargos públicos vistosos (THÉBERT, 1990, p. 312). Tendo isso em mente, deve-se atentar ao risco de se adotar uma perspectiva normativa das *domus*, isto é, meramente projetar as vontades e os valores dos idealizadores e dos proprietários desses edifícios sobre seus mais diversos “usuários”.

Em segundo lugar, porque as plantas das mansões foram produzidas por arqueólogos igualmente carregados de intenções. As *domus* ostienses em sua maioria foram escavadas entre 1938 e 1942, isto é, pouco antes e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)⁸⁶. Nesse período, a mando de Benito Mussolini, grande parte do sítio arqueológico de Óstia foi escavado às pressas para ser apresentado na “Esposizione Universale di Roma”, uma feira mundial que, diga-se de passagem, não chegou a ocorrer (BOIN, 2013, p. 6). Ainda assim, muitos dados arqueológicos foram descartados sem qualquer tipo de registro. Evidências que remetiam à fundação da cidade em meados da República e aos anos prósperos da era Imperial foram preservadas em detrimento do material correspondente à Antiguidade Tardia, possivelmente visto por Mussolini e pelos arqueólogos como inadequado para ser associado ao passado glorioso de Roma. Apesar das estruturas físicas das mansões terem sobrevivido a esse desenterramento massivo, objetos que poderiam iluminar a vida cotidiana no interior das casas foram

⁸⁶ A primeira escavação sistemática de Ostia ocorreu na primeira década do século XIX, sob as ordens do papa Pio VII e dirigida pelo arqueólogo Giuseppe Petri. Esses trabalhos trouxeram à tona pouco mais que o centro da cidade. Escavou-se, nessa época, o Capitólio, o Fórum e outras estruturas vizinhas. Escavações ordenadas por papas continuaram no século dezenove, como aquelas conduzidas pela família Visconti a mando de Pio IX. Essas escavações se expandiram para os contornos da cidade e revelaram áreas como o Campus da Magna Mater e o chamado Palazzo Imperiale. Em 1870, no entanto, o nascimento da nação Italiana fez com que o ritmo dos trabalhos diminuíssem. Somente nas primeiras décadas do século XX, sob a liderança de Dante Vaglieri e outros, as ruas e estruturas que formavam o tecido urbano começaram a emergir, costurando um mapa da cidade de Óstia tal como ficou conhecido na literatura acadêmica (BOIN, 2013, p. 6).

completamente destruídos. As plantas das moradias ostienses, portanto, não devem ser tidas como retratos fieis das mansões no passado.

Apesar dessas limitações, a documentação arqueológica apresenta algumas possibilidades para o estudo das *domus* do ponto de vista dos grupos subalternos. Por meio da análise da disposição geográfica das casas de elite na cidade de Óstia, é possível pensar como elas estavam em relação a outros focos de atração popular e se eram ou não acessíveis nessa paisagem urbana específica. Já um olhar mais voltado à organização interna das mansões permite pensar no seu nível de abertura para as pessoas comuns, nos trajetos percorridos por esses indivíduos no interior dos edifícios, nos cômodos utilizados e nos padrões de interação social entre seus ocupantes.

Os Dados Epigráficos

Quanto aos grafites ostienses, um primeiro obstáculo diz respeito à disponibilidade desse tipo de documentação. Embora alguns poucos tenham sido publicados, muitos ainda são inéditos. Sendo assim, acessá-los não é tarefa fácil. A obtenção de uma lista que contém os grafites de Óstia com o local de descoberta e outras informações adicionais só foi possível graças à ajuda, principalmente, de Jan Theo Bakker e Eric Taylor, ambos responsáveis pelo levantamento e catalogação desse material.

Um segundo problema se refere à datação pouco precisa dos grafites ostienses. Muitos sequer foram datados⁸⁷. À medida que esses dados carecem de um estudo aprofundado, critérios estilísticos são pouco utilizados para datá-los, diferente do que se observa no caso de Pompeia (LANGNER, 2001, p. 15). Sendo assim, com frequência se atribui aos grafites de Óstia a data referente às últimas décadas do suporte em que foram gravados. Em certos casos, no entanto, nem mesmo o período do contexto arqueológico em que se encontravam pode ser determinado com rigor.

Um terceiro entrave é o baixo número de casas aristocráticas que contém esse tipo de evidência se comparado à quantidade de mansões espalhadas pela cidade de Óstia. Como consequência, torna-se inviável realizar um estudo mais sistematizado sobre os grafites. Além disso, no mais das vezes restam apenas grafites em um estado de conservação muito precário. Interpretá-los, portanto, é também tarefa árdua.

⁸⁷ Sobre a datação dos grafites de um modo geral ver: LOHMANN, 2015, p. 70

Apesar dos problemas apresentados, os grafites podem ser analisados comparativamente a outros – como os de Pompeia –, bem como investigados em conjunto com os documentos arqueológicos e textuais. Nesse caso, revelam-se como indícios cruciais para se pensar nos usos do espaço da casa pelos grupos subalternos, na condição social, no grau de instrução, nos laços, na sociabilidade, na mobilidade, nas habilidades e na cultura visual dessas pessoas que frequentavam as *domus* ostienses (GARRAFONI, 2005, p. 258).

As Fontes Textuais

Quanto à documentação textual, ressalta-se os diferentes objetivos de Amiano Marcelino por trás das passagens em que menciona as casas aristocráticas em sua obra. Os excertos aqui selecionados foram retirados do livro 14, que trata do regime sangrento de César Galo em Antioquia e no qual se encontra uma larga digressão sobre os defeitos do senado e do povo romano. Essa digressão, segundo John Matthews (2007, p. 24), são reminiscências que o autor tem de sua própria chegada a Roma. Amiano Marcelino, de acordo com Matthews, chegou à cidade em 383 d.C., vinte anos após se aposentar da carreira militar, para completar seus trabalhos como historiador. Instalou-se na antiga capital quando sua obra estava praticamente pronta para ser apresentada para algum grande patrono literário, político instruído ou figura social proeminente (MATTHEWS, 2007, p. 18). No entanto, seus primeiros contatos com as mansões dos poderosos, a julgar por seus próprios relatos, causaram-lhe enorme decepção: os estrangeiros eram tratados com desdém ao abordar as casas dos patronos e foram expulsos de Roma, em 383 ou 384 d.C., em função de um período de extrema escassez de grãos. Nesse sentido, as hipérboles, as desaprovações excessivas e os exageros retóricos que o autor emprega em seu texto parecem ser alimentados por sua própria frustração.

Apesar disso, Amiano fornece uma imagem vívida das casas em diferentes ocasiões, detalha o perfil social dos indivíduos pertencentes aos grupos subalternos que as frequentavam e, direta ou indiretamente, aponta alguns usos subversivos que faziam do espaço doméstico.

Feitas essas observações sobre a natureza das fontes, passemos agora à análise dos excertos extraídos da obra *Res Gestae*, do historiador Amiano Marcelino.

As Mansões e os Grupos Subalternos em Amiano Marcelino

Começo a análise dos documentos textuais com uma passagem de Amiano Marcelino (14, 6, 12-13). Nesse excerto, Amiano se refere a uma das principais ocasiões em que as *domus* eram visitadas, fala sobre a identidade e descreve a experiência de um dos frequentadores da casa:

Hoje em dia, no entanto, se na qualidade de estrangeiro honesto tu adentrasses pela primeira vez a casa de algum homem bem endinheirado⁸⁸, e por isso pomposo, para saudá-lo, serás acolhido tal qual uma pessoa muito estimada, e interrogado sobre muitas coisas e forçado a mentir, ficarás admirado que um homem da mais alta importância seja tão encarecidamente respeitoso contigo, uma pessoa humilde nunca antes vista, que ficarás arrependido, em virtude dessas coisas agradáveis, como que privilegiadas, de não teres conhecido Roma há uma década atrás. E quando confiante por tamanha afabilidade tu fizeres a mesma coisa no dia seguinte, serás deixado de lado como alguém desconhecido e inesperado, enquanto aquele que ontem te encorajou a isso conta <...>⁸⁹ se perguntando quem tu és ou de onde vens. Mas quando finalmente fores reconhecido e recebido em amizade, se te dedicares à perseverança de saudá-lo indistintamente por três anos e te ausentares pelo mesmo tanto de dias, voltarás a suportar coisas semelhantes, sem que lhe seja perguntado onde estavas, e gastarás a vida toda em vão para se submeter a um imbecil, a não ser que, decepcionado, o abandones a partir desse momento⁹⁰.

Nesse texto, Amiano descreve um episódio sobre a chamada *salutatio*: cerimônia diária em que os clientes iam até as mansões dos seus patronos para cumprimentá-los em sinal de respeito. O personagem principal dessa narrativa trata-se de um estrangeiro, cujas

⁸⁸ *Bene nummatus* é uma expressão bastante coloquial e um tanto pejorativa. Em Hor. *Ep.* I, 6, 38 o poeta a utiliza para falar do homem rico que busca o “bem maior” através da riqueza material. Em Cíc. *Agr.* II, 22, 59 o orador a emprega para caracterizar Juba, filho do rei númida Hampsal II, como um “playboy”, para usarmos uma expressão também coloquial nas línguas modernas. Nota do tradutor (Pedro Benedetti).

⁸⁹ Preferimos, como Seyfarth, manter a lacuna presente em V. Mas fica clara a cena do “estrangeiro honesto” esperando para ser recebido pelo aristocrata esnobe, enquanto ele calcula a quantidade de clientes que lhe prestaram homenagem. Nota do tradutor (Pedro Benedetti).

⁹⁰ Amm. 14, 6, 12-13 (trad. Pedro Benedetti): *At nunc si ad aliquem bene nummatum tumentemque ideo honestus advena salutatum introieris primitus, tamquam exoptatus suscipieris et interrogatus multa coactusque mentiri, miraberis numquam antea visus summam virum tenuem te sic enixius observantem, ut paeniteat ob haec bona tamquam praecipua non vidisse ante decennium Romam. Hacque affabilitate confisus cum eadem postridie feceris, ut incognitus haerebis et repentinus hortatore illo hesterno<...> numerando, qui sis vel unde venias diutius ambigente. Agnitus vero tandem et ascitus in amicitiam, si te salutandi assiduitati dederis triennio indiscretus et per totidem dierum defueris tempus, reverteris ad paria preferenda, nec ubi esses interrogatus, et nunc inde miser discesseris, aetatem omnem frustra in stipite conteres summittendo.*

principais características seriam a honestidade e a humildade. Esse *honestus advena*, segundo Amiano, dirigiu-se pela primeira vez à moradia de um aristocrata para saudá-lo (*honestus advena salutatum introieris primitus*) e, de início, foi tratado como alguém muito estimado. Entretanto, ao voltar à casa no dia seguinte, mesmo tendo sido encorajado pelo próprio dono, foi por ele desdenhado e interrogado sobre sua proveniência (quem tu és, de onde vens). A cena de um estrangeiro que esperava para saudar um aristocrata que pretensiosamente calculava a quantidade de clientes que o procuravam para lhe homenagear é bastante nítida nesse texto. É possível que Amiano esteja narrando sua própria experiência logo após ter chegado a Roma, o que pode explicar sua empatia em relação ao estrangeiro, assim como seu sentimento de repulsa no que se refere ao chefe da casa.

Parece-me possível extrair desse relato algumas conclusões, apesar da falta de imparcialidade do autor. Em primeiro lugar, a *salutatio* atraía não só os indivíduos que já pertenciam ao círculo de dependentes de um poderoso, mas também pessoas nunca antes vistas que almejavam, tal qual o estrangeiro, fazer parte de sua clientela (“ser reconhecido e recebido em amizade”, nas palavras do historiador). Em segundo lugar, ao menos durante o período do dia em que se dava a *salutatio*, as pessoas tinham livre acesso às mansões aristocráticas. Afinal, Amiano menciona que o estrangeiro entrou (*introieris*) pela primeira vez na casa, repetiu a ação no dia seguinte e só então foi desprezado pelo patrono. O aristocrata, portanto, aparentemente estranhou a presença de um “desconhecido” somente quando ele já se encontrava no interior de sua mansão. Por último, esse texto dá acesso ao sentimento de humilhação que recaía sobre alguns clientes nessa ocasião.

Amiano menciona ainda outras duas ocasiões, além do ritual da *salutatio*, em que as casas aristocráticas eram visitadas pelos subalternos. A título de exemplo, vejamos este excerto:

Porém, depois que começam a ser preparados os longos e nocivos banquetes, intercalados por intervalos oportunos, ou a distribuição das costumeiras espórtulas, discute-se com deliberação inquieta se porventura, à exceção daqueles aos quais se deve a troca de favores, convém que seja convidado um estranho (*peregrinum*), e se depois de totalmente digerida a ideia agrada que assim seja feito, é convidado aquele que fica de sentinela diante das casas dos quadrigários, ou que ensina a artimanha de jogar dados, ou que finge conhecer certos assuntos secretos. De fato, eles evitam os homens eruditos e de bom senso como se fossem desventurados e inúteis, também se

acrescentando a isso o fato de que inclusive os anunciadores⁹¹, acostumados a negociar essas e outras coisas semelhantes, depois de aceita uma propina, introduzem nos benefícios e banquetes certos farsantes desprezíveis e de origem obscura⁹².

Nesse excerto, Amiano fala sobre os banquetes (*convivia*) e sobre a distribuição das espórtulas (*distributio sportularum*), momento em que presentes eram oferecidos pelos patronos a seus clientes. A essas cerimônias chamava-se os clientes, aos quais os senhores deviam a troca de favores, mas também estranhos (*peregrini*), pessoas que não pertenciam ao círculo de dependentes dos patronos. Amiano descreve os *peregrini* como os que ficavam de sentinela diante das casas dos quadrigários, os que ensinavam a artimanha de jogar dados (*tesserariam*) ou os que fingiam conhecer certos assuntos secretos. Em outras palavras, tratavam-se de cocheiros, especialistas em jogos de azar e adivinhos. Todas essas características, é importante frisar, são conferidas à plebe e criticadas por Amiano Marcelino em outros momentos de sua obra – a saber, no livro 28, 4, 28-31. Ao fim, o autor sugere que “homens eruditos e de bom senso” eram evitados pelos donos das mansões e que os anunciadores (*nomenclatores*) aceitavam suborno para inserir “farsantes desprezíveis e de origem obscura” em meio aos banquetes.

Em linhas gerais, Amiano fala com aversão sobre os festins porque, para ele, os anfitriões abriam as portas de suas mansões apenas para pessoas insignificantes – leia-se plebeus – e não faziam questão da companhia de comensais esclarecidos. Ao contrário do que diz sobre a *salutatio* em que o acesso às casas parecia ser livre, nos banquetes os patronos selecionavam seus convivas. Ainda assim, os anfitriões não tinham ciência de quem eram todos os indivíduos presentes nessas festas, pois certos escravos mediante suborno autorizavam a entrada de pessoas que aparentemente não descendiam da aristocracia. Nessa passagem, portanto, Amiano sugere que os aristocratas não possuíam

⁹¹ Os *nomenclatores* eram escravos encarregados de lembrar os senhores dos nomes daqueles que eles encontravam nas mais diversas ocasiões. Cic. *Mur.* 36, 77 e Sên. *Ben.* 33, 4 - 34-5 reprovam veementemente esse costume, pois consideram que as grandes listas de convidados para os banquetes não contêm pessoas verdadeiramente conhecidas do anfitrião, o que certamente abre espaço para o tipo de prática que Amiano narra aqui. Nota do tradutor (Pedro Benedetti).

⁹² Amm. 14, 6, 14-15 (trad. Pedro Benedetti): *Cum autem commodis intervallata temporibus convivia longa et noxia coeperint apparari vel distributio sollemnium sportularum, anxia deliberatione tractatur, an exceptis his, quibus vicissitudo debetur, peregrinum invitari conveniet et, si digesto plene consilio id placuerit fieri, is adhibetur, qui pro domibus excubat aurigarum aut artem tesserariam profitetur aut secretiora quaedam se nosse confingit. Homines enim eruditos et sobrios ut infaustos et inutiles vitant eo quoque accedente, quod et nomenclatores assueti haec et talia venditare mercede accepta lucris quosdam et prandiis inserunt subditicios ignobiles et obscuros.*

controle absoluto, quer sobre as pessoas que frequentavam as *domus*, quer sobre seus escravos.

No parágrafo 18, Amiano Marcelino menciona outras figuras que frequentavam as *domus*, mas não comenta em que circunstâncias:

Como a situação estivesse assim, as poucas casas antes celebradas pelos seus sérios costumes de estudos agora transbordam em caprichos de indolência entorpecente, ecoando o som do canto e o tinido suave da cítara. Por fim, chama-se o cantor ao invés do filósofo, o perito nas artes dos jogos no lugar do orador, e estando as bibliotecas fechadas para sempre à maneira das sepulturas, fabricam-se órgãos hidráulicos e liras imensas à imagem de carruagens, bem como flautas e os instrumentos nem um pouco leves de gesticulação dos atores⁹³.

De acordo com essa passagem, os peritos nas artes dos jogos (*doctor artium ludicrarum*), os músicos tais como cantores, flautistas e citaristas, bem como os mímicos também eram convidados às mansões pelos aristocratas. As ocupações – cocheiro, ator e músico – atribuídas por Amiano aos frequentadores das residências, vale lembrar, eram legalmente designadas como infames⁹⁴. A grosso modo, o termo *infamia* estava associado a qualquer homem ou mulher que se exibisse em público para ganho pessoal (SESSA, 2018, p. 61). Para as elites, compunham as mais desprezíveis das profissões. Amiano, enfim, faz questão de reafirmar que intelectuais como filósofos e oradores eram preteridos pelos donos das mansões em favor dessas pessoas detestáveis a seus olhos. Para o autor, tanto os proprietários das mansões quanto seus humildes frequentadores eram o avesso da erudição, da sabedoria e da sensatez.

Na segunda parte das digressões (28, 4), Amiano fornece outras pistas sobre o comportamento das pessoas comuns no interior das mansões aristocráticas. Em 28, 4, 12, o autor comenta que as casas dos poderosos eram:

[...] frequentadas por certos faladores ociosos (*otiosi quidam garruli*) que, emulando os gracejos espirituosos dos parasitas nas comédias, com vários fingimentos de aceitação (*variis assentandi figmentis*) aplaudem cada palavra falada por um homem da mais alta fortuna (*ad singula*

⁹³ Amm. 14, 6, 18 (trad. Pedro Benedetti): *Quod cum ita sit, paucae domus studiorum seriis cultibus antea celebratae, nunc ludibriis ignaviae torpentis exundant, vocabili sonu perflabili tinnitu fidium resultantes. Denique pro philosopho cantor et in locum oratoris doctor artium ludicrarum accitur et, bibliothecis sepulchrorum ritu in perpetuum clausis, organa fabricantur hydraulica et lyrae ad speciem carpentorum ingentes tibiaeque et histrionici gestus instrumenta non levia.*

⁹⁴ Aos indivíduos rotulados como infames, negavam-se direitos cívicos como a ocupação de cargos administrativos ou militares, a condução de casamentos legais com pessoas “não-infames” e o direito de se auto representarem no tribunal. Pessoas infames, além disso, estavam sujeitas a formas mais severas de punição corporal e execução (SESSA, 2018, p. 61).

ulteriores fortunae verba plaudentes). Tal como os parasitas enchem de orgulho os soldados, comparando-os a antigos heróis e atribuindo-lhes os cercos e as batalhas contra milhares de inimigos, esses, também, admirando as fileiras de colunas que sustentam fachadas grandiosas e as paredes brilhantes com cores singulares de pedras preciosas, elevam esses homens acima de sua condição mortal⁹⁵.

No fragmento textual acima, Amiano comenta que verborrágicos desocupados dissimuladamente concordavam com todos os comentários pronunciados pelos ricos proprietários das casas. Como os parasitas nas comédias, determinados visitantes elogiavam os *domini* de maneira excessiva, endeusavam-nos ao passo que admiravam as fileiras de colunas que serviam de apoio às fachadas grandiosas e as paredes brilhantes e repletas de pedras preciosas das *domus*.

No capítulo anterior, a partir desse texto, discuti como as mansões eram elaboradas de forma cuidadosa para que os aristocratas se apresentassem perante seus subordinados em meio a um cenário prestigioso. Por trás desse cuidado com o planejamento do espaço doméstico, cujos elementos arquitetônicos e decorativos deveriam estar à altura das palavras proferidas e dos gestos praticados pelos poderosos, residia um interesse dos aristocratas em atrair admiração, elogios e obediência de terceiros. Ao inverter esse excerto e analisá-lo “a partir de baixo”, penso que a deferência podia ser frágil, pois assim como observado por Thompson em contexto semelhante, envolvia não apenas o temor respeitoso à autoridade dos aristocratas, mas também incluía uma fração de interesse próprio e dissimulação da parte dos mais fracos que a praticavam (THOMPSON, 1998, p. 65).

Em *variis adsentandi figmentis*, por exemplo, o autor pode estar fazendo alusão a Cícero (*Amic.* 98), valendo-se de uma sentença que enfatiza a insinceridade das lisonjas feitas aos aristocratas (BOEFT, DRIJVERS, HENGST e TEITLER, 2011, p. 190). Ao escrever essa passagem, Amiano aparentemente também recorreu de modo muito preciso à comédia *Miles Gloriosus*, de Plauto (*Mil.* 46). Nessa peça, o escravo Artotrogo, como um parasita, vivia às custas de seu senhor, Pirgopolinices, a quem exageradamente elogiava em troca de comida. Os elogios feitos por Artotrogo eram tão excessivos de modo que beiravam o insulto, mas Pirgopolinices não se dava conta disso e insistia em

⁹⁵ Amm. 28, 4, 12 (trad. autor): *Horum domus otiosi quidam garruli frequentant, variis adsentandi figmentis ad singula ulterioris fortunae verba plaudentes, parasitorum in comoediis adsentationes facetas adfectando. ut enim illi sufflant milites gloriosos, obsidiones urbium et pugnas et milia hostium isdem ut heroicis aemulis adsignantes, ita hi quoque columnarum constructiones alta fronte suspensas mirando, atque parietes lapidum circumspicis coloribus nitidos, ultra mortalitatem nobiles viros extollunt.*

ver o parasita como um servo leal. É difícil saber se os bajuladores narrados por Amiano nesse texto podem de fato ser enquadrados na categoria “subalternos” ou se eram membros da elite que buscavam obter favores do dono da casa. No entanto, o adjetivo *otiosi* usado para caracterizá-los aparece em uma outra passagem (14, 6, 17) para definir os plebeus da vizinhança que seguiam os aristocratas enquanto caminhavam pelas ruas. A meu ver, portanto, o autor pode estar se referindo a pessoas socialmente marginalizadas nessa passagem. Assim, entendo que os grupos subalternos, ainda que entrassem em contato com as mansões nos termos dos poderosos, não assimilavam acriticamente os limites e as regras estipuladas pelos proprietários. Ao contrário, enfatizavam e manipulavam os valores aristocráticos, pois tinham noção de que somente assim poderiam alcançar benefícios concretos ao recorrer aos ricos. Por trás desse comportamento que se conformava com as imposições aristocráticas encontrava-se também um ato de resistência. É evidente que essas pessoas agiam para defender seus interesses quando notavam relativa segurança, dentro dos estreitos limites criados pelo medo da opressão (SCOTT, 1985, p. 304).

Neste momento, deixo de lado a digressão sobre o senado e o povo romano para analisar os parágrafos 6 e 7 do primeiro capítulo do livro 14. O objetivo de Amiano por trás dessa passagem era outro: atacar o caráter de Cesar Galo e denunciar os abusos de poder cometidos por ele no oriente. No entanto, o autor mais uma vez deixa subentendido que, ao menos em certas horas do dia, as casas eram abertas às pessoas de fora e, além disso, evidencia que as moradias da elite podiam ser clandestinamente utilizadas pelas camadas populares:

Sobre essas coisas, descobriu-se que certos homens obscuros, que deviam despertar pouca suspeita por causa da própria insignificância, eram designados em todos os cantos de Antioquia a fim de reunir rumores, e deveriam relatar aquilo que ouviam. Eles, ao atender aos círculos dos honrados como visitantes e de maneira dissimulada, e ao adentrar as casas ricas em aparência de necessitados, comunicavam o que quer que pudessem conhecer ou escutar depois de serem admitidos sorrateiramente no palácio pelas portas de trás [...]. E algumas vezes ocorrera que, se o chefe de família sussurrasse algo no ouvido da esposa no retiro particular, sem que nenhum servente mais próximo ao íntimo estivesse presente, no dia seguinte o imperador tomava conhecimento [...] E por causa disso até as paredes, solitárias consortes dos segredos, eram temidas⁹⁶.

⁹⁶ Amm. 14, 1, 6-7 (trad. Pedro Benedetti): *Excogitatum est super his ut homines quidam ignoti vilitate ipsa parum cavendi ad colligendos rumores per Antiochiae latera cuncta destinarentur, relaturi quae audirent. Hi peragranter et dissimulanter honoratorum circulis assistendo pervadendoque divites domus egentium*

Segundo Amiano, homens de origem humilde, a mando de Constâncio Galo, infiltravam-se disfarçadamente nas casas do expoente aristocrático para escutar o que nelas se dizia a respeito do imperador. Tais homens deviam despertar pouca suspeita justamente por causa da própria insignificância e por adentrar as casas dos ricos em aparência de necessitados. É intrigante que os informantes de Constâncio Galo, passando-se por pessoas humildes, não só entrassem nas *domus*, mas se insinuassem até cômodos onde o *paterfamilias* e sua esposa compartilhavam segredos, conforme narra Amiano Marcelino. Os clientes, então, ainda que aparentemente insignificantes para serem temidos, tinham a possibilidade de subverter os limites a eles impostos e circular por áreas da casa em que não eram admitidos, o que poderia ser uma ameaça, por exemplo, aos assuntos confidenciais dos proprietários. Estes, por sua vez, não podiam controlar plenamente quem acessava suas casas, nem mesmo conter certos indivíduos de extrapolarem as áreas em que supostamente deveriam permanecer.

No capítulo anterior, foi possível identificar alguns dos dispositivos arquitetônicos e decorativos dos quais os proprietários das *domus* ostienses se valiam para manter estranhos e visitantes indesejáveis em seu devido lugar dentro das mansões. Com base nesse episódio narrado por Amiano, suponho que seja plausível afirmar que, apesar das tentativas de monitoramento e controle dos aristocratas sobre as casas, os usos que os subalternos faziam delas não aparentam ter sido tão “orquestrados” pelos proprietários.

Em sua obra, Amiano Marcelino também relata alguns aspectos da vida dos escravos no interior das *domus*. Um desses relatos faz parte do primeiro e longo capítulo do livro 28, dedicado à narrativa do terror que se estabelecera em Roma durante o reinado do imperador Valentiniano (364-375 d.C.). Nesse capítulo, Amiano tem como propósito apresentar a maneira como, na época, homens e mulheres oriundos tanto das camadas mais baixas quanto dos altos escalões da sociedade eram vítimas de acusações infundadas, levadas adiante por funcionários imperiais gananciosos e cruéis.

Em 375-376 d.C., segundo o autor, um servo doméstico delatou (*detulit*) ao então vice-prefeito pretoriano Simplício a proteção concedida por Anépsia, sua matrona, a um senador procurado pela justiça, Abiêno (Amm. 28, 1, 49). O senador Abiêno e,

habitu, quidquid noscere poterant vel audire, latenter intromissi per posticas in regiam nuntiabant [...]. Et interdum acciderat, ut si quid in penetrali secreto, nullo citerioris vitae ministro praesente, paterfamilias uxori susurrasset in aurem [...], postridie disceret imperator. Ideoque etiam parietes arcanorum soli conscii timebantur.

juntamente, o senador Eumênio, tinham sido acusados de manterem relações inapropriadas com uma mulher nobre, Fausiana. Cientes dos perigos que os ameaçavam, pois sabiam que o vicário Simplicio planejava castigos cruéis contra eles, passaram a viver às escondidas. Abiêno, então, buscou abrigo na casa de Anépsia. Entretanto, um acontecimento “inesperado” (*insperati*), nas palavras de Amiano, agravou ainda mais a situação que já era calamitosa (*sed ut solent insperati casus adgravare miserabilis clades*):

[...] um escravo de Anepsia, que atendia pelo nome de Sapaudulo, irado ao ver que sua esposa (*coniugis*) havia sido violentamente açoitada, dirigiu-se no decorrer da noite a Simplicius e colocou-o a par do ocorrido. Emissários foram enviados e arrastaram o acusado, cujo paradeiro foi apontado de seu próprio esconderijo. Abienus, a quem também se acusava de manter relações adúlteras (*stupri*) com Anepsia, foi punido com a morte⁹⁷ [...].

A partir desse episódio, creio que é possível inferir que as mansões eram importantes para a formação de laços entre os escravos domésticos. Os servos, como explica Kristina Sessa (2018, p. 92), eram proibidos por lei de se casarem uns com os outros, com libertos ou com cidadãos livres por nascimento. A história narrada por Amiano, entretanto, sugere que isso não impedia que eles formassem alianças ao longo de suas vidas no interior das *domus*, pois foi diante do sofrimento de sua companheira que Sapaudulo decidiu entregar o segredo de Anepsia ao vicário Simplicio.

Entendo que a solidariedade entre os escravos podia ser uma importante forma de resistência contra alguns infortúnios que marcavam suas vidas nas residências aristocráticas. Entretanto, vale lembrar que existiam hierarquias e conflito entre os escravos, os quais podiam fazer fofocas sobre seus próprios companheiros, brigar e sabotar o trabalho um do outro (KNAPP, 2011, p. 122-123; SESSA, 2018, p. 14). A partir dos escritos de Salviano (*De gubernatione* 4, 3), um cristão do século V d.C., sabe-se por exemplo que alguns escravos possuíam estreita ligação com seus senhores e eram encarregados de supervisionar o restante dos servos domésticos. Esses capatazes (*silentiarii*) viam seus semelhantes da mesma forma que seus verdadeiros senhores, pois podiam recorrer a métodos violentos para manter a ordem entre os escravos (KNAPP,

⁹⁷ Amm. 28, 1, 49-50 (trad. autor): [...] *Sed ut solent insperati casus aggravare miserabilist clades, Sapaudulus nomine, servus Anepsiae, verberate coniugis dolore percussus, negotium ad Simplicium detulit, nocte progressus, missique apparitores, indicatos e latebris abstraxerunt. Et Abienus quidem exaggerato crimine stupri, quod intulisse dicebatur Anepsiae, morte multatus est* [...].

2011, p. 124). De fato, os servos não cooperavam a todo instante uns com os outros para defender seus interesses enquanto grupo coeso e homogêneo. Contudo, o caso narrado por Amiano sugere que, em contextos específicos, podia emergir entre eles um sentimento partilhado de ressentimento ou de ódio contra os senhores, o que podia resultar em relações de cumplicidade entre os servos.

Além da solidariedade, as delações igualmente compunham o arsenal de táticas de resistência utilizadas pelos escravos domésticos. A meu ver, o ato de Sapaudulo de entregar sua matrona às autoridades, ainda que impulsionado pela raiva, trata-se de uma ação calculada. A propósito, na Antiguidade Tardia algumas leis parecem ter sido criadas justamente para evitar que escravos adotassem esse tipo de prática (*C. Th.* 9, 6, 3, ed. PHARR, 2001, p. 231). Os servos domésticos de qualquer *domus*, de acordo com uma lei promulgada em 397 d.C., caso acusassem seus donos com o intuito de atacar sua reputação, seu status e sua fortuna, deveriam ser mortos. Aos escravos estava proibido apresentar-se como informantes ou como acusadores de um crime ainda sem testemunhas, antes de iniciada uma investigação judicial. A voz “perigosa” do escravo, conforme postulado por essa lei, deveria ser destruída e não escutada, a menos que ele provasse que seu mestre ou patrono estivesse envolvido em um crime de alta traição⁹⁸. A existência de leis como essa reitera meu argumento de que a ação de Sapaudulo não foi um caso isolado e imprevisto, mas uma possibilidade concreta à qual os escravos domésticos, apesar dos riscos envolvidos, podiam recorrer para se vingar caso a situação assim exigisse. Aliás, se o objetivo de Sapaudulo era o de reparar o castigo aplicado sobre sua concubina, seu plano fora realizado com sucesso, pois de acordo com Amiano tanto Abiêno quanto Anépsia foram mortos após o ocorrido (*Amm.* 28, 1, 50; 28, 1, 56).

Outro elemento dessa história que ilumina o estudo das *domus* “a partir de baixo” é que Sapaudulo conhecia o segredo de sua matrona. Trata-se de algo curioso se levado em conta que as mansões possuíam vários dispositivos para evitar que pessoas indesejáveis ou mesmo os próprios servos domésticos acessassem ou transitassem por áreas inapropriadas do edifício. O próprio Amiano, na passagem em que descreve os espiões de Cesar Galo infiltrados nas casas aristocráticas, evoca o “retiro particular” onde

⁹⁸ *C. Th.* 9, 6, 3: *Impp. arcad. et honor. aa. eutyichiano pf. p. si quis ex familiaribus vel ex servis cuiuslibet domus cuiuscumque criminis delator atque accusator emerit, eius existimationem, caput atque fortunas petiturus, cuius familiaritati vel dominio inhaeserit, ante exhibitionem testium, ante examinatum iudicium, in ipsa expositione criminum atque accusationis exordio ultore gladio feriat. vocem enim funestam intercidi oportet potius quam audiri. maiestatis crimen excipimus. dat. vi. id. nov. constantinopoli, caesario et attico coss.* Ver também: *C. Th.* 9, 3, 2.

o *paterfamilias* sussurrava segredos no ouvido de sua mulher, um lugar íntimo e livre da presença dos servos (Amm. 14, 1, 7). Os escravos, portanto, provavelmente não tinham livre acesso a todos os ambientes das *domus*. Entretanto, também não estavam fadados ao isolamento absoluto, pois seus trabalhos eram indispensáveis para o funcionamento das residências e, por extensão, para que os poderosos pudessem assumir as atividades inerentes a sua posição social. Isso demandava que os servos estivessem sempre por perto e, como consequência, podiam tomar conhecimento de informações sigilosas cujo vazamento poderia custar caro aos aristocratas, conforme o destino de Abiêno e Anepsa revelou. Em resumo, apesar das tentativas dos *domini* de segregar os escravos ou impedi-los de estar por perto quando tratavam de assuntos confidenciais, a própria dinâmica da casa oferecia brechas das quais os servos podiam ou não tirar proveito.

Um último importante aspecto presente nessa passagem da obra de Amiano, o qual também gostaria de discutir, é que Sapaudulo escapou durante a noite para entregar sua matrona ao vicário Simpício. Em outro caso de delação evocado pelo autor, dessa vez realizada por uma escrava, o padrão se repete⁹⁹. No capítulo anterior, foi possível observar que algumas *domus* ostienses possivelmente tinham suas entradas vigiadas pelos próprios servos ou por estátuas de divindades protetoras. Ao que parece, tais medidas revelam não apenas uma preocupação dos proprietários em controlar o acesso de estranhos ao interior das *domus*, mas também sugerem uma tentativa de evitar que seus escravos saíssem sem que fossem autorizados. De todo modo, ainda assim os servos encontravam maneiras de driblar os dispositivos de segurança utilizados pelos *domini*, como apontam alguns textos de Amiano.

A fuga de escravos afetava mesmo os círculos dos aristocratas mais poderosos. Por volta de 398 d.C., Símaco enviava uma carta a Minérvio, homem influente na corte, pedindo ajuda para encontrar um escravo fugitivo que pertencia a irmã do *vir clarissimus* Basso, um de seus amigos (Simm. *Ep.* 4, 48). Nessa carta, Símaco comenta que o “escravo rebelde” (*rebellem seruum*) continuava desaparecido, mesmo após intimado a comparecer a julgamento por meio de um decreto imperial, pois sabia dos castigos que o ameaçavam

⁹⁹ Em 18, 3, 2-3, Amiano conta a história de uma mulher da aristocracia, *Assyria*, que ordenou que uma escrava que conhecia perfeitamente os símbolos (a escrita codificada) escrevesse uma carta secreta a seu marido, *Barbationis*, que tinha marchado em uma expedição. Por meio dessa carta, *Assyria* dizia que após a morte do imperador Constâncio, *Barbationis* seria o novo imperador e, portanto, suplicava que ele não a deixasse para se casar com a então rainha Eusébia. Quando a expedição acabou e todos retornaram para casa, a escrava “fugiu na primeira calada da noite” (*noctis prima quiete confugit*) e entregou uma cópia da carta a *Arbetionem*, que em seguida informou Constâncio sobre o ocorrido. Na sequência, *Assyria* e *Barbationis* foram decapitados.

após sua fuga, uma “ação audaz” nas palavras de Símaco. Sendo assim, Símaco pedia que Minérvio apelasse ao tribunal imperial (*diuinum iudicium*) em favor de Baso, que defendia os interesses de sua irmã, para que “uma casa inocente não fosse mais aterrorizada pelos propósitos selvagens de um escravo vil” (*ne ulterius innocens domus commentis feralibus uilis mancipii terreatur*).

A meu ver, tanto a história narrada por Amiano quanto o caso evocado por Símaco atestam que a fuga era uma das táticas “desviacionistas”, para retomar a expressão de Michel de Certeau (2014, p. 87), que não obedeciam às leis da casa. Com isso, não quero dizer que todos os escravos desejavam ou tinham a chance de fugir para se livrar da opressão que vivenciavam dentro das *domus*. As possibilidades oferecidas pelas circunstâncias eram relativas e, além do mais, pode ser que muitos servos sequer pensassem na fuga como uma opção. A vida após a fuga poderia ser muito difícil e o risco de ser recapturado era grande. Segundo Robert Knapp (2011, p. 136-137), enquanto foragidos os escravos tinham como opção, por exemplo, recorrer a amigos ou a libertos da casa que viviam, tentar juntar-se ilegalmente ao exército, ligar-se a um proprietário de terras como seu inquilino, tornar-se um ladrão e assim por diante. Em suma, apesar desses obstáculos não se pode negar que os textos sugerem que a fuga era uma possibilidade concreta para os escravos em circunstâncias difíceis.

As fontes textuais, como se observa, contêm pistas sobre quem se dirigia às *domus* – cocheiros, jogadores, videntes, atores, músicos, entre outros – e em que ocasiões o faziam. Além disso, os textos fornecem indícios a respeito do comportamento de alguns escravos que habitavam as casas aristocráticas. Apesar do conteúdo nem um pouco imparcial das fontes textuais, cujos autores em geral buscam estigmatizar os grupos subalternos, foi possível analisar a questão do acesso às casas nos banquetes e na *salutatio* e rastrear determinadas táticas de resistência empregadas por parte dos clientes e escravos. Neste momento, recorro à arquitetura e aos grafites procedentes de Óstia para investigar alguns usos das *domus* pelos grupos subalternos que os textos não contemplam. A partir dessas fontes, é possível explorar os espaços das mansões em que as pessoas comuns se reuniam, o que faziam nesses lugares, sobre o que conversavam e assim por diante.

A Arquitetura e os Grafites das *Domus* Ostienses

Para iniciar, analiso a planta baixa e a distribuição dos grafites pertencentes à chamada *Domus delle Muse*. Essa documentação, entretanto, apresenta problemas que precisam ser discutidos. A *Domus delle Muse* fazia parte de uma espécie de condomínio fechado luxuoso – denominado pelos arqueólogos como *Case a Giardino* – instalado na cidade por volta de 128 d.C. Nessa época, o piso térreo desse complexo era composto pela *Domus delle Muse*, por dezesseis refinados apartamentos (*insulae*) e por muitas lojas. A *Domus delle Muse*, por ser o maior edifício e o único cuja arquitetura ignorava o jardim utilizado em comum pelos outros apartamentos, tem sido interpretada como uma mansão e não como uma *insula*. A história construtiva das *Case a Giardino* é longa, mas para os propósitos dessa pesquisa basta saber que no século III d.C. aparentemente o local assumiu um caráter mais comercial que residencial. A *Domus delle Muse*, a *Case delle Pareti Gialle* e a *Casa del Graffito*, contudo, mantiveram-se como moradias de luxo. Estima-se que no final desse século, por volta de 270-275 d.C., um terremoto seguido de incêndio tenha atingido as *Case a Giardino*. Alguns apartamentos foram abandonados enquanto outros foram reconstruídos. A *Domus delle Muse*, ao que parece, ainda era utilizada como uma casa aristocrática, já que mesmo no século IV d.C. alguns mosaicos foram reparados e paredes foram repintadas.

Como revelam os grafites encontrados na *Domus delle Muse* (imagem 40), sua fachada era um dos lugares em que os grupos subalternos se reuniam.

Imagem 40 – Distribuição dos grafites na Domus delle Muse.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: os losangos em laranja representam a localização aproximada dos grafites.

É difícil datar ou interpretar o conteúdo dos grafites encontrados nos muros externos da *Domus delle Muse*, pois, no geral, tratam-se de textos e desenhos muito fragmentados (imagens 41 e 42).

Imagem 41 – Grafite G0247 situado na fachada da Domus delle Muse.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Imagem 42 – Grafite G0248 situado na fachada da Domus delle Muse.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Apenas um dos grafites situados no entorno da *Domus delle Muse* pode ser lido com facilidade (imagem 43). No pilar situado à direita do portão que levava à casa, encontra-se gravada a palavra *contiquere*. Com base no estilo das letras e no contexto arqueológico desse grafite, Carlo Molle (2014, p. 59) sugere que tenha sido realizado no início do século III d.C.

Imagem 43 – Grafite com a palavra "Contiquere" no portão das Case a Giardino.

Fonte: MOLLE, 2014, p. 56.

Para Molle, trata-se do verbo inicial do primeiro verso do livro II da Eneida¹⁰⁰: *Contiquere omnes intentique ora tenebant*, que pode ser traduzido como “todos se silenciaram e, atentos, prestavam atenção”. Na poesia épica de Virgílio, o termo é usado em uma sentença que precede o momento em que Eneias, a pedido da rainha Dido, começa a narrar sua saída de Troia em busca de uma nova terra. É difícil confirmar a interpretação de Carlo Molle, já que o grafite se trata de uma única palavra. No grande trabalho lexicográfico *Lexicon Totius Latinitatis*, do filólogo italiano Egidio Forcellini, a

¹⁰⁰ Obra composta por Virgílio na época de Augusto (31 a.C. a 14 d.C.). Trata-se de um poema épico sobre as origens míticas de Roma, bem como sobre o regime militar implantado por Otávio após o fim das Guerras Civis (31 a.C.). Virgílio narra os feitos de Eneias, tido como um herói associado ao surgimento de Roma e da elite (*gens Iulia*) de César e Augusto. Eneias, enfim, representa a figura do chefe militar (*imperator*) do fim da República.

forma *conticuere* também aparece em Marcial (livro VII epigrama LXXX) e em Ovídio (Metamorfoses 5.572). Ovídio a emprega quando uma das personagens está prestes a contar uma história erótica, em um gracejo com o modo como o próprio Virgílio recorreu ao termo.

Tendo ou não sido retirado da Eneida, o termo *conticuere* é uma palavra de natureza erudita que representa a forma poética de *conticuunt*. Ainda que o responsável por essa intervenção tenha cometido um erro de grafia, pois a terceira sílaba leva a letra “C” e não a “Q”, esse grafite sugere uma difusão da alfabetização na cidade de Óstia e o grau de instrução de um dos possíveis frequentadores da *Domus delle Muse*. Palavras e estruturas eruditas, de acordo com Pedro Paulo Funari (1996, p. 46), chegavam às pessoas comuns pela escola, mas também por meio de outras situações sociais, como no contato corriqueiro com os membros da elite. Os versos eruditos, vale lembrar, eram também oralmente transmitidos e bastante usados como uma maneira de exercitar a memorização, leitura e escrita. Em linhas gerais, portanto, tais intervenções atestam a reunião de pessoas – ao menos uma alfabetizada – nos arredores da *Domus delle Muse* e a liberdade que tinham para se apropriar de seus muros e pilares como meios de expressão.

A utilização das paredes externas das *domus* como veículo de expressão popular foi uma prática que não se restringiu a Óstia na Antiguidade Tardia. Em Pompeia, no século I d.C., a mansão denominada *Vila dos Mistérios*, que de acordo com Funari (1996, p. 29) pertencia ao aristocrata N. Istacídio Rufo, também teve um de seus muros externos grafitado (imagem 44).

Imagem 44 – Desenho do grafite com a caricatura do dono da Vila dos Mistérios.

Fonte: FUNARI, 1996, p.30.

A intervenção consiste em uma caricatura de Rufo, que foi representado narigudo, careca, com queixo grande, orelhas pequenas e laureado como imperador. Acima do desenho, encontra-se a legenda: “este é Rufo” (*rufus est*). Tal grafite, nas palavras de Funari (1996, p. 29), “permite observar o grau da oposição popular à elite local e, ao mesmo tempo, o espaço de liberdade de que dispunha o povo comum graças às intervenções murais”. Nesse caso, a crítica social está no conteúdo do grafite e não no fato em si de se grafitar a entrada da casa. Na Antiguidade, afinal, o grafite não possuía uma conotação necessariamente subversiva, pois mesmo um convidado de honra podia fazê-lo em algum cômodo da casa, a exemplo do que se vê no triclinio (10) da *Domus delle Muse*. De todo modo, vê-se no caso analisado por Funari um possível paralelo que sustenta a ideia de que as *domus* podiam ser utilizadas como pontos de encontro e reunião pelos grupos subalternos, assim como seus muros e pilares podiam servir de suporte para a manifestação de sentimentos e opiniões.

Os grafites realizados na fachada da *Domus delle Muse*, entretanto, podem ter sido obra de pessoas agrupadas ao redor dos estabelecimentos comerciais que se avizinhavam da porta de entrada dessa mansão. As salas 17 e 18, por exemplo, possivelmente eram lojas, pois não possuíam relação com o interior da *domus* e abriam-se diretamente para a rua. O mesmo pode ser dito do cômodo 3, que talvez tenha sido um comércio. Essa sala tem sido interpretada como uma cozinha da casa, pois além de se conectar ao vestibulo, nela os arqueólogos descobriram uma bacia que teria sido utilizada para lavar louças (PAVOLINI, 2006, p. 157).

Ainda que o cômodo (3) possa ter sido um local de produção de alimentos, isso não implica que a produção tenha se voltado para dentro da casa. Em primeiro lugar, essa sala ficava distante da sala de jantar da casa (10). Sabe-se que a *Domus delle Muse* contava com um outro ambiente de serviço (11), não apenas vizinho, mas conectado ao triclinio. Esse ambiente (11) parecia ser mais apropriado que o cômodo 3 para servir de cozinha. Além de estar imediatamente ao lado do triclinio, possuía uma janela apropriada para dar vazão à fumaça. Continha, ainda, pinturas que possivelmente aludiam ao mito em que Zeus era alimentado pela cabra Amalteia, além de representações de flores e folhas dentro de um vaso acompanhados da figura de um jovem (PAVOLINI, 2006, p. 160). Em resumo, mesmo a decoração dessa sala parecia remeter ao tema da alimentação. Em segundo lugar, a localização dessa sala em uma esquina também sustenta a ideia de que possa ter sido um ambiente comercial. Em Pompeia, por exemplo, a grande maioria

dos estabelecimentos comerciais em situavam-se em cruzamentos, uma vez que isso lhes conferia maior visibilidade dentro da cidade e funcionava como um ponto de encontro de pessoas¹⁰¹. No caso da *Domus delle Muse*, além do mais, uma série de números grafitados na parede sul do cômodo 3 poderiam estar ligados às transações financeiras do estabelecimento ou a anotações feitas por alguém que trabalhava no local (imagem 45).

Imagem 45 – Grafite G0232 na sala 3 da Domus delle Muse.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Em suma, os grafites na fachada da *Domus delle Muse* podem indicar um agrupamento de pessoas antes na esquina que em torno da casa propriamente dita e dizer muito mais sobre a vida dos grupos subalternos na rua que na *domus*.

De volta à distribuição dos grafites na *Domus delle Muse*, observa-se que uma dessas intervenções foi realizada no vestíbulo (1) da casa (imagem 46). Na parede esquerda desse cômodo, encontra-se um desenho que lembra a proa de um barco (LANGNER, 2001, n. 2221). Martin Langner, no entanto, propõe que tal grafite seja datado de meados do Império Romano. Ao que parece, o autor sugere essa datação baseado na época de construção da parede em que se encontrava. Vale ressaltar que o edifício se manteve em funcionamento pelo menos até o século IV d.C. (PAVOLINI, 1985, p. 253; PAVOLINI, 2006, p. 156-160). Portanto, a meu ver, deve-se considerar a hipótese de que o grafite possa ter sido realizado em um período mais tardio da história da mansão.

¹⁰¹ Sobre os estabelecimentos comerciais em Pompeia, ver: ELLIS, 2003.

Imagem 46 – Desenho do grafite G0389 no vestibulo da Domus delle Muse.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

O grafite apresentado na imagem acima foi realizado sobre o gesso colorido – em amarelo, vermelho e branco –, possuía um tamanho relativamente grande (59x49 cm) e foi gravado a uma altura de 1,1 m do piso¹⁰². O desenho seguramente se relaciona ao fato de que os barcos faziam parte do cotidiano de Óstia, uma cidade portuária. Mas nem só por isso esses veículos compunham a cultura visual da população ostiense, uma vez que também se faziam presentes nas encenações teatrais, corridas e batalhas navais (FUNARI, 2003, p. 125-126). A meu ver, esse grafite pode ser uma evidência dos possíveis lugares em que um dos frequentadores da *Domus delle Muse* circulava, como teatros e arenas, bem como um indício dos temas que permeavam os diálogos travados nesse cômodo.

Uma série de grafites também foram encontrados nos corredores que ladeavam o pátio central da *Domus delle Muse*. Dois deles, encontrados lado a lado na parede que ficava em frente ao cômodo 19, merecem destaque (imagem 47). O primeiro tem sido interpretado como o farol do *Portus*. O segundo, localizado à direita do farol, trata-se de um suposto desenho da Coluna de Trajano, realizado com grande cuidado e precisão, acompanhado pelo seguinte texto: “PVTE[olanus?] | H | HIERON PI | NXIT”.

¹⁰² Poucos grafites, de acordo com Martin Langner (2001, p. 75), são maiores que 40x40 cm.

Imagem 47 – Grafites (G0228) do farol do Portus e da Coluna de Trajano.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Para Raissa Calza e Ernest Nash (1959, p. 25), o texto trata-se da assinatura de um indivíduo de origem grega chamado Hierão. De acordo com a tentativa de reconstrução das letras gravadas sobre o desenho, Hierão se apresentou como sendo de Puteoli. É interessante que uma pessoa de origem grega, possivelmente um habitante de Puteoli, tenha desenhado um monumento de Roma na parede dessa mansão em Óstia. Tanto a representação do farol quanto a da Coluna de Trajano sugerem uma circulação de pessoas e ideias provenientes de diferentes localidades no interior dessa mansão.

A documentação arqueológica e os grafites oriundos da *Domus delle Muse* apresentam uma série de problemas, a começar pela frágil interpretação de que essa casa ainda funcionava na Antiguidade Tardia, fundamentada apenas em algumas pinturas e mosaicos realizados em cômodos específicos. Além disso, a maioria dos grafites dessa mansão não foram datados ou foram atribuídos a um período anterior à Antiguidade Tardia. Apesar de todos esses obstáculos, com cautela pode-se extrair desse material algumas conclusões. Os grafites e a planta da casa permitem falar em uma apropriação criativa do espaço doméstico aristocrático pelos grupos subalternos. As pessoas comuns, reunidas tanto na fachada quanto no interior da casa, desenhavam nos pilares e paredes, podiam conversar sobre as embarcações no porto, sobre ofícios ligados à vida marítima e trocar informações e notícias que circulavam por diferentes cidades do Império Romano.

Grafites descobertos no interior de outras *domus* ostienses aparentemente podem ser atribuídos com mais segurança ao período da Antiguidade Tardia. No pátio da *Domus del Tempio Rotondo* (290-300 d.C.), por exemplo, foram encontrados cinco grafites sobre o mármore que pavimentava o piso (imagem 48). Visto que o mármore foi inserido na fase mais tardia do edifício, a datação dessas intervenções pode ser atribuída ao século IV d.C.

Imagem 48 – Distribuição dos grafites na Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nota: os losangos em laranja representam a localização aproximada dos grafites.

Dois desses grafites (G0057; G0058) são fragmentos de textos. Um deles (G0058) apresenta apenas as iniciais “MA” e foi gravado ao lado da coluna esquerda que ficava na entrada da sala principal (D) (imagem 49).

Imagem 49 – Grafite G0058 no pátio da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

O outro se encontra na soleira do cômodo D, entre as duas colunas. Apenas as letras finais [...] “RDVS” foram conservadas (imagem 50).

Imagem 50 – Grafite G0057 no pátio da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

A meu ver, tais grafites podem ser as letras iniciais e finais, respectivamente, dos nomes ou mesmo dos apelidos de seus autores. Pesquisas realizadas sobre os tipos de grafite (nomes, saudações, anúncios, números, letras e desenhos) encontrados em diferentes cômodos das casas aristocráticas de Pompeia podem sustentar essa hipótese (LOHMANN, 2015, p. 74). Vinte e seis nomes gravados no peristilo da chamada *Casa di Paquio Proculo* (I7, 1.20), por exemplo, sugerem que os grupos subalternos (servos, moradores ou visitantes) tinham interesse em registrar suas passagens pelas *domus* pompeianas (LANGNER, 2001, p. 109). Nesse sentido, os ocupantes do pátio da *Domus del Tempio Rotondo* talvez tenham gravado essas letras para indicar que faziam parte do grupo de indivíduos que frequentavam essa mansão. Contudo, ambos foram feitos com letras bem pequenas, o que pode ser um sinal de que seus autores não esperavam que suas intervenções chamassem muita atenção. Nesse caso, uma outra hipótese é que esses

grafites podem ter sido feitos de forma mais desprezível, em um momento de tédio (GARRAFONI, 2005, p. 250).

É difícil precisar o significado atribuído a esses dois grafites. Apesar disso, denotam formas de ocupação das *domus* diferentes daquelas trazidas pelas fontes textuais, em geral preocupadas com a descrição do comportamento ritualizado dos grupos subalternos em cerimônias como os banquetes e a *salutatio*. Os usuários dos pátios, por exemplo, talvez os clientes do proprietário da casa ou mesmo os escravos domésticos, podiam escrever no chão, sentar-se nos degraus ou escorar-se nas colunas, posturas que sugerem usos mais dinâmicos das *domus* por parte das pessoas comuns.

Ainda na *Domus del Tempio Rotondo*, sobre o primeiro degrau da escada que culminava na sala principal (D), encontra-se um grafite mais complexo cujo tema é uma luta entre um homem e uma fera (imagem 51). Trata-se de uma cena de veação (*venatio*), isto é, uma representação das caçadas de animais ferozes, algo bastante recorrente entre os grafites do mundo romano¹⁰³.

Imagem 51 – Grafite representando a veação no pátio da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: MOLLE, 2014, p. 56.

Em tal grafite a fera, talvez um leão, está em posição galopante e ataca o homem a sua direita. O homem parece usar um capuz e possivelmente traz uma arma em punho – a parte inferior do grafite se perdeu junto com o pedaço de mármore sobre o qual foi realizada. O lutador aparenta ter sido representado em um momento de dificuldade na

¹⁰³ Martin Langner (2001), em seu livro *Antike Graffitizeichnungen: Motive, Gestaltung und Bedeutung*, apresenta uma série de cenas de veação encontradas, por exemplo, em Roma, Pompeia, Herculano, Timgad e Éfeso. Ver catálogo n. 1063-1128.

luta. Conforme sugerem a torção do rosto e o corpo levemente inclinado para a esquerda, o homem buscava se afastar do animal e evitar o confronto direto (MOLLE, 2014, p. 58). Esse grafite, ao contrário dos anteriores, é mais trabalhado e certamente demandou mais tempo de seu autor. Sendo assim, é possível que o tempo de permanência das pessoas nos pátios fosse variável, breve para uns e longo para outros. Esse desenho é também um indicativo do perfil social de certos frequentadores dessa casa. Nesse caso, possivelmente trata-se de um indivíduo que circulava pelas arenas e pelos anfiteatros e admirava os animais exóticos frequentemente presentes nas caçadas de animais ferozes. Contudo, deve-se ter em mente que a cena representada pode simplesmente ter sido copiada de uma moeda (LANGNER, 2001, p. 54-56).

Outros dois grafites descobertos no pátio da *Domus del Tempio Rotondo*, interpretados por Eric Taylor e Jan Theo Bakker como “motivos geométricos e vegetativos”, a meu ver em muito se assemelham a tabuleiros de jogos. Um círculo com linhas inscritas em seu interior (G0056) foi sulcado em frente ao par de colunas que está na entrada da sala principal (imagem 52).

Imagem 52 – Grafite G0056 no pátio da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

O grafite apresentado na imagem parece uma variação de jogos encontrados em Óstia e em outras cidades romanas como, por exemplo, Léptis Magna (atual Líbia), Carnunto (atual Áustria) e Roma. O grupo “Ostia Graffiti Project”, chefiado por Francis Brenders, também encontrou um tabuleiro em um degrau na varanda da sede de uma associação profissional (talvez a dos *fabri navales*), conhecida pelos arqueólogos como Schola del Traiano (IV, V, 15) (imagem 53).

Imagem 53 – Grafite de um tabuleiro no pórtico da Schola del Traiano.

Fonte: FORO.

Disponível em: <<https://www.ostia-foundation.org/fun-and-games-in-ostia/>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Nesse caso, o grafite também no formato de um círculo (com 54,6 cm de diâmetro) é cortado por quatro linhas que dividem a área em oito partes iguais. Ao todo é possível contar nove “estações” – oito dispostas na parte periférica e uma no centro. Esse grafite tem sido interpretado como o tabuleiro de um jogo que os estudiosos nomearam de *Rota*. Com base em um artigo publicado no *The Classical Journal* (vol. XI, março, 1916, p. 365), a equipe responsável pela descoberta do grafite pôde acessar as regras desse jogo. Dois jogadores disputavam, cada um com três peças que deviam ser diferenciadas daquelas do oponente – por cor, formato, marcação, etc. Para começar, um jogador possivelmente escolhido por sorteio posicionava uma de suas peças em uma estação. Em seguida, era a vez de seu adversário. Assim prosseguiram até que as seis peças estivessem posicionadas sobre o tabuleiro. Feito isso, alternadamente tinham que movê-las de uma estação a outra até que um dos jogadores conseguisse alinhar suas três peças. Era proibido ocupar uma mesma estação com duas peças, passar a vez de jogar ou pular de uma estação a outra sem que fossem vizinhas imediatas.

Um grafite semelhante a esses encontrados em Óstia foi descoberto em um mercado da cidade de Filipos. Para Langner, trata-se igualmente de um tabuleiro datado da Antiguidade Tardia (séculos IV-VI d.C.)¹⁰⁴ (imagem 54).

¹⁰⁴ n° 34 no catálogo de Langner.

Imagem 54 – Desenho de um grafite de um tabuleiro em um mercado da cidade de Filipos.

Fonte: LANGNER, 2001, nº 34 no catálogo.

Este último possuía 100 cm de diâmetro e trazia o nome do proprietário do estabelecimento, um açougue segundo Langner. No interior do grafite, como se observa, escreveu-se em grego o nome IOANNOU MAGROU. No que diz respeito ao número de divisões internas, esse grafite se assemelha mais ao encontrado no pórtico da *Schola del Traiano*. Entretanto, também apresenta semelhanças com o encontrado na *Domus del Tempio Rotondo*, já que ambos possuem “estações” tanto no centro quanto nas bordas.

Já o outro grafite descoberto na *Domus del Tempio Rotondo*, o qual também sugiro ser um tabuleiro, foi desenhado a sudeste da fonte d’água e é bem diferente dos apresentados até agora (imagem 55). Trata-se de um quadrado cortado por uma linha na vertical e outras duas na horizontal.

Imagem 55 – Grafite G0059 no pátio da Domus del Tempio Rotondo.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Ao compará-lo com outros grafites listados nos trabalhos de Langner, foi possível traçar semelhança com um desenho encontrado no teatro de Afrodísias (imagem 56). De acordo com Langner, trata-se de um busto frontal acompanhado por dois tabuleiros, sendo um deles praticamente idêntico ao grafite descoberto na *Domus del Tempio Rotondo*.

Imagem 56 – Desenho de um grafite com um busto frontal e dois tabuleiros no teatro de Afrodísias.

Fonte: LANGNER, 2001, nº 583 no catálogo.

É importante observar o caráter improvisado desses tabuleiros, o que sugere que seus autores eram frequentadores ocasionais do espaço, os quais utilizavam o tempo de espera para jogar. Ainda que o jogo fosse uma prática adotada também pelos aristocratas, penso que os donos das casas poderiam ter seus próprios tabuleiros móveis. Aliás, as cenas de jogos de apostas em pinturas e mosaicos mostram tabuleiros em mesas de madeira. Portanto, creio que esses tabuleiros improvisados “à faca” no chão da *Domus del Tempio Rotondo* eram obra de indivíduos pertencentes aos grupos subalternos.

Caso minha interpretação sobre esses grafites esteja correta, verifica-se que os pátios das mansões podiam ser utilizados pelos subalternos para um tipo de prática que falava diretamente à experiência da instabilidade e da dependência econômica que marcavam suas vidas. Conforme sugere Nicholas Purcell (1995, p. 22), as esperanças dos munícipes mais humildes para sobreviver e melhorar suas condições de vida dependiam do acesso repentino ao dinheiro. Uma possível forma de sanar esse problema era por meio dos jogos, os quais possuíam relação direta com as apostas (PURCELL, 1995, p. 9). Dentro do contexto dessas competições, então, mesmo os mais pobres podiam se mover da base para o topo da hierarquia social, conforme observa Barbara Kellum (1999, p. 288). É difícil dizer se esses jogos eram puramente de estratégia, se envolviam a sorte dos participantes – por meio da rolagem de um ou mais dados, por exemplo – ou, ainda, se eram uma mistura dos dois. Seja como for, em geral os jogos e as apostas eram fenômenos culturalmente variados e característicos das sociedades antigas mais complexas. Além

das conotações religiosas por trás da sorte e da competição inerentes à maioria dos jogos, destaca-se sua associação a um tipo particular de habilidade cognitiva, dadas suas implicações matemáticas e geométricas. Essa sofisticação numérica do jogo, em última análise, pode estar associada aos padrões de alfabetização da antiguidade romana (PURCELL, 1995, p. 5).

Essa é uma visão que vai contra o discurso moralista da aristocracia, que tende a conceber o jogo como um vício intimamente ligado a dependentes desocupados da elite. Dentro da tradição satírica, por exemplo, os jogadores são associados aos parasitas, homens que viviam à margem da sociedade e buscavam, por meio dos favores dos ricos, ascensão social e uma vida confortável (PURCELL, 1995, p. 7). A crítica dos satiristas aos jogos possui dois lados: é uma desgraça quando praticado por pessoas comuns, mas é esperteza e engraçado quando se trata da elite (PURCELL, 1995, p. 9). Amiano tem tamanho desprezo pelos jogos que, mesmo tendo sido influenciado pela escrita satírica, evita essa distinção e manifesta seu escárnio por qualquer tipo de jogador, seja um aristocrata ou um plebeu (28, 4, 21; 14, 6, 25-26). Para esse autor, o jogador faz parte de uma comunidade infame e aparece ao lado de mímicos, bailarinos, bêbados e debochados (p. 8-9). Enfim, essa preocupação da elite com os jogos pode estar associada à possibilidade de enriquecimento e mobilidade social que traziam às pessoas comuns. O dinheiro é um importante elemento do status e o jogo tem a ver com dinheiro: o principal objetivo do jogo para os desvalidos, afinal, é o lucro (PURCELL, 1995, p. 9).

De volta aos grafites, trato agora de outra casa, a *Domus su via degli Augustali* (275-300 d.C.) (imagem 57). No piso da maior sala (B), porém não a mais representativa dessa mansão, encontra-se um grafite (G0386) de um gladiador equipado com escudo e capacete e acima de sua cabeça a letra “S” (imagem 58). Essa casa faz parte de um grupo composto pelas menores residências aristocráticas da cidade de Óstia e tem sido interpretada como tal por conter alguns elementos decorativos de luxo (PAVOLINI, 1985, p. 259). O ambiente em que se encontrava o grafite fica entre um longo corredor (A) e o principal cômodo (C) dessa *domus*. Ao que parece, tinha função semelhante àquela dos pátios nas casas maiores.

Imagem 57 – Planta baixa da Domus su via degli Augustali.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/regio5/10/10-1.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Para Jan Theo Bakker, o grafite possivelmente trata-se da representação de um gladiador denominado perseguidor (*secutor*). Como explica o próprio Bakker, no entanto, o lutador está portando um tridente, arma utilizada pelo retiário (*retiarius*), um oponente habitual do *secutor*. A meu ver, nesse caso o responsável por esse grafite uniu elementos de dois tipos diferentes de gladiadores para criar um combatente único e personalizado. Essa ação espontânea e criativa sugere uma visão própria do autor do grafite sobre as batalhas entre os gladiadores, ao invés de um “consumo” meramente passivo desses espetáculos. Além disso, o gladiador gravado na *Domus su via degli Augustali* foi desumanizado, carece de expressões faciais e corpóreas, sendo composto apenas por sua arma, como também se nota em grafites procedentes de Pompeia, onde muitos gladiadores não são representados como indivíduos donos de suas práxis, mas como propriedade particular de outro (como escravos) e como propriedade coletiva da comunidade (como gladiadores) (FUNARI, 1996, p. 42).

Imagem 58 – Grafite G0386 na sala B da Domus su via degli Augustali.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

No capítulo anterior, vimos que os pátios eram amplos, bastante acessíveis e alinhavam-se a salas elevadas, apropriadas para a apresentação dos poderosos diante de seus dependentes e convivas, por exemplo, nas saudações (*salutatio*) e nos banquetes. Tal estrutura espacial distanciava os *domini* das pessoas dispostas nos pátios. Parece-me que principal efeito dessa segregação dos grupos subalternos era sua confluência em um mesmo espaço que, conforme os grafites sugerem, poderia facilitar a sociabilidade entre eles, assim como lhes conferir maior autonomia para que empregassem diferentes modos de ação nos pátios das mansões. As apropriações desses ambientes pelas camadas populares eram bastante criativas e traduziam diretamente sua experiência de vida. Nos pátios, as pessoas podiam se acomodar nos degraus, apoiar-se nas colunas, escrever ou desenhar no piso desses ambientes, conversar sobre os mais diversos espetáculos, trocar notícias e informações e até mesmo desafiar umas às outras em jogos de tabuleiro, que eram rabiscados de maneira improvisada no pavimento dos pátios das mansões.

Um grafite encontrado na *Domus del Protiro* revela que além dos vestibulos e dos pátios, os grupos subalternos podiam fazer uso de outros ambientes das mansões (imagem 59).

Imagem 59 – Grafite G0348 no último degrau da escada que levava ao subsolo da Domus del Protiro.

Fonte: Ostia Antica.

Disponível em: <<http://ostia-antica.org/~graffiti/gr.htm>>. Acesso em 01 mar. 2019.

Apesar de ser uma intervenção de difícil interpretação, foi realizada em um contexto muito interessante, pois ficava à beira do último degrau que levava a um compartimento subterrâneo que fazia parte da *Domus del Protiro* (imagem 60).

Imagem 60 – Escada que dava acesso ao subsolo da Domus del Protiro.

Como já mencionado no capítulo anterior, autores como Bakker (1994, p. 35) e Neuerburg (1965, p. 193-194) acreditam que esse compartimento tenha sido destinado às atividades religiosas ocorridas na *Domus del Protiro*. Nesse local foram descobertos vários nichos e uma espécie de altar. Entretanto, essa interpretação já foi contestada por

outros estudiosos. Para Hermansen (1982, p. 117), o cômodo é visto como um local de armazenamento de alimentos a temperaturas mais frias, assim como um lugar de trabalho, já que os arqueólogos também descobriram um poço de água nesse ambiente.

Entre os nichos encontrados nesse subsolo, um deles ficava em frente à escada que dava acesso ao recinto. Uma estátua de um gênio com cornucópia e serpente, segundo Bakker, pode ter ocupado tal nicho (BAKKER, 1994, p. 35). Nesse caso, pode ser que o autor do grafite tenha se acomodado no degrau para interagir, à sua maneira, com a divindade que supostamente ocupava o nicho alinhado à escada. Uma outra hipótese é que o grafite tenha sido realizado por algum servo doméstico habituado a circular pelo aposento, por exemplo, para extrair água do poço. De todo modo, é importante frisar que a escada da *Domus del Protiro*, cuja função primordial era permitir o acesso ao cômodo subterrâneo, foi reempregada de uma maneira diferente daquela planejada. Além disso, esse grafite se encontra em um espaço relativamente recluso da mansão, ao contrário daqueles realizados no pátio da *Domus del Tempio Rotondo*. Isso pode ser um sinal de que seu autor estivesse nesse local para ficar afastado das áreas mais movimentadas da casa.

Do Cotidiano à Revolta: as Mansões como Alvo

Até aqui, vimos alguns dos usos das casas pelos grupos subalternos, usos próprios e até mesmo clandestinos. Existe, ainda, outra forma de subversão das intenções dos aristocratas: as casas implantadas na paisagem urbana para afirmar o poder dos *domini* podiam virar alvo de revoltas. Para declaradamente expressarem seu prestígio, como vimos no primeiro capítulo, as elites ostienses tornavam suas *domus* perceptíveis na topografia da cidade. Nesse sentido, equipavam-nas com entradas monumentais, avizinhavam-se dos focos de atração popular, dos lugares destinados às atividades políticas e das grandes avenidas, e para isso transpunham qualquer obstáculo que estivesse na paisagem. As casas, quando construídas em pontos estratégicos na malha urbana, conferiam a seus donos maior visibilidade pública, mas, ao mesmo tempo, eram colocadas na mira dos ataques.

Não há notícias de ofensivas contra casas em Óstia, devido à natureza de nossas fontes, mas esses eventos eram recorrentes na Antiguidade Tardia. Além de bem documentados em Amiano Marcelino, também aparecem em outros autores como

Malalas (XVI, 19), Libânio (*Or.* XIX, 32-6; XXII, 9) e Sócrates de Constantinopla (*Historia Ecclesiastica*, V, 13, 6), como observa Julio Cesar Magalhães de Oliveira, em artigo ainda inédito – *Late Antiquity: Age of Crowds?* (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, inédito, p. 22-24).

Por ora, concentremo-nos na obra de Amiano Marcelino, que contém diversos relatos sobre revoltas populares em que as *domus* eram alvejadas pela população, sobretudo nas grandes cidades do Império. Em 14, 7, 6, a título de exemplo, o autor descreve os desdobramentos de uma escassez de alimentos em Antioquia, ocorrida possivelmente em 354 d.C., cujo principal desfecho foi o incêndio da casa de um membro da elite local, Eubulo, bem como a morte de Teófilo, governador da Síria¹⁰⁵.

Amiano (14, 7, 5) não especifica as causas dessa míngua de alimentos, mas dá a entender que solucioná-la era tarefa difícil (*multas difficilesque causas*)¹⁰⁶. A iminência da penúria causou ansiedade entre a população, que por meio de aclamações expressas em um lugar de espetáculo dirigiu-se a César Galo para lhe cobrar uma solução (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2018, p. 39-40). De acordo com Amiano, o imperador não estabeleceu nenhum plano, tampouco providenciou o transporte de alimentos das províncias vizinhas, prática habitual entre os imperadores em momentos de escassez¹⁰⁷ (Amm. 14, 7, 5). César Galo, ainda, responsabilizou Teófilo pela crise, pois em réplica à “multidão temerosa” (*metuenti multitudini*), disse que ninguém ficaria sem comida caso o governador assim o quisesse (Amm. 14, 7, 5).

Mais tarde, apenas quando a fome já havia atingido a população, uma multidão alvejou a mansão do decurião Eubulo, acusado de monopolizar o trigo, e atacou o governador Teófilo:

Essas coisas aumentaram a audácia da multidão mais infame (*vulgi sordidioris*); e como agravava-se a penúria de alimentos, num impulso de fome e furor (*famis et furoris impulsu*), incendiaram a casa suntuosa (*domum ambitiosam*) de certo Eubulo, homem notável dentre os seus, e atacando o governador [Teófilo] com chutes e socos, como se ele lhes

¹⁰⁵ Teófilo era governador da Síria e havia recebido o título de *consularis*, título já antigo que, a partir de Constantino, passou a ser entregue aos governadores que se destacavam em sua administração.

¹⁰⁶ Entre os possíveis motivos que levaram a essa escassez de alimentos, de acordo com Mathews (2010, p. 406), encontram-se as colheitas fracas realizadas na primavera e no início do verão de 354 d.C., talvez em função de situações climáticas adversas, assim como os interesses dos proprietários de terra. A isso, soma-se um provável desvio de víveres da região para as áreas fronteiriças durante a expedição militar de Galo contra os persas.

¹⁰⁷ Segundo Mathews (2010, p. 407), havia entre governadores e cidadãos líderes uma tradição de prover, a suas próprias custas, grãos para as cidades para salvá-las dos momentos difíceis. No entanto, o autor enfatiza que não fica claro se tais figuras tinham a obrigação de oferecer esse serviço a uma cidade tomada pelo corte imperial juntamente com todos os seus consumidores extras.

tivesse sido entregue por uma ordem imperial (*imperiali addictum*), despedaçaram-no em horrenda dilaceração, pisoteando-o semimorto. Depois de seu assassinato lamentável, cada qual temia algo semelhante por conta da demonstração recente, refletindo na morte de um homem o retrato de seu perigo¹⁰⁸.

Amiano atribui o ataque à *ambitiosa domus* de Eubulo e o assassinato de Teófilo a uma turba desprezível (*vulgi sordidioris*), guiada por um impulso de fome e de raiva¹⁰⁹ (*famis et furoris impulsu*). Ao dizer que o governador foi atacado como se tivesse sido entregue à turba “por um julgamento imperial”, o autor sugere que o discurso público de Galo sobre o *consularis* teria sido interpretado pela multidão como uma espécie de sentença de morte contra o próprio (MATTHEWS, 2010, p. 407). Para os insurretos, além do mais, a falta de atitude de Teófilo, mesmo após ter sido responsabilizado pela crise, era sinal de que havia um conluio entre o governador e os líderes da cúria de Antioquia, como Eubulo (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2018, p. 40). Ao que parece, portanto, o recurso da plebe à violência resultou das disputas pelo poder entre grupos dirigentes e de uma percepção popular de estar agindo de maneira legítima, autorizada pelo imperador (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2018, p. 40). Segundo Amiano, a ação dos manifestantes teve grande impacto sobre outros poderosos, os quais passaram a temer que pudesse lhes ocorrer algo semelhante.

A maneira como Amiano se refere à residência do decurião, uma “mansão suntuosa” (*ambitiosa domus*), pode ser um indício de sua proeminência na paisagem urbana de Antioquia. Para os aristocratas, vale lembrar, ter uma casa imponente era uma maneira de legitimar sua autoridade perante outros grupos sociais. Aos olhos da população, no entanto, a *ambitiosa domus* foi vista como um símbolo do poder aristocrático a ser destruído. O ataque à casa, em última análise, era um ataque ao próprio Eubulo, e só ocorreu após os manifestantes não conseguirem matá-lo, isto é, quando souberam de sua fuga para o sopé do Monte Sílpio (MATTHEWS, 2010, p. 407).

Lúcio Aurélio Aviano Símaco também teve sua mansão alvejada pela plebe por volta de 364-365 d.C. Em seus trabalhos, Amiano Marcelino fala sempre com muito afeto

¹⁰⁸ Amm. 14, 7, 6 (trad. Pedro Benedetti): *Auxerunt haec vulgi sordidioris audaciam; et cum ingravesceret penuria commeatum, famis et furoris impulsu Eubuli cuiusdam inter suos clari domum ambitiosam ignibus subditis inflammavit, rectoremque ut sibi iudicio imperiali addictum calcibus incessens et pugnīs, conculcans seminecem laniatu miserando discerpit. Post cuius lacrimosum interitum, in unius exitio quisque imaginem periculi sui considerans, documento recenti similia formidabat.*

¹⁰⁹ De acordo com Libânio (*Or.* XIX, 47), contudo, Teófilo foi assassinado no hipódromo por cinco bronzistas em uma corrida de cavalos.

sobre Símaco, a quem considerava digno de ser agrupado entre os exemplos mais notáveis de sabedoria e moderação (27, 3, 3). O incêndio da casa de Símaco, portanto, é entendido por Amiano como resultado da propagação de uma calúnia sobre sua pessoa, levada adiante por plebeus incapazes de reconhecer os méritos de um aristocrata que tanto prezava pela população. Na época, Símaco ocupava o cargo de prefeito de Roma (*praefectus urbi*) e, como sugere Amiano, a cidade desfrutava de um período extraordinário de calma e prosperidade. O aristocrata, além do mais, teria sido autorizado pelo imperador a dedicar, a suas próprias custas, a construção de uma ponte sobre o rio Tibre. Segundo Amiano, de início os cidadãos se alegraram com a nova construção, mas provaram-se “íngratos” (*ingratorum*), como o próprio resultado mais tarde demonstrou:

Anos depois, atearam fogo à belíssima casa (*domum pulcherrimam*) de Símaco que ficava na região do Trastevere, motivados por um certo plebeu insignificante (*vilis quidam plebeius*) que, sem nenhum informante ou testemunha, alegou que o prefeito dissera que preferia usar seu vinho para resfriar seus fornos de cal a vendê-lo pelo preço que a população esperava¹¹⁰.

No texto acima, Amiano comenta que a mansão de Símaco foi incendiada após a circulação de um boato infundado sobre o prefeito, disseminado por um plebeu vil¹¹¹ (*vilis quidam plebeius*). Esse episódio já foi bastante discutido entre os historiadores. Rita Lizzi (1995, p. 140), por exemplo, atribui a difusão do boato a um inimigo político de Símaco e evoca a capacidade dos poderosos de controlar a população por meio dos laços de patronato. Outros estudiosos, como Julio Cesar Magalhães de Oliveira e Nicholas Purcell (1999, p. 153), enfatizam mais as razões de agir dos próprios grupos subalternos e sugerem que o boato só encontrou terreno fértil porque falava à experiência plebeia e mobilizava a consciência da dependência econômica e da precariedade que marcava suas vidas. (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, inédito, p. 32). Caso contrário, a receptividade do rumor e a indignação que causara nas pessoas comuns não teriam sido tão intensas. O ataque à casa de Símaco, nessa perspectiva, revela uma tentativa da parte dos mais fracos

¹¹⁰ Amm. 27, 3, 4 (trad. autor): *Qui consumptis aliquota annis, domum eius in Transtiberino tractu pulcherrimam incenderunt, ea re perciti, quod vilis quidam plebeius finxerat, illum dixisse sine indice ullo vel teste, libenter se vino proprio calcarias extincturum, quam id venditurum pretiis quibus sperabant.*

¹¹¹ A ideia de misturar vinho nos fornos de cal não era tão absurda quanto possa parecer à primeira vista. A partir de evidências encontradas em Plínio (*Naturalis historia*, 36, 181), por exemplo, estudiosos como Matthews (2010, p. 416) e Rougé (1961, p. 59-77), lembram que de fato tratava-se de uma técnica empregada para a produção de um cimento (*maltha*) impermeável destinado a construção de piscinas (*piscinae*), assim como a pavimentação de pisos e paredes.

de impedir que certos aristocratas tirassem proveito de sua condição de vida instável, constantemente ameaçada pela fome, pela violência, pelo empobrecimento repentino e por outros infortúnios (MAGALHÃES DE OLIVERA, inédito, p. 11).

Nesse caso, embora o motivo da revolta fosse outro, Amiano novamente faz questão de destacar os atributos da casa de Símaco, a qual caracteriza como uma “belíssima mansão” (*domum pulcherrimam*). O incêndio foi mais uma vez o método usado pelos manifestantes para destruir a *domus* e subverter o que ela representava. A investida contra a residência, como se sabe, forçou a fuga de Símaco para longe da cidade. Em carta enviada a Vétio Agório Pretextato em 376 d.C., quase dez anos após o ataque, Quinto Aurélio Símaco ainda falava sobre o incidente e comentava que seu pai, desde o ocorrido, retirou-se para o campo para “digerir” a perda de sua residência (Simm. *Ep.* 1, 44, 1).

A partir desse caso, podemos outra vez observar o valor atribuído às casas pelos *domini* e as possibilidades que os grupos subalternos tinham de virá-lo, por assim dizer, de cabeça para baixo. Símaco precisou se recolher durante alguns anos para refletir sobre a perda de sua *domus*, mas também, possivelmente para preservar sua vida. A ofensiva contra uma mansão, nesse sentido, era um duro golpe contra seu proprietário e podia afetá-lo de maneira significativa e por um longo tempo, como a carta de Símaco sugere. Embora tenha passado esse período longe da cidade, no Ano Novo de 376 d.C. Símaco voltava a Roma graças a um decreto do senado seguido de aclamações populares (Simm. *Ep.* 1, 44; 2, 38; MATHEWS, 2010, p. 417). Como Matthews (2010, p. 417) explica, o episódio revela que as relações entre os senadores e o povo romano podiam ser intensas e dinâmicas. Um político ilustre como Símaco, afinal, podia ir da alta popularidade à reprovação expressa por meio de motins e, mais tarde, retornar à estima pública.

Caio Ceônio Rúfio Volusiano Lampádio, sucessor de Símaco como prefeito de Roma, também teve que lidar com uma revolta popular semelhante. Antes de assumir o cargo de *praefectus urbi*, Lampádio presidira a prefeitura pretoriana e, de acordo com Amiano, já nessa época havia enfrentado os tumultos das camadas populares. Mesmo tendo financiado jogos grandiosos e feito doações muito generosas, a população com frequência o obrigava (*urgentis*) a doar ainda mais (Amm. 27, 3, 6). A situação de Lampádio não foi diferente quando assumiu a prefeitura de Roma, pois também foi perturbado por motins frequentes. Nas palavras de Amiano, em uma dessas revoltas:

Uma turba composta pela ralé dos plebeus (*plebs infima*) reuniu-se em frente à sua casa localizada perto das Termas de Constantino (*prope Constantinianum lavacrum*) e a teriam queimado com tochas (*facibus*) e martelos incendiários (*malleolis*) caso seus familiares (*familiarum*) e vizinhos (*vicinorum*) não tivessem subitamente avançado até o local e dispersado a multidão atirando pedras e telhas da cobertura da casa. Aterrorizado por essa violência [...], Lampádio fugiu para a Ponte Múlvia [...], como se lá esperasse o cessar de um tumulto que foi despertado por uma causa séria. É que cada vez que se preparava para construir novas pontes ou reformar outras já existentes, não ordenava que os materiais fossem comprados com recursos de um fundo habitual. Se precisava de ferro, chumbo, bronze ou qualquer coisa do tipo, sob pretexto de comprá-los, enviava subordinados que se apropriavam desses vários artigos sem pagar nada. Como consequência, [Lampádio] tão só em virtude da rapidez com que agiu pode escapar dessa pobre gente, exaltada pela raiva e não mais capaz de suportar esses roubos contínuos¹¹².

No texto acima, Amiano novamente descreve os envolvidos na revolta de forma pejorativa (*plebs infima*). O objetivo daqueles que se opunham a Lampádio também era queimar sua casa, embora nesse caso o incêndio não tenha sido consumado graças à colaboração dos familiares de Lampádio, no amplo sentido do termo, e de seus vizinhos. Embora a casa não tenha sido incendiada, o aristocrata foi forçado a deixar a cidade tal como observado nos casos anteriores e por pouco conseguiu escapar. Apenas no final de sua narrativa Amiano revela que o ataque à mansão de Lampádio foi resultado de sua apreensão ilegal de ferro, chumbo e bronze de artesãos e lojistas para realizar obras públicas.

Nesse caso, Amiano não atribui qualidades à mansão, mas evoca sua localização perto das Termas de Constantino (*prope Constantinianum lavacrum*), provavelmente um local de intensa movimentação e aglomeração de pessoas. Além disso, deixa subentendido que a casa também estava próxima a outras habitações, já que os vizinhos rapidamente puderam sair em sua defesa. Essa união para impedir o incêndio, por um lado, pode ser explicada em virtude da cooperação desenvolvida ao longo do tempo entre os habitantes ou frequentadores assíduos de um mesmo bairro. Por outro lado, deve-se

¹¹² Amm. 27, 3, 8-10 (trad. autor): *Hic praefectus exagitatus et motibus crebris, uno omnium maximo, cum collecta plebs infima domum eius prope Constantinianum lavacrum iniectis facibus incenderat et malleolis, ni vicinorum et familiarum veloci concursu a summis tectorum culminibus petita saxis et tegulis abscessisset. Eaque vi territus ipse primitus crebrescentis seditionis in maius secessit ad Mulvium pontem [...], adlenimenta ibidem tumultus opperiens, quem causa concitaverat gravis. Aedificia erigere exoriens nova, vel vetusta quaedam instaurans, non ex titulis solitis parari iubebat impensas sed, si ferrum quaerebatur aut plumbum aut aes aut quicquam simile, apparitores inmittebantur, qui velut ementes diversa raperent species, nulla pretia persolvendo, unde accensorum iracundiam pauperum damna deflentium crebra aegre potuit celeri vitare digressu.*

considerar a possibilidade de que essas pessoas tenham agido pelo medo de morrer ou de perder suas propriedades situadas na vizinhança. De qualquer maneira, essa colaboração poupou o aristocrata de um grande prejuízo.

Nos três casos aqui investigados, Amiano Marcelino descreve revoltas populares de naturezas bastante distintas e atribui características às mansões alvejadas que reforçam a ideia de que simbolizavam o poderio de seus donos e se sobressaíam na topografia urbana. Em todos os episódios, as mansões tornaram-se alvo da população enfurecida, que tinha como objetivo atingir os aristocratas que as possuíam. A preocupação em se impor em pontos estratégicos do espaço urbano, penso, ao mesmo tempo em que era conveniente para as elites, assegurava os estilos de ação dos insurretos durante os motins, pois as mansões só podiam ser alvejadas quando o contexto espacial em que se encontravam permitisse. Casas vistosas e bem localizadas, muitas vezes em esquinas, em meio ao tráfego e à aglomeração de pessoas ficavam mais expostas às ações ofensivas, pois os manifestantes poderiam atacá-las e, com rapidez, se dispersar ou confundir-se com grupos de pessoas aglomeradas ou em movimento. À medida que a resistência aberta ao poder vigente poderia resultar em retaliação imediata, ao atacar as *domus* os envolvidos nesse tipo de ação deviam ser rápidos, objetivos e preservar seu anonimato. Em síntese, entendo que durante essas revoltas populares os aristocratas que tinham suas casas atacadas tornavam-se reféns de suas próprias intenções.

Voltando ao caso de Óstia, em geral, olhamos para a arquitetura das *domus* apenas a partir das intenções dos planejadores e dos proprietários, mas esses exemplos de ataques às casas enquanto símbolos do poder aristocrático nos mostram que a crescente proeminência das mansões na paisagem urbana – como vimos ao longo desta dissertação – podia ser, no mínimo, uma vantagem ambígua. Uma visão a partir de baixo nos permite, portanto, nuançar as impressões derivadas apenas do ponto de vista dos construtores e dos proprietários das moradias aristocráticas.

De tudo que foi visto, é possível concluir que, se por um lado as *domus* eram instrumentalizadas para legitimar o poder das elites, por outro eram apropriadas pelos grupos subalternos, nas mais diversas ocasiões, de formas variadas e que nem sempre atendiam às expectativas de seus proprietários. Essas pessoas, afinal, viam e apreendiam

as oportunidades de se beneficiarem mesmo às custas do espaço doméstico aristocrático, estrategicamente planejado para mantê-las em estado de submissão.

CONCLUSÃO

A partir do estudo das *domus* ostienses fundamentado no confronto entre evidências arqueológicas, epigráficas e textuais, foi possível investigar como as casas eram utilizadas por seus proprietários, por outros habitantes e frequentadores. De um modo mais geral, esse estudo nos levou a discutir questões mais amplas, como as transformações e a natureza das elites e das camadas populares, assim como alguns aspectos das relações sociais estabelecidas entre esses grupos durante a Antiguidade Tardia.

Nos séculos IV e V d.C., Óstia parece ter atraído representantes do alto escalão da aristocracia romana, como senadores, prefeitos da Annona e seus subordinados. Viu-se surgir, nessa época, um pequeno número de mansões aristocráticas cuja construção foi responsável por transformar os antigos contornos da malha urbana. Construções e restauros, possivelmente financiados pelos donos dessas mansões, foram realizados nos quarteirões e vias em que edificaram suas residências, a fim de garantir que fossem locais estratégicos e representativos dentro da cidade. Receberam investimentos, também, outros espaços públicos importantes para o desempenhar das atividades socioeconômicas das elites, como as termas, o fórum, as praças, o teatro, as lojas e mercados. O modo como esses aristocratas ocuparam o espaço urbano sugere que faziam parte de um grupo seletivo de indivíduos poderosos, abastados e competitivos.

O interior das *domus* ostienses também revela características importantes sobre as elites e seu contato com outros grupos. Essas casas contavam com ambientes que atendiam a diferentes propósitos, alguns adequados à recepção e acomodação de visitantes, outros à realização de cultos, banquetes e atividades intelectuais e outros, ainda, ao recolhimento do dono e parte de sua família. A disposição dos cômodos e a decoração eram planejados para dignificar o proprietário, intimidar ou comprazer outros aristocratas, mas também para manter os grupos subalternos sob controle e afastados dos *domini*. De dentro das mansões, como a análise dos textos revela, os proprietários podiam gerir negócios, desempenhar funções políticas, fortalecer elos de amizade e formar novas alianças visando expandir sua influência e obter novas conquistas. Os *domini* atentavam-se à preservação da história das casas e da memória de seus antepassados, no intuito de enaltecer sua linhagem distinta. Além disso, adotavam gestos, comportamentos e

discursos que elevavam seu poder e contribuíam para colocar seus espectadores em seu devido lugar.

Para além das elites, essa pesquisa permitiu conhecer com mais detalhes os grupos subalternos que se mantinham em contato com as *domus*, como os escravos domésticos e os visitantes. Como se viu, o perfil dos frequentadores das casas era variado e essas pessoas estavam autorizadas a ocupar áreas de comum acesso nas mansões, em geral a certa distância dos ambientes de uso exclusivo dos aristocratas. Dentro desses limites, no entanto, as apropriações desses espaços eram múltiplas. O degrau que tornava uma sala elevada, concebida em princípio para enaltecer o proprietário da residência e separá-lo de seu séquito, podia servir como assento e como suporte para que alguém, com um estilete em punho, expressasse seus sentimentos e opiniões. As colunas talhadas em pedras preciosas por certo comunicavam a riqueza do proprietário, mas podiam funcionar como recosto para aqueles que não tinham o privilégio de se reclinar em um sofá confortável ao lado do *dominus*. Da mesma forma, o mármore que valorizava o pavimento das mansões podia acomodar oponentes que contavam com certas habilidades, além da sorte, para rolar dados e mover peças na esperança de alcançar bons resultados nos jogos e ganhar algum dinheiro. Os usos cotidianos das *domus* também podiam assumir um caráter subversivo. Em determinadas situações, os clientes podiam proferir falsos elogios aos aristocratas para convencê-los de sua lealdade e garantir a obtenção de favores. Em outras, negociavam diretamente com os escravos seu acesso clandestino às casas para receber os presentes dos patronos sem o devido cumprimento de deveres.

Os escravos desempenhavam atividades variadas dentro das *domus* e se encontravam ora afastados em áreas de serviço nas extremidades das mansões, ora servindo a seus senhores até mesmo nos aposentos mais íntimos. Esse jogo de aproximações e distanciamentos, em contextos específicos, podia custar caro aos poderosos e trazer à tona resultados imprevisíveis. Alguns escravos, inteirados dos assuntos de seus patronos e, por vezes, de alguns segredos, podiam guardar essas informações e usá-las a seu favor em momentos oportunos. Outros, que bem conheciam a rotina e a configuração das casas, assumiam todos os riscos de uma fuga caso fosse necessário. As *domus* possibilitavam a criação de vínculos afetivos e a união entre os servos, o que, de certa forma, os tornava mais fortes e capazes de lutar contra a repressão dos aristocratas.

Os mecanismos de controle e segregação tão bem empregados pelos *domini* tinham, portanto, o efeito de aproximar esses grupos, que viam nas casas a oportunidade de se entreter, conviver, dialogar e formar laços que atendessem a seus interesses. Os subalternos nas *domus*, afinal, se encontravam em um espaço repleto de regras, as quais apreendiam e reinventavam com criatividade a todo instante.

A paisagem urbana em que estavam inseridas as casas aristocráticas também podia trazer desfechos inesperados para seus donos. Essas mansões chamativas e com cores vibrantes, verdadeiros monumentos em posição de destaque na cidade, podiam se tornar o alvo de uma multidão indignada. O contexto espacial que conferia aos proprietários das *domus* notabilidade e reconhecimento era o mesmo que assegurava o *modus operandi* da população durante os motins. Uma residência acessível e que atraísse um grande número de visitantes elevava o status de seu dono, mas, em uma ocasião de revolta, essa acessibilidade poderia facilitar um ataque rápido e certeiro. Da mesma forma, a localização das mansões em pleno centro da cidade, perto do fórum e ao lado de grandes termas, tornava a vida dos proprietários mais cômoda, mas em momentos de conflito poderia facilitar a dispersão e o anonimato dos revoltos. Nesses casos, a busca por espaços vistosos para a construção das *domus* podia assumir um significado para os aristocratas e outro diferente para a população, que as viam como alvos em potencial.

Apesar de todos os problemas relativos às fontes e das particularidades do sítio arqueológico de Óstia apresentados ao longo dessa pesquisa, creio que esse trabalho pode contribuir para o estudo das transformações das elites e das relações entre grupos sociais na Antiguidade Tardia. Alguns estudiosos entendem que, nesse período, a reconfiguração do poder imperial resultou na substituição das elites locais por funcionários diretamente apontados pelos imperadores e pouco interessados pelas cidades. A negligência desses notáveis para com os centros urbanos teria culminado no fechamento de espaços públicos outrora importantes para a vida social e política das pessoas comuns. Outros autores tendem a falar em uma coexistência entre essas diferentes elites e a negar o declínio urbano. Em Óstia, a inexistência de inscrições que comprovem a presença de uma elite local (*curiales*) a partir do século III d.C. sugere que a cidade tenha sido, de fato, governada por funcionários associados mais diretamente ao poder imperial.

A emergência desses aristocratas, no entanto, não parece ter levado Óstia à ruína. Seu interesse pelo local foi o que garantiu que a cidade se mantivesse ativa durante a Antiguidade Tardia, com o fórum, as termas e outros espaços em funcionamento. Embora

aplicassem recursos excessivos na monumentalização de suas casas, essas elites não parecem ter se isolado da vida pública, pois mantiveram investimentos em obras citadinas – ainda que de forma diferente do passado – às quais suas mansões estavam muito bem integradas. O domínio sobre os grupos inferiores também não parece ter sido pleno, já que grande parte dos investimentos eram feitos em locais que possibilitavam aos grupos populares se articularem e contestarem o poder. Mesmo quando investiam em suas *domus* de modo a impor distinções entre dominantes e dominados, um dos efeitos era fornecer a essas pessoas outro espaço para dialogarem e se mobilizarem.

Nesse sentido, além das mudanças referentes às elites que dirigiam a cidade de Óstia, essa pesquisa suscita questões a respeito da importância de se integrar o espaço no estudo da História Social. Para alguns estudiosos, as casas eram o reflexo de uma sociedade diferente dos séculos anteriores e de um período caracterizado por um abismo entre poderosos e subordinados. Para outros, refletiam uma sociedade que apresentava muitas semelhanças com o passado. Em ambos os casos, as casas são tidas como um cenário onde se desenrolavam as relações sociais e não se considera que a forma física, a localização geográfica e o investimento de sentido à casa tenham assumido um papel ativo na construção da sociedade na Antiguidade Tardia.

Como vimos, as *domus* ocupavam localizações geográficas únicas. Sobre esses locais, arquitetos e proprietários investiam muitos esforços para projetar e construir as mansões, cuja materialidade, a partir de então, fornecia os limites dentro dos quais se davam as relações de força e desigualdade entre dominantes e dominados. A forma física assumida por uma determinada mansão condizia com os interesses de seus idealizadores e conferiam durabilidade às diferenças e hierarquias sociais, pois seu traçado arquitetônico excluía e isolava de diversas maneiras os grupos subalternos que as habitavam ou visitavam. As casas, no entanto, eram constantemente reinventadas por essas pessoas, as quais as utilizavam segundo seus próprios interesses e atribuíam a elas novos significados. Ao mesmo tempo em que segregava e assegurava o controle dos poderosos sobre os destituídos, o espaço físico das *domus* aproximava os grupos subalternos e era o próprio meio que autorizava as práticas desviantes. As casas de elite, portanto, não eram apenas um reflexo ou a simples materialização das ideias e valores de uma época, mas elementos centrais e ativos na construção dessa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Sidonius. **Letters**: Books 3-9. Translated by W. B. Anderson. Loeb Classical Library 420. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965.

MARCELLINUS, Ammianus. **History**. With an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3 v.

SÍMACO, Quinto Aurelio. **Cartas**. Obra completa. Traducción y notas de José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos, 2000/2003.

Bibliografia Moderna

ALLISON, P. M. Labels for ladles: Interpreting the material culture of roman households. In: ALLISON, P. (org.). **The Archaeology of Households Activities**. Londres: Routledge, 2002. p. 57-77.

BAKKER, J. T. **Living and Working with the Gods**: Studies of Evidence for Private Religion and its Material Environment in the City of Ostia (100-500 AD). Amsterdam: Brill, 1994.

BECATTI, G. Case Ostiensi del Tardo Impero. **BdA**, v. 33, p. 102-128, 197-224, 1948.

BECATTI, G. Mosaici e pavimenti marmorei. **Scavi di Ostia**, IV, I, Roma, 1961.

BERRY, J. Boundaries and control in the Roman house. **JRA**, v. 29, p. 125-141, 2016.

BJORNEBYE, J. Mithraic Movement: Negotiating Topography and Space in Late Antique Rome. In: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJORNEBYE, J. **The Moving City**: Processions, Passages and Promenades in Ancient Rome. London: Bloomsbury Academic, p. 225-236, 2015.

BOEFT, J., DRIJVERS, J. W., D. HENGST, TEITLER, H. C. **Philological and Historical Commentary on Ammianus Marcellinus XXVIII**. Leiden: Brill, 2011.

BOERSMA, J. Private Latrines in Ostia: a case study. **BABesch**, v. 71, p. 151-160, 1996.

BOIN, D. **Óstia in Late Antiquity**. New York: Cambridge University Press, 2013.

BOWES, K. **Private Worship, Public values, and Religious Change in Late Antiquity**. New York: Cambridge University Press, 2008.

BOWES, K. **Houses and Society in the Later Roman Empire**. London: Gerald Duckworth, 2010.

CALZA, R., NASH, E. **Ostia**. Firenze: Sansoni, 1959.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 22. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petropolis: Vozes, 2014.

COOPER, K. **The Fall of the Roman Household**. New York: Cambridge University Press, 2007a.

COOPER, K. Closely watched households: visibility, exposure and private power in the roman domus. **PastPres**. Oxford, n. 197, p. 3-33, nov. 2007b.

DEY, H. W. **The Afterlife of the Roman City: Architecture and Ceremony in Late Antiquity and the Early Middle Ages**. New York: Cambridge University Press, 2015.

DICKMANN, J. Space and Social Relations in the Roman West. In: RAWSON, Beryl (Ed.). **A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds**. Chichester: Wiley-blackwell, cap. 3, p. 53-72, 2011.

DUNBABIN, K. M. D. **The Roman Banquet: Images of Conviviality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ELLIS, S. P. Late-antique dining: architecture, furnishings and behavior. **JRA**. Portsmouth, p. 41-51, 1997.

ELLIS, S. The End of the Roman House. **AJA**, [S.l.]. Vol. 92, No. 4. p. 565-576 Outubro, 1988.

ELLIS, S. P. Theories of Circulation in Roman Houses. In: Theoretical Roman Archaeology and Architecture, 1993, Glasgow. **The Third Conference Proceedings**. Glasgow: Cruithne Press, p. 75-98, 1999.

ESCRIBANO, L. S., DÍAZ, A. F. La Gorgona/Medusa en el Pavimento de una *Domus* de la Ciudad de *Carthago Nova*: un *Unicum* em un Conjunto de Mosaicos Geométricos y Bicromos. **AnMurcia**, v. 22, p. 73-108, 2006.

FLOWER, H. I. **Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture**. New York: Oxford University Press, 1996.

FUNARI, P. P. A. **Antiguidade clássica: a História e a Cultura a partir dos documentos**. Campinas: Edit. da Unicamp, 1995.

FUNARI, P. P. A. **Cultura Popular na Antiguidade Clássica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

FUNARI, P. P. A. A Escrita Cursiva Romana. **Clássica**, São Paulo, v. 11/12, n. 11/12, p. 213-230, 1998/1999.

FUNARI, P. P. A. Considerações sobre as Contribuições da Arqueologia para o Conhecimento da Instrução Latina. **Phaos**, [S.l.], v. 1, p. 105-114, 2001.

FUNARI, P. P. A. Conflict and the Interpretation of Palmares, a Brazilian Runaway Polity. **Hist Arch**, v. 37, n. 3, p. 81-92, 2003.

GARDNER, J. F.; WIEDEMANN, T. **The Roman Household: A Sourcebook**. London: Routledge, 1991.

GARRAFFONI, R. S. Contribuições da Epigrafia para o Estudo do Cotidiano dos Gladiadores Romanos no Início do Principado. **História (online)**, v. 24, n. 1, p. 247-261, 2005.

GEORGE, M. Domestic Architecture and Household Relations: Pompeii and Roman Ephesos. **Journal for the Study of the New Testament**. [S.l], v. 27, n. 1, p. 7-25, set. 2004.

GERING, A. Plätze und Strassensperren an Promenaden. Zum Funktionswandel Ostias in der Spätantike, **RM**, v. 111, p. 299-382, 2004.

GERING, A. Le ultime fasi della monumentalizzazione del centro di Ostia tardoantica, **MEFRA**, v. 126, p. 207-225, 2014.

GRIG, L. Cities in the “long” Late Antiquity, 2000-2012 – a survey essay. **Urban History**, v. 40, p. 554-566, 2013.

GUIDOBALDI, F. L’edilizia abitativa unifamiliare nella Roma tardoantica. In: GIARDINA, A. (Ed.). **Società romana e impero tardoantico**: Roma, politica, economia, paesaggio urbano. Roma: Laterza, 1986b. v. 2, p. 165-237.

HANAGHAN, M. Micro Allusions to Pliny the Younger and Virgil in Sidonius' Programmatic Epistles. **IJCT**, [S.l], v. 24, n. 3, p. 249-261, 2017.

HANAGHAN, M. **Reading Sidonius' Epistles**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

HARRIES, J. **Sidonius Apollinaris and the Fall of Rome AD 407-485**. Oxford: Clarendon Press, 1994.

HELLSTRÖM, M. Fast Movement through the City: Ideals, Stereotypes and City Planning. In: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJORNEBYE, J. **The Moving City: Processions, Passages and Promenades in Ancient Rome**. London: Bloomsbury Academic, p. 47-57, 2015.

HERMANSEN, G. **Ostia. Aspects of Roman City Life**, Alberta, 1982.

HILLNER, J. *Domus*, Family and Inheritance: The Senatorial Family House in Late Antique Rome. **JRS**, v. 43, p. 129-45, 2003.

KELLUM, B. The Spectacle of the Street. In: BERGMANN, Bettina; KONDOLEON, Christine (Ed.). **The Art of Ancient Spectacle**. Washington: National Gallery of Art, p. 283-299, 1999.

KNAPP, R. C. **Invisible Romans**: Prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women ... the Romans that history forgot. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

LAIRD, M. Reconsidering the So-called 'Sede degli Augustali' at Ostia. **MAAR**. V. 45, p. 41-84, 2000.

LANGNER, M. **Antike Graffitizeichnungen**: Motive, Gestaltung und Bedeutung. Wiesbaden: Ludwig Reichert Verlag, 2001.

LATHAM, J. A. **Performance, Memory, and Processions in Ancient Rome**: The Pompa Circencis from the Late Republic to Late Antiquity. New York: Cambridge University Press, 2016.

LAVAN, L. From polis to emporion? Retail and Regulation in the Late Antique City. In: MORRISSON C. (Ed.). **Trade and Markets in Byzantium**. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, p. 333-377, 2012.

LAVAN, L. Fora and Agorai in Mediterranean Cities during the 4th and 5th c. A.D. In: BOWDEN, W.; GUTTERIDGE, A.; MACHADO, C. (eds.). **Social and Political Life in Late Antiquity**. Boston: Brill, p. 195-249, 2006.

LAVAN, L. Public Space in Late Antique Ostia: Excavation and Survey in 2008-2011. **AJA**. v. 116, n. 4, p. 649-691, out. 2012.

LAVAN, L. Ostia: The final flowering of a great city. **British Archaeology**, v. 147, p. 34-41, 2016.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. **The Decline and Fall of the Roman City**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LIZZI, R. Discordia in urbe: pagani e cristiani in rivolta. In: CONSOLINO, F. E. (Ed.). **Pagani e cristiani da Giuliano l'Apostata al sacco di Roma**. Messina: Rubbetino, p. 115-140, 1995.

LOHMANN, Polly. Some Thoughts on the Habits of Graffiti-Writing: Visual Aspects of Scratched Inscriptions within Pompeian Houses. **ARC**. Cambridge, p. 70-76, abr. 2015.

MACHADO, C. Between memory and oblivion: the end of the roman domus. In: WITSCHERL, C.; BEHRWALD, R. (Orgs.). **Rom in der Spätantike**. Historische Erinnerung im städtischen Raum. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 111-138, 2012a.

MACHADO, C. Aristocratic houses and the making of late antique Rome. In: GRIG, L.; KELLY, G. (Eds.). **Two Romes**: Rome and Constantinople in Late Antiquity. Oxford: Oxford University Press, p. 136-158, 2012b.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C.. **Potestas populi**. Participation populaire et action collective dans les villes de l'Afrique romaine tardive (vers 300-430 apr. J.-C.). 1 ed. Turnhout: Brepols, 2012.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. Le peuple et le gouvernement des cités (IVe-VIe siècles). **AnTard**, v. 26, p. 23-49, 2018.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. **Late Antiquity: Age of Crowds?** Inédito.

MATTHEWS, J. **The Roman Empire of Ammianus**. London: Duckworth, 2007.

MEIGGS, R. **Roman Ostia**. Oxford: Clarendon Press, 1973.

MOLLE, C. Graffiti dalla Regio I (Latium et Campania). **SEBarc**, v. 12, p. 47-62, 2014.

NEUERBURG, N. L'architettura delle fontane e dei ninfei nell'Italia antica, **MemNap**, v. 5, Napoli, 1965.

ÖZGENEL, L. Public Use and Privacy in Late Antique Houses in Asia Minor: the Architecture of Spatial Control. In: LAVAN, L.; ÖZGENEL, L.; SARANTIS, A. (Eds.). **Housing in Late Antiquity - From Palaces to Shop**, Leiden: Brill, 2005.

PACKER, J. The Domus of Cupid and Psyche in Ancient Ostia. **AJA**, [S.l.], v.71, p. 123-131, abril 1967.

PASCUAL, E. S. **La Domus dels Dioscurs d'Ostia Antica**. Tarragona, 1993.

PAVOLINI, C. La trasformazione del ruolo di Ostia nel III secolo d.C. **MEFRA**, v. 114, p. 325-352, 2002.

PAVOLINI, C. Un gruppo di ricche case ostiensi del tardo impero: trasformazioni architettoniche e cambiamenti sociali. In: BRANDT, O.; PERGOLA, P. (Ed.). **Marmoribus Vestita: Studi in onore di Federico Guidobaldi**. Vaticano: Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, v. 2, p. 1025-1048, 2011.

PAVOLINI, C. L'édilizia commerciale e l'édilizia abitativa nel contesto di Ostia tardoantica. In: GIARDINA, A. (Ed.). **Società romana e impero tardoantico**: Roma, politica, economia, paesaggio urbano. Roma: Laterza, v. 2, p. 239-297, 1986a.

PAVOLINI, C. **La Vita Quotidiana a Ostia**. Roma: Laterza, 1986b.

PAVOLINI, C. **Ostia**. Bari, Roma: Laterza, 2006.

PAVOLINI, C. Rileggendo le domus delle Colonne e dei Pesci, **MEFRA**, v. 126, p. 1-23, 2014.

PAVOLINI, C. Opinioni diverse su Ostia tardoantica, 2014b. Resenha de: BOIN, D. Ostia in Late Antiquity, 2013. **JRA**, [S.l.], v. 27, p. 890-899, abr. 1987.

PAVOLINI, C. A Survey of Excavations and Studies on Ostia (2004–2014). **JRS**, [S.l.], v. 106, p. 199-236, set. 2016.

PAVOLINI, C. Per un riesame del problema di Ostia nella tarda antichità: indice degli argomenti, *Le regole del gioco. Studi in onore di Clementina Panella (A.F. Ferrandes - G. Pardini eds.)*, 385-405, Roma, 2016.

PENSABENE, P. I capitelli, **Scavi di Ostia**, VII, I, Roma, 1973.

PURCELL, N. Literate Games: Roman Urban Society and the Game of Alea. **PastPres**, v. 147, p. 3-37, mai. 1995.

PURCELL, N. The populace of Rome in late antiquity: problems of classification and historical description. In: HARRIS, W. V. (Ed.). **The Transformations of Vrbs Roma in Late Antiquity**. (JRA Suppl. 33). Portsmouth, 1999, p. 135-161.

SALZMAN, M. R., ROBERTS, M. **The Letters of Symmachus**: Book 1. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011.

SCOTT, J. C. **Weapons of the Weak**: Everyday Forms of Peasant Resistance. New Haven: Yale University Press, 1985.

SCOTT, S. The power of images in the late-Roman house. **JRA**. Portsmouth, p. 53-67, 1997.

SESSA, K. **Daily life in Late Antiquity**. New York: Cambridge University Press, 2018.

SHEPHERD, E. J.; OLIVANTI, P. Giardini ostiensi. **BullCom**, [S. l.], p. 69-98, 2008.

SOGNO, C. **Q. Aurelius Symmachus**: A Political Biography. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006.

STÖGER, H. Monumental Entrances of Roman Ostia: Architecture with Public Association and Spatial Meaning. **BABesch**, v. 82, p. 347-363, 2007.

THÉBERT, Y. Vida Privada e Arquitetura Doméstica na África Romana. In: VEYNE, P. (Org.). **História da Vida Privada, vol. I: Do Império Romano ao ano mil**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, p. 301-397, 1990.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TIONE, R. Le domus tardoantiche: nuovi elementi per l'interpretazione dell'edilizia abitativa attraverso la lettura stratigrafica degli elevati. **Mededelingen van Het Nederlands Historisch Instituut Te Rome**, v. 58, p. 191-208, 1999.

VAN AKEN, A. R. A. Late Roman Domus Architecture. **Mnemosyne**. Leiden, p. 242-251, jan. 1949.

VISSER, J. Sidonius Apollinaris, Ep. II.2: The Man and His Villa. **JLARC**, [S.l.], v. 8, p. 26-45, 2014.

WALLACE-HADRIL, A. **Houses and Society in Pompeii and Herculaneum.** Princeton: Princeton University Press, 1994.

WHITTOW, M. Ruling the Late Roman and Early Byzantine City: A Continuous History. **PastPres**, v. 129, p. 3-29, 1990.

WICKHAM, C. Marx, Sherlock Holmes, and Late Roman Commerce. **JRS**, [S.l.], v. 78, p. 183-193, 1988.

YEGÜL, F. K. **Baths and Bathing in Classical Antiquity.** New York: The MIT Press, 1992.